Diário de Lisboa

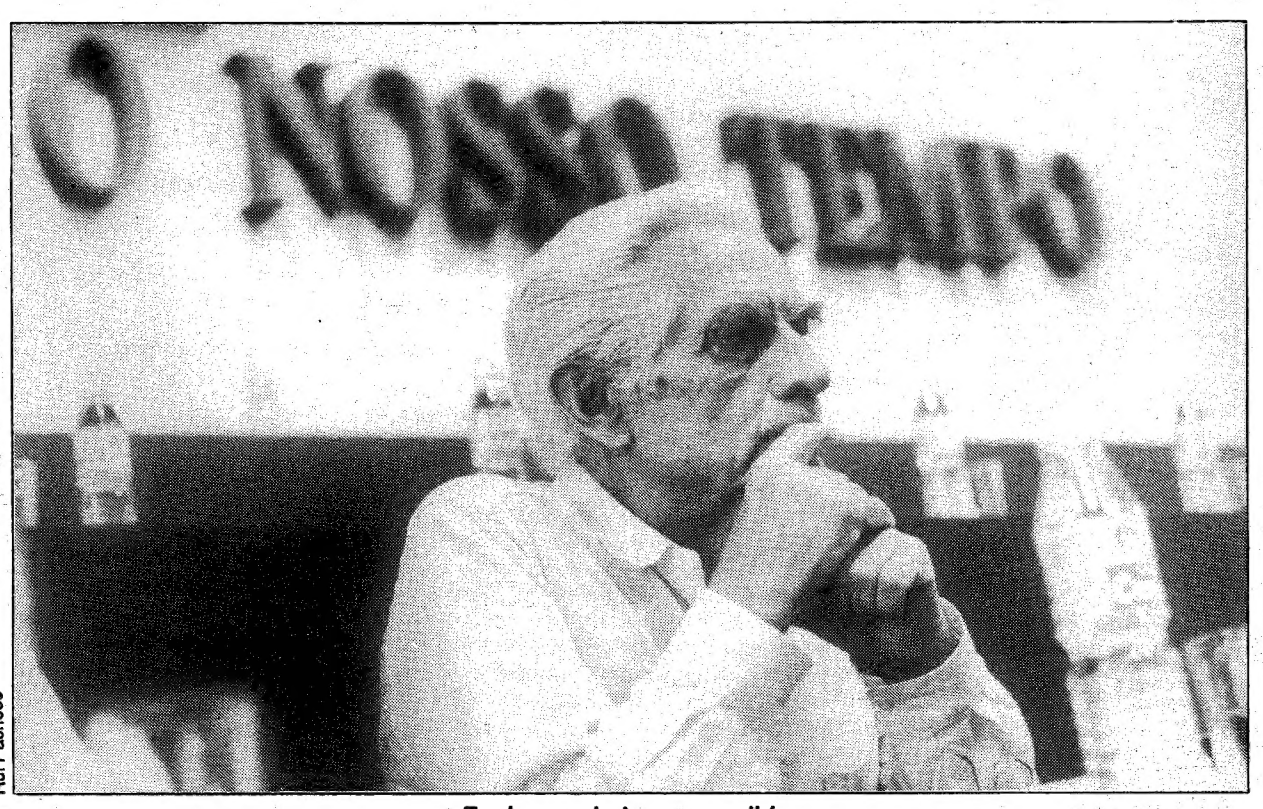
FUNDADO EM 1921 ANO70 Nº 23243 DIRECTOR **MÁRIO MESQUITA** DIRECTORA ADJUNTA **DIANA ANDRINGA** SEXTA-FEIRA 18 MAIO 90 60$00

PSD tira o tapete à gerência da RTP

A abstenção do Grupo Parlamentar do PSD, permitindo aprovar um voto de protesto contra o comportamento da televisão relativamente ao Parlamento, tirou, na prática, o tapete ao Conselho de Gerência e reforçou as expectativas sobre o futuro do inquérito parlamentar requerido pelo Partido Renovador Democrático. Nuno Delerue explicou o voto da Maioria dizendo que «a televisão existe para dar notícias e não para ser ela própria notícia». O pedido de inquérito será debatido em breve e há indícios de que o PSD não o inviabilizará, dispensando-se, assim, a assinatura dos 50 deputados da Oposição que estão dispostos a torná-lo vinculativo. **Pág. 4**

Hipótese em debate no Congresso

Candidato do PCP a Belém



Rui Pacheco

Em busca do tempo perdido

A possibilidade de ser apresentado um candidato do PCP às eleições presidenciais do próximo ano foi esta manhã admitida na abertura do XIII Congresso do partido. Tal hipótese é considerada na proposta de resolução política que foi colocada à discussão dos delegados. O documento final acrescenta às teses, que servirão de base à discussão no partido, a «ponderação de uma eventual candidatura da área do PCP». Trata-se de um avanço estratégico, ainda que tímido, e que, por isso, não fecha a porta a outras soluções.

Logo no começo dos trabalhos, José Geraldes, delegado da célula da Rodoviária Nacional de Setúbal, abriu a polémica ao pedir liberdade de apresentação de propostas de emenda aos documentos apresentados pelo Comité Central. Acusou este órgão de retirar poder aos delegados, privilegiando exclusivamente a Comissão de Redacção. **Pág. 8**

Centenário de um grande poeta

Sá-Carneiro, Mário «em exílio e além»

Arquivo DL/Direitos reservados

Nasceu faz amanhã cem anos, num prédio pombalino da Rua da Conceição, um dos maiores poetas portugueses de sempre: Mário de Sá-Carneiro. Morreu em Paris antes dos 26 anos e só agora começa a ser divulgado em França. Por cá, este centenário não justificou nenhumas comemorações de índole oficial, sequer a perspectiva de uma edição crítica das suas obras completas.

O DL aproveita a ocasião para divulgar de Mário de Sá-Carneiro algum material inédito, entre o qual uma carta e duas fotografias (uma, de 1904, nesta primeira página).Para além disto, diz-se da obra do poeta e também da importância dos seus versos para a poesia portuguesa que lhes sucedeu.

Págs. 20, 21 e 22

Stones: confirmada a vinda a Lisboa *Pág. 24*

Sendero Luminoso suspende a luta no Peru *Pág. 13*

A eutanásia perante Deus *Págs. 16, 17 e 18*

Maria Matos: «A Severa» contra a Câmara *Pág. 24*

Os livros voltam ao Parque *Págs. 2 e 3*

Novo código do procedimento administrativo *Pág. 5*

Lotaria: 1.º 2 930 2.º 7 497 3.º 59 175 *Pág. 14*

Hoje: «A Mosca» em suplemento

Roménia em véspera de eleições

Onda anticomunista nas ruas de Bucareste

Da nossa enviada especial Marina Tadeu

A dois dias das eleições romenas, cujo vencedor deverá ser a FSN, um punhado de jovens teima em manter-se em greve de fome no centro de Bucareste, como forma de protesto contra os comunistas no poder. O actual e (provável) futuro Presidente, Ion Iliescu, revelando-se incomodado com a acção, cometeu uma «gaffe» ao apelidar esses jovens de «vagabundos». A população, como resposta, aflui diariamente ao local, aos milhares, solidarizando-se com os grevistas.

Pág. 11

Pavilhões são 131, os livros encontram-se aos milhares e as palavras aos milhões... o DL adianta o que o leitor pode fazer na Feira do Livro, a feira da continuidade. Inaugura hoje, pela 60ª vez em Lisboa, uma tradição na cidade

GRANDE ANGULAR

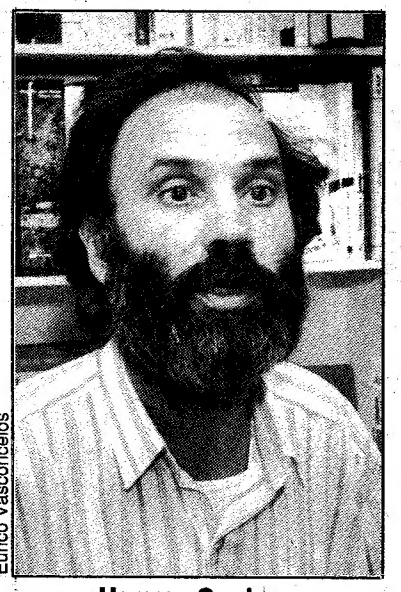
Livros: os hipermercados concorrem deslealmente

«As vendas na Feira do Livro não ultrapassam os 10 por cento das vendas anuais realizadas pela editora, mas não deixa de ser um acontecimento importante do ponto de vista comercial para a generalidade dos editores», disse ao DL Homero Cardoso, responsável pela gestão económica da Assírio e Alvim.

Para os livreiros, porém, a monotonia instala-se durante o tempo que dura a feira. «Prejudica o livreiro enquanto classe trabalhadora porque provoca uma recessão no consumo dos livros nas livrarias», disse, por sua vez, Miguel Bastos, responsável pela Castil-Alvalade.

Mesmo assim, as pequenas editoras, na opinião de Homero Cardoso, acabam por ser as menos beneficiadas, por terem apenas um pavilhão ou entregarem a terceiros a comercialização e por terem a sua grande fonte de receita nos livros do dia, cujo desconto é de 40 ou 50 por cento sobre o preço de capa. Permite-lhes, no entanto, mostrar todo o catálogo e promover livros que até aqui haviam sido esquecidos.

Para o livreiro, embora as novidades saídas durante a feira não tenham desconto, as pessoas acabam por comprá-las ali. Se se tratar de um *best-seller*, então o livreiro será prejudicado significativamente.



Eurico Vasconcelos

Homero Cardoso

Apesar de tudo, para Miguel Bastos, a existência da Feira do Livro é um factor positivo, pois cria hábitos de leitura e nem que seja a médio ou longo prazo, as pessoas passam a frequentar as livrarias.

«Todo o comércio, não só o dos livros, obedece ao ritmo do tempo, responde ao fluxo económico. O livro é um objecto de cultura, mas é um valor económico que vive da sua troca. O conceito de livreiro hoje não pode ser o de há anos atrás. Ele é um agente comercial sujeito a regras de mercado. Se não as seguir está condenado a fechar a porta. A quantidade de novidades editoriais por mês é tal que não há espaço suficiente para as colocar, nem tempo para o livreiro as conhecer», salienta Miguel Bastos.

Os perigos do hiper

Para Homero Cardoso, um dos perigos para os livreiros e para as editoras com catálogo de qualidade são os hipermercados que actuam somente na venda dos livros de grande consumo, *best-seller*, policiais, ficção científica e livros infantis, com descontos atraentes, tirando às livrarias a oportunidade de venderem mais do que o normal, escolhendo nas editoras, por meros critérios lucrativos, os livros que querem. Não ocupam o espaço cultural que caracteriza as livrarias, nem as feiras do livro.

Os livreiros, por outro lado, deixam de comprar livros de fundo, apenas novidades e em regime de rápida rotação. As editoras são obrigadas a fazer tiragens pequenas, aumentando por isso os preços dos livros.

O monopólio dos hipermercados acaba por não favorecer o consumidor. Aquilo que à partida parece ser um «bom negócio e barato», torna-se em termos globais «mais caro», porque os livros encarecem.

Às livrarias resta-lhes ou fechar e mudar de ramo ou especializar-se num determinado tipo de livro. Este fenómeno aconteceu em França nos últimos anos.

Francisco Paraíso

Miguel Bastos

Outro dos perigos dos hipermercados, neste sector, é a possibilidade de virem a controlar artificialmente os projectos editoriais das editoras, obrigando-as as editar apenas aquilo que se vende no supermercado, com a agravante de poderem, a seguir, liberalizar os preços. «A editora passa a produzir em maior quantidade, mas como o hiper penetrou na rede de distribuição das livrarias, ela fica na sua mão», refere Miguel Bastos.

Mesmo assim, para o responsável pela Castil-Alvalade «é rentável ser livreiro». As pessoas nunca deixam de ir às livrarias por que é ali que se encontram os livros que o hiper não vende. O consumo do livro depende de factores culturais mais vastos, como a intervenção das universidades, do cinema, do vídeo e de todos os fenómenos mediáticos modernos.

«O hiper não é um ponto específico enquanto espaço de consumo, é um ponto abstracto. Ele actua no conceito de caro-barato, mas não combate a ideia de livraria, enquanto espaço do livro e de difusão de cultura. Por isso, as livrarias não vão acabar», defende Miguel Bastos.

Rui Ferreira e Sousa

Portugueses são avessos a ler e a comprar livros

Ler e comprar poucos livros faz parte do quotidiano dos portugueses. A Feira do Livro, segundo estatísticas fornecidas ao DL pela APEL, é o local onde se vende menos se compararmos com as vendas em livrarias, clubes do livro e alfarrabistas.

Dos dois mil inquiridos, no ano passado em Portugal, somente 43,3 por cento costumam comprar livros. Destes, 72,1 por cento adquirem-nos em livrarias, 15,3 por cento fazem-no por correspondência, 27,4 por cento através de clubes de livro, 11,4 por cento no sistema porta-a-porta, 1,7 por cento nos alfarrabistas e apenas 1,4 por cento nas Feiras do Livro.

Em 1988, 27,4 por cento dos dois mil inquiridos compraram livros, enquanto em 1987 o número atingia os 33,4 por cento, em 1986 subiu aos 38,2 e em 1985 foi de 29,1 por cento. Em 1988, 1,8 por cento das pessoas compraram livros nas feiras, em 1987 o número registou 3,2 por cento, enquanto em 1986 registou 1,3 por cento e em 1985 foi apenas de 0,8 por cento. No ano de 1989, dos 43,3 por cento dos inquiridos que compraram livros, 4,9 costumam comprar um a dois livros por ano, 12,1 por cento entre três e quatro livros, 7,7 entre cinco e seis livros, 6,8 por cento entre sete e dez livros, 6,4 por cento entre 11 e 20 livros, 1,9 por cento entre 21 e 50 livros e 0,3 mais de 50 livros por ano.

A estatística da APEL referente às edições, no ano de 1988, registaram 5499 títulos contra 3942 no ano de 1987. A Literatura Geral regista 70,16 por cento de aumento nos títulos publicados, enquanto a Banda Desenhada apresenta 75 por cento. O menor aumento registou-se no Livro Infanto-Juvenil com um aumento de 14,38 por cento.

Em 1988, a produção global e o montante de vendas da produção dos associados da APEL foi de 15.265.404 contos, contra 11.653.551 contos em 1987 e 12.649.515 em 1986.

Segundo disse ao DL um porta-voz da APEL, é difícil fazer um estudo económico credível no sector, visto que os editores e livreiros não respondem aos inquéritos patrocinados por aquele associação.

R.F.S.

A feira da continuidade

Liberalização dos preços preocupa Associação Portuguesa de Editores e Livreiros

«A Feira do Livro deste ano é uma feira na continuidade, mas com uma componente cultural e promocional mais forte que as anteriores. Não deixa, porém, de ser um negócio, um mercado ao ar livre que cria leitores e onde se pode encontrar todo o tipo de livros. Esse papel cultural não o têm nem as livrarias, nem as grandes superfícies, os hipermercados, que desenvolvem uma concorrência desleal e prejudicam o livreiro», disse ao DL Francisco Espadinha, presidente da APEL, Associação Portuguesa de Editores e Livreiros.

Eurico Vasconcelos

Francisco Espadinha

Sessenta anos é uma boa idade para uma feira que no ano passado recebeu a visita de cerca de 600 mil pessoas e movimentou 200 mil contos no conjunto dos 125 pavilhões. Mas ela é ainda este ano, com 131 pavilhões, uma feira sem grandes rasgos inovadores, respondendo à preocupação primeira para que foi criada: vender livros, monos e algumas novidades, sem grandes preocupações de qualidade.

Segundo Francisco Espadinha, as feiras têm tudo, desempenham um papel único, nomeadamente no trabalho de pesquisa bibliográfica, numa altura em que desapareceram das livrarias os fundos editoriais, transformando-as em meros espaços de rotação do livro.

Para o presidente da APEL, o negócio da feira favorece sobretudo as pequenas editoras que podem rapidamente realizar o dinheiro investido e promover os seus livros. Com a venda imediata, apesar do clássico desconto de 20 por cento, a feira permite-lhes encurtar o tempo entre os custos da publicação e o retorno dos lucros.

A Feira do Livro vista como concorrente das livrarias é uma ideia errada, na opinião de Francisco Espadinha, pois é naquele espaço aberto que muita gente «toma contacto pela primeira vez com o livro, criando hábitos de leitura».

Preços livres

Concorrência desleal é a que se passa a nível dos hipermercados, os quais vendem a preços competitivos, significativamente mais baratos que nas feiras ou nas livrarias. Os preços do livro são tabelados por cima, sendo livre a sua comercialização. Portugal arrisca-se, aliás, a ser o único país da Europa em que o preço do livro não é fixo. A política de preço fixo ou de desconto até cinco por cento, como defende a APEL, só pode ser disciplinado através de intervenção governamental.

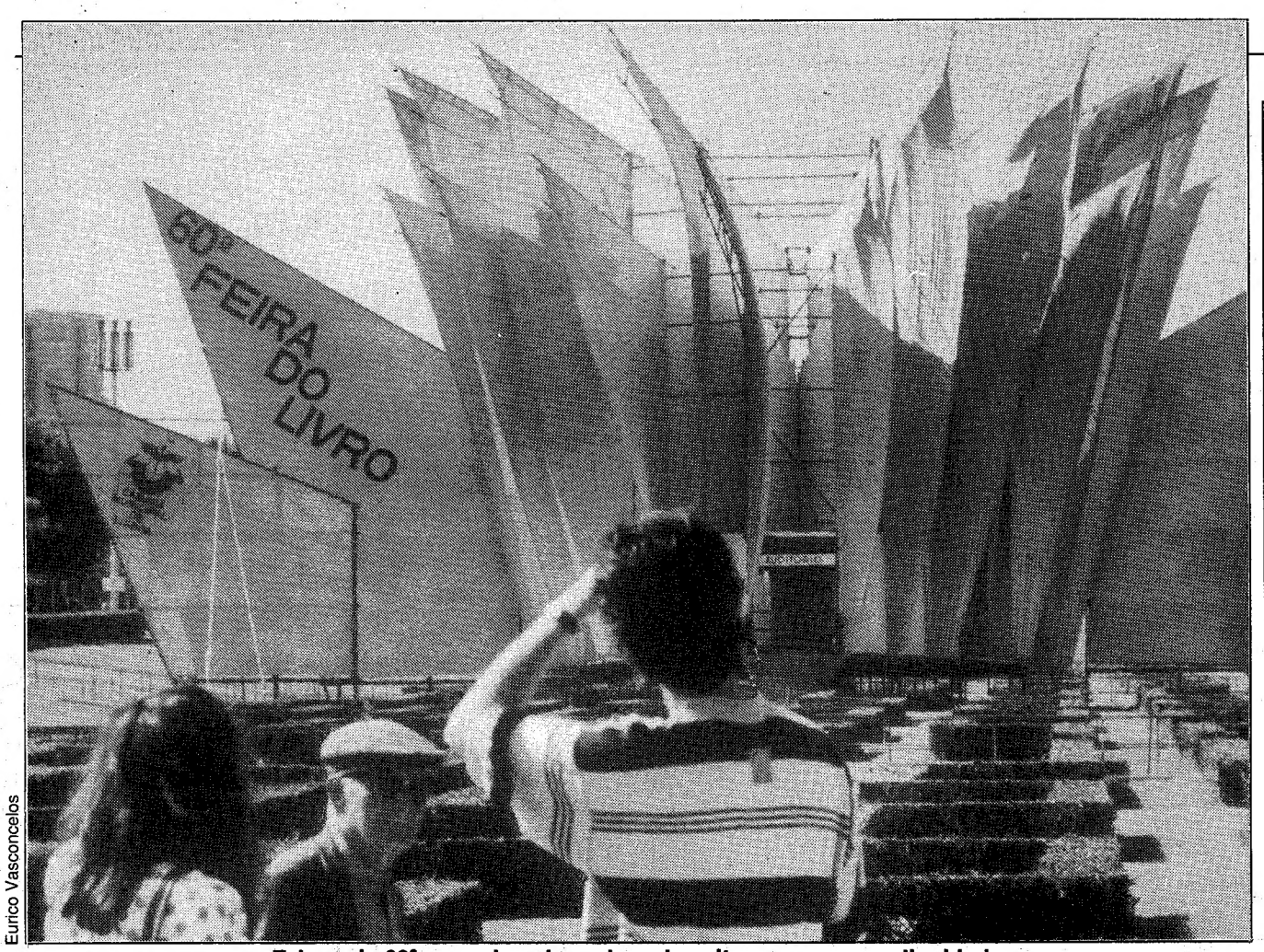
Livros a mil escudos na livraria, 800 escudos na Feira e 600 no hipermercado, compete ao consumidor escolher o local de compra. A escolha não é difícil, quem ganha é o hiper, que ainda por cima vende couves, sapatos, chocolates e papel higiénico.

A capacidade financeira de poder comprar em quantidade e a pronto, permite aos hipermercados beneficiar da oferta de uma unidade por dúzia e de outras regalias das editoras. Estas grandes superfícies chegam ao ponto de perder dinheiro com a venda de livros, utilizando essa atitude como chamariz para vender outros produtos.

Quem protesta são os livreiros e as pequenas editoras de livros de qualidade. Muitas livrarias não têm aguentado esta concorrência, acabando por fechar. Salvam-se as implantadas nos centros comerciais.

Segundo o presidente da APEL e editor da Presença, «as editoras não podem negar-se a vender o produto a essas grandes superfícies porque terão problemas com os responsáveis das Actividades Económicas».

R.F.S.



Eurico Vasconcelos

Feira pela 60ª vez sob o signo de mais cultura, mas na continuidade

A cultura na praça pública

Com a Feira do Livro, é todos os anos a mesma cena: uns atacam, outros defendem. Para os primeiros, ela devia ser mais europeia, porventura, mais breve e deixar-se meter num recinto tipo FIL, comportando-se, assim, como uma vaga, mas digna parente da Feira de Frankfurt. Para os segundos, ela está muito bem no Parque e é aí que deve permanecer, de preferência, com melhor música e com «carrinhas» de farturas estrategicamente colocadas entre os pavilhões dos editores. De forma democrática, para o «alfacinha» curtir. Independentemente de tudo o mais, a verdade é que a Feira acontece sempre que o Maio desce à cidade, trazendo-lhe durante três semanas um novo espaço de passeio para os transeuntes curiosos e para os amantes do desconto.

Mas a Feira do Livro não pode ser assim um mero supermercado de livros, improvisado para servir somente os interesses do comerciante e depois cair no esquecimento, uma vez deitadas as contas à vida. Não pode ser, porque, dessa forma, não se honrariam os livros expostos, nem a cidade, nem tão-pouco os largos milhares de pessoas que anualmente visitam o certame.

Ao comércio é necessário acrescentar a animação cultural, as iniciativas que permitam frequentar e não simplesmente vir à Feira, como quem vai a um local que uma vez visto, não requer mais atenções.

No sexagésimo aniversário da Feira, a Secretaria de Estado da Cultura associa-se ao Instituto Português do Livro e da Leitura para animar o pavilhão colocado à entrada do Parque. Segundo Ana Costa Almeida, da SEC, referiu ao «DL», este espaço estará munido de um pequeno auditório, onde se realizarão todas as noites sessões musicais. Mas não é tudo. À música, erudita ou não, acrescenta-se o cinema português e a encenação de textos dos dois grandes centenários literários de 1990: Mário de Sá- Carneiro e Camilo Castelo-Branco. Por outro lado, ás duas exposições evocativas de cada um dos escritores, junta-se, na de Camilo, a projecção de filmes inspirados nas suas obras. O caso dos três «Amor de Perdição» é paradigmático e, assim, sem pompa nem circunstância, são homenageados duma assentada George Pallu, António Lopes Ribeiro e Manoel de Oliveira.

Esta «vontade de chamar pessoas à Feira», como diz Ana Costa Almeida, contempla igualmente os mais miúdos. Aos fins-de-semana à tarde são-lhes dedicados vários filmes, entre os quais algumas tradicionais comédias portuguesas do tempo em que o cinema, como os costumes, eram preferencialmente brandos...

APEL: Uma aposta na continuidade

Conforme Francisco Espadinha, presidente da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, referiu ao nosso jornal (v. esta «Grande Angular»), a 60ª edição da Feira do Livro, apesar da efeméride, é também a edição da continuidade. Ainda que a componente cultural seja agora mais viva do que fora em anos anteriores, como o próprio Francisco Espadinha reconhece, optou-se por desenvolver e mesmo aperfeiçoar algumas iniciativas herdadas de outras edições.

A este propósito, Cristina Falcão, também da APEL, salientou a remodelação do gabinete de informação bibliográfica, cuja superfície ampliada em 50 %, proporciona um mais eficaz atendimento de um maior número de utentes.

A locução será também melhorada. Era algo que se exigia. Em edições anteriores, verificara-se, por exemplo, que eram anunciadas sessões de autógrafos que depois não aconteciam. Segundo Cristina Falcão, as listas prévias referentes a este tipo de iniciativas foram eliminadas, até porque o prestígio das próprias editoras saía debilitado.

Tal como na 59ª edição, os colóquios voltam à Feira do Livro. São três. O primeiro, a 29 de Maio, tem como tema «A Construção do romance: imaginação ou documentação?. Modera Clara Ferreira Alves, intervêm Teolinda Gersão, João Aguiar, Agustina Bessa-Luís e Fernando Campos.

Há, no entanto, nesta Feira a consciência de que de «pequenino se torce o pepino», de que é na idade em que se mudam os dentes que também se podem mudar os hábitos e trocar o pequeno ecrã pela estante. À imagem do que sucedeu no ano passado, o papel da literatura entre os mais jovens será debatido no Dia Mundial da Criança. Neste colóquio será, discutida «A leitura e o sucesso escolar» com as presenças já confirmadas de João Pinheiro e Ester Luísa Dias. No dia 7 de Junho, já próximo da final da Feira, o colóquio a realizar versará o tema «Lisboa: cultura e património», em que, em princípio, serão intervenientes o vereador João Soares e o arquitecto José Manuel Pedreirinho. No primeiro dia de Junho, a Feira, abre pela primeira vez na sua história, às dez horas da manhã para acolher as visitas das diversas escolas de Lisboa e concelhos limítrofes convidadas da APEL. O que acontecerá depois é com a maior ou menor criatividade dos professores, embora a Feira proponha um conjunto de iniciativas que se debruçam com particular incidência sobre o ano internacional da alfabetização, comemorado neste limiar dos anos 90. Na 60ª edição, retomar-se-á, por outro lado, uma iniciativa da Feira de 88. Oferecem-se aos miúdos livros em branco e espera-se pela reacção ao desafio. Alguns escrevem e, quando menos banais, ganham os prémios e alguns minutos de deslumbramento com a sorte. A maior novidade desta Feira será, todavia, o que ela dirá de si própria. Eduardo Moura dirigirá, assim, um pequeno jornal de periodicidade semanal que, conforme Cristina Falcão nos referiu: «terá um espaço publicitário, os artigos e as entrevistas» que venham a propósito.

No Porto, a um dia da Feira abrir ao público e de embelezar a Boavista, José Manuel Lello, um dos responsáveis pelo certame na «capital» nortenha, ainda não podia informar o «DL» das actividades paralelas ao comércio livreiro. Tudo o que pudémos averiguar foi a abertura duma exposição comemorativa do quinto centenário do livro impresso em Portugal. Nada mais. Como José Manuel Lello confessou «foi tudo feito precipitadamente», o que nem nos surpreende neste país em que a cultura — e com ela, o livro — só é útil sempre que dela se faz mercadoria para venda a retalho na praça pública...

Maria João Martins

COMENTÁRIO

Elogio da diferença

A Feira do Livro de Lisboa faz 60 anos. Fará muitos mais? A interrogação é legítima, mesmo se, como resposta imediata, se disser «oxalá que sim».

Nenhum voto, porém, deve impedir a reflexão. E neste caso ela até se justifica. Convenhamos: esta feira, ou antes, este modo de conceber uma Feira do Livro tem os seus detractores e, ainda que os não tivesse, tinha pelo menos contra si o facto, não displicente, de ser qualquer coisa de incomum no espaço geo-cultural em que Portugal se insere.

Mesmo sem uma pesquisa aturada não custa imaginar que quando se diz Feira do Livro a expressão não significa exactamente o mesmo, profira-se ela em Lisboa ou em Frankfurt, profira-se ela em Lisboa ou nas grandes capitais europeias.

É que o livro é o que é... mas é também um negócio, que a palavra não ofenda, sob ela subentendem-se actividades tão nobres como a indústria e o comércio, sem as quais, de resto, o livro só por si não existia.

Ora, a simples leitura de alguns textos insertos nestas páginas confirma o que não era difícil de intuir: a Feira do Livro como negócio não é coisa por aí além. Corresponde a uma pequena percentagem do total anual de vendas das editoras; o que equivale a dizer que não é fundamentalmente na feira que as pessoas compram livros.

Não é? Não, pelos vistos não é, apesar de uma feira do livro como a de Lisboa, no ano passado, ter tido mais de meio milhão de visitantes.

Perguntar-se-á: então se não compram livros (ou não compram tanto como isso) que vão, afinal, as pessoas fazer à feira? A resposta só pode ser uma: vão vê-los, aproximar-se deles, estabelecer aquele *flirt* que precede - também com os livros - o enamoramento e o amor.

Porque o livro é o que é... mas é também um objecto e os objectos (não as coisas) querem-se amáveis e por isso mesmo, daí a nada íntimos, capazes de nos prolongarem os sentidos e os gestos, confundirem-se, enfim, com a nossa vida.

A Feira do Livro - este tipo de feira - é, assim, algo como uma semente que se deita à terra para um dia (se o tempo for de feição) se colher o justo fruto.

Como negócio, a Feira do Livro não pode, portanto, ser avaliada em termos de deve e haver imediatos, mas enquanto investimento rentável a médio e longo prazos. Aquele que hoje vai à feira e não compra, mas dos livros se aproxima, pelos sentidos começou a conhecê-los melhor, e talvez um dia dos livros se torne amante. Na feira, mais do que em qualquer outro lugar, vencem-se distâncias psicológicas, na feira, mais do que em qualquer outro lugar, o livro perde a carga cultural que o distancia de tantos de nós para se tornar, eventualmente, um objecto de culto.

Mas a feira não estabelece apenas uma relação entre sujeitos e objectos, faz algo mais: devolve a cidade aos cidadãos. Na feira (na do livro como noutras) procede-se à ocupação de um território comum habitualmente povoado por ausências e solidões. As pessoas vêem-se, encontram-se - não passam - estão e comunicam ao ar livre numa Lisboa vocacionada para os espaços exteriores.

A Feira do Livro é, por isso, também, um dos derradeiros espectáculos de Lisboa na rua, um dos derradeiros espectáculos efectivamente populares que esta cidade pode oferecer-se e oferecer-nos.

Quando as pessoas se retraem e os espaços se concentram, a Feira do Livro vai contra a corrente, é uma espécie de um grande carrocel de vagares e lazeres neste tempo em que temos todos tanta pressa.

A Feira do Livro faz 60 anos. Começou no Rossio, subiu à Avenida, voltou fugazmente, por um ano, ao ponto inicial, para tornar ao que parecia ser o seu local definitivo. Mas essa Avenida, que fora herdeira do Passeio Público, era agora pouco mais do que uma auto-estrada, e a Feira, para sobreviver, subiu ao Parque e aí pôde, finalmente, espraiar-se no usufruto de um terreno sem barreiras nem limites.

E ela aí está. Para ser melhor, não para morrer, de uma morte que, alterando-lhe a natureza, eliminasse a diferença entre ela - que é a nossa - e as outras que, melhores ou piores, são por assim dizer todas iguais.

Ela é do livro, mas é feira, felizmente e ainda com sentido bastante que nos recorde vir «*feira*» do latim «*feria*», sinónimo de - imaginem só - descanso, festa, dia pagão aos deuses consagrado...

Rodrigues da Silva

POLÍTICA

Nuno Delerue justificou abstenção do PSD no Parlamento

RTP fez-se para dar notícias e não para ser notícia

«O PSD não se sente na obrigação de defender a administração da RTP», disse ontem Nuno Delerue, deputado do PSD, ao justificar a abstenção da bancada da Maioria perante o voto de protesto, contra a administração da RTP, aprovado pelas outras bancadas da Assembleia da República.

O voto fora apresentado pelo PRD e abstenção do partido do Governo viabilizou a sua aprovação numa atitude interpretada no Parlamento como o princípio do fim da vida de Coelho Ribeiro à frente da televisão pública.

Isabel Espada, do PRD, a deputada que deflagrou o ataque parlamentar à gestão de Coelho Ribeiro, a partir da tentativa de despedimento de quatro importantes jornalistas, disse que a abstenção do PSD «tirou o tapete» à administração e constituia «quase que um cartão vermelho». «É bom que o Conselho de Gerência saiba», acentuou, «que tem muito poder, mas ainda não tem o poder todo».

Nuno Delerue foi o porta-voz da Maioria no debate e, na declaração de voto, justificou a abstenção da sua bancada -«com a plena consciência do que isto significa»- pelo facto de a televisão existir «para dar notícias e não para ser ela própria notícia». O deputado social-democrata salientou a razoabilidade do voto admitindo que só os termos da sua formulação, impediam o voto favorável do PSD.

Arons de Carvalho, em nome do PS, convidou expressamente o Governo a demitir o Conselho de Gerência da RTP, enquanto Narana Coissoró dizia que «a dupla Coelho-Moniz», ou seja, o presidente do CG e o director do primeiro canal, «formou uma equipa que desinforma e que ofende os orgão de soberania e se tenta colocar acima deles e dos interesses do País».

Lino Carvalho, deputado do Partido Comunista, considerou «inqualificável» a atitude do CG da RTP, «nomeada com a confiança do PSD para manipular e promover o domínio totalitário da televisão».

Um grave precedente

A aprovação deste voto de protesto indiciou a viabilidade do inquérito parlamentar à gestão da RTP, pedido pelo PRD e que deverá ser discutido na primeira quinzena de Junho. O voto corporizou a reacção do PRD e do Parlamento à forma como a televisão tratou uma intervenção da deputada Isabel Espada no plenário da Assembleia da República.

Mal dando notícia da intervenção da deputada, no dia 8 («uns escassos segundos no Telejornal»), a direcção da RTP fez ler, no dia seguinte e na íntegra, uma nota do

Nuno Delerue foi o social- democrata de serviço

Conselho de Gerência, a título de carta ao presidente da Assembleia, em que pretendeu dar resposta e desmentir as ilegalidades que a deputada renovadora dissera existirem na televisão. O comportamento da RTP foi considerado como «grave precedente que pode, no futuro, afectar outros grupos parlamentares, outros orgãos de soberania e cidadãos sem possibilidades de defesa».

Isto porque, diz o voto de protesto, a RTP divulgou uma carta ao presidente da Assembleia da República antes dela chegar ao destinatário, utilizou um serviço público de televisão e o seu principal serviço noticioso, «como se de privado se tratasse, para expor largamente os seus pontos de vista» e utilizou «um processo de defesa sem cobertura jurídica».

Daniel Reis

Cavaco em Porto Santo

Bandeira municipal não foi hasteada

A bandeira municipal de Porto Santo não foi esta manhã hasteada, apesar do primeiro-ministro se encontrar de visita à ilha. Cavaco Silva desembarcou no aeroporto local e não tinha a recebê-lo nem o presidente do Município, Góis Mendonça (do PS), nem os membros da Assembleia Municipal e da única Junta de Freguesia de Porto Santo (maioria socialista). É mais um incidente entre o PSD e o PS nas Regiões Autónomas.

Tudo começou quarta-feira.O delegado do Governo Regional na ilha comunicou ao presidente da Câmara que, afinal, o primeiro-ministro não se deslocaria aos Paços do Concelho para a anunciada sessão de boas-vindas cerca do meio dia de hoje.

Não deu mais explicaçõas. Góis Mendonça entrou em contacto com o ministro da República, Lino Miguel, que lhe confirmou essa alteração. Foi então que o autarca decidiu levar o assunto a reunião extraordinária do Município, considerando que se tratava de «uma clara falta de cortesia» e de «autêntica humilhação» que nem o facto da Câmara termudado do PSD para o PS em Dezembro justificava.

«O caso é tanto mais grave, quanto é certo que a visita do sr. primeiro-ministro a esta região Autónoma começa aqui, esta manhã», salientou Góis Mendonça ao «DL», lamentando «não ter sido dada qualquer importância a esta vila».

A sessão de boas-vindas, à última hora anunciada e entretanto anulada, não estava no programa da visita. Foi incluída a pedido expresso do presidente da edilidade, que nesse sentido contactou o ministro da república e enviou um telegrama a Cavaco Silva.

A única Câmara que visitará nesta deslocação à Madeira é a do Funchal, onde será distinguido com a medalha de cidadão honorário.

A Câmara de Porto Santo reuniu extraordinariamente para analisar o caso, manifestando ontem o seu desagrado por a visita do primeiro-ministro não incluir uma sessão de boas-vindas nos Paços do Concelho.

Góis Mendoça assinalou ao «DL» que em nenhuma das anteriores visitas oficiais isso sucedera antes. Lembrou, a propósito, que desde 25 de Abril se deslocaram à ilha os primeiros-ministros Pinheiro de Azevedo e Mário Soares, bem como Ramalho Eanes. «Nenhum deles ofendeu o povo de Porto Santo como o actual primeiro-ministro».

BREVES

Pobres em Portugal: como sobrevivem?

O PCP quer saber como os pobres (sobre)vivem em Portugal. Para isso apresentou na mesa da Assembleia da República um projecto de deliberação que encarrega a Comissão de Trabalho, Segurança Social e Família de preparar, organizar e promover uma audição pública sobre a pobreza em Portugal, com as entidades que se têm dedicado a esta questão.

Miguel Beleza, ministro das Finanças, deu hoje posse ao novo vice-governador do Banco de Portugal e ao presidente do Instituto de Seguros, respectivamente, António Borges e Leitão de Carvalho.

PSD de Loures acusa:

«PCP governa Câmara como se fosse maioria»

«A entrada do PS para a Câmara de Loures, garantindo ao PCP a maioria que perdera nas eleições de Dezembro, não alterou em nada a sua gestão», denunciaram membros da comissão concelhia e vereadores do PSD em conferência de Imprensa. No balanço feito pelos responsáveis sociais-democratas daquele concelho aos primeiros «cinco meses de gestão comum» ressalta o facto da actual maioria camarária ter procedido já a uma revisão orçamental.

Como último exemplo da alegada «cumplicidade» do PS acerca do à-vontade com que o PCP gere a Câmara, o vereador-deputado Pacheco Pereira referiu o festival «Amar o Tejo, viver a paz», que segundo ele foi largamente subsidiado pelo Município com a aquiescência do PS, que votou favoravelmente a proposta.

Na reunião de ontem com os jornalistas acusou a actual maioria da Câmara (PCP/PS) de promover as mesmas realizações culturais e aumentar as verbas destinadas a tais iniciativas, reduzindo as suas obrigações sociais.

Verbas que descem verbas que sobem

Pacheco Pereira adiantou que as verbas orçamentadas para habitação social e mercados desceram de 100 e 150 mil contos para 80 e 100 mil contos, respectivamente, sendo também reduzidos os montantes orçamentais destinados às escolas e aos cemitérios.

Em contrapartida - sublinhou - aumentaram para as diversas rubricas de cultura: o contributo para a Associação Inter-Municipal (que agrupa Câmaras ligadas à CDU) passou de 21 para 38 mil contos.

Por outro lado, acrescentou, a edilidade já despendeu 350 mil contos com o Teatro da Malaposta, que «a maioria da população do concelho desconhece», salientou. «A táctica do PCP é sempre a mesma: faz a sua auto-propaganda e acusa o Governo de nada fazer quanto a habitação, escolas e transportes», observou aquele vereador.

Pacheco Pereira

Por todas essas razões, o PSD concelhio deverá apresentar duas propostas na próxima sessão de Câmara, relacionadas com o seu posicionamento sobre o que se está a passar no Leste da Europa: uma é de índole cultural, a outra sobre problemas de defesa. Em qualquer dos casos, Pacheco Pereira sustenta que se trata apenas de «repor a verdade».

A primeira proposta visa «corrigir as informações» que o PCP concelhio divulgou acerca daqueles países, devendo para o efeito convidar autarcas da RDA, Polónia e Hungria e promover iniciativas culturais (passar, por exemplo, o filme «A Confissão», de Costa Gravas). Poderia intitular-se «A verdadeira realidade do socialismo real». A segunda propõe a retirada da Câmara de Loures do Movimento ZIAN (Zona Livre de Armas Nucleares).

Redacção «DL»

PRD vai alterar estatutos

Moção de Ivo Pinho propõe Comissão Política Nacional

A moção de estratégia global de Ivo Pinho é acompanhada de um projecto de estatutos que a ser aprovado alterará significativamente a composição e poderes do órgão executivo do partido ao criar uma Comissão Política Nacional. A proposta foi ontem apresentada pelo primeiro subscritor da moção «Promover, renovar, desenvolver, para fazer da esperança uma certeza», a apreciar pela IV Convenção dos Renovadores Democratas, marcada para 15, 16 e 17 de Junho.

Nos termos desta proposta de alteração aos estatutos do PRD, a Comissão Política Nacional, como órgão executivo máximo do partido, terá uma Comissão Directiva composta pelo presidente, vice-presidentes e secretário-geral. Reunirá, pelo menos, uma vez por mês, competindo-lhe «dirigir politicamente o partido e todas as suas actuações concretas, nos diversos domínios, sectores e áreas de intervenção, de acordo com as orientações definidas pela Convenção Nacional e pelo Conselho Nacional».

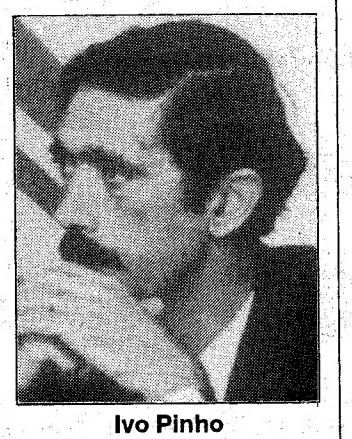
Vogais representarão peso das regiões

Os treze a dezassete vogais previstos para integrarem a Comissão Política Nacional (com os membros da Comissão Directiva, o deputado presidente do Grupo Parlamentar e o coordenador do partido no Parlamento Europeu, caso o haja) alargarão a representatividade real do PRD. Carlos Beato, um dos elementos que apresentaram a moção que tem Ivo Pinho como primeiro subscritor, assegurou ao «DL» que este órgão «privilegiará sobretudo as regiões e o País real».

«Se fomos o primeiro partido a abordar a problemática da regionalização, temos a obrigação de promovermos o peso das regiões no novo órgão do partido», acrescentou.

«Um partido novo» situado no centro político, entre o socialismo democrático e a social democracia, sem quaisquer referências ideológicas a Ramalho Eanes (que tomará uma decisão sobre a sua ligação ao partido durante a própria Convenção), caracterizam a moção de estratégia global à qual Hermínio Martinho, um dos candidatos à liderança, manifestou já o seu apoio, porque «corresponde ao espírito e objectivos iniciais do projecto de renovação da sociedade».

Júlio Rodrigues



Ivo Pinho

Governo vai aprovar Código do Procedimento Administrativo

Administração Pública vai ter novas regras

A redução da ineficácia da Administração e a maior responsabilização dos funcionários públicos perante os processos a seu cargo são algumas das múltiplas consequências do novo Código do Procedimento Administrativo que o Governo pretende publicar dentro em breve e a que o «DL» teve acesso. Para o efeito, talvez já no próximo Conselho de Ministros será aprovada uma proposta de autorização legislativa a submeter à Assembleia da República. É um imperativo constitucional, desde 1976, e que até hoje carece de lei especial.

De futuro, nos termos do novo Código, nenhum agente da Administração Pública poderá intervir em qualquer contrato ou procedimento administrativo quando seja parte interessada. O mesmo se aplica se estiver envolvido o cônjuge, um primo, ou, simplesmente, «qualquer pessoa com quem viva em economia comum». Quaisquer actos realizados nesta situação de impedimento são anuláveis.

A maior responsabilização dos funcionários públicos é uma nota dominante do legislador. Os seus procedimentos devem ser concluídos no prazo de quinze dias, salvo se outro prazo decorrer da lei. Até aqui entendia-se que o prazo era de noventa dias. Igualmente os interessados passarão a ter agora quinze dias para responderem à Administração nos processos em que estão envolvidos.

O direito à informação e a administração aberta

Por princípio, é reconhecida a possibilidade de todo o cidadão intervir pessoalmente no procedimento administrativo, legitimando-se, para iniciar um processo, aqueles que se sintam lesados pela Administração do Estado em termos de saúde pública, habitação, educação, património cultural, ambiente, ordenamento do território ou qualidade de vida.

O direito à informação e o primado da administração aberta, consagrados na Constituição, encontram aplicação neste Código que o Governo se prepara para aprovar. Assim, é reconhecido o direito de qualquer indivíduo ser esclarecido pela Administração sobre o andamento e a resolução de processos em que esteja envolvido. Para o efeito, as informações solicitadas terão que ser fornecidas no prazo máximo de dez dias. Todos os actos administrativos, portarias, despachos ou regulamentos, por exemplo, cuja publicação seja obrigatória, tornam-se ineficazes sempre que não sejam publicitados. É o que pode acontecer a muitas decisões que, ao arrepio da lei, não conhecem divulgação. De futuro, com o novo Código, poderão aumentar os processos de impugnação administrativa.

Saliente-se ainda que quaisquer encargos ou deveres que não tenham sido objecto de publicação só poderão começar a aplicar-se depois da notificação dos interessados. O que sucedia até agora surpreende muitas vezes o cidadão menos informado. Não raro, está a suportar despesas sem que, previamente, receba qualquer informação sobre a sua obrigatoriedade. Há várias décadas que se tem falado da necessidade de disciplinar a organização e o funcionamento da Administração Pública, de assegurar a informação dos cidadãos e a sua participação na formação das decisões que lhes digam respeito. Há muito que se deseja consagrar a transparência dos actos administrativos e evitar a burocratização.

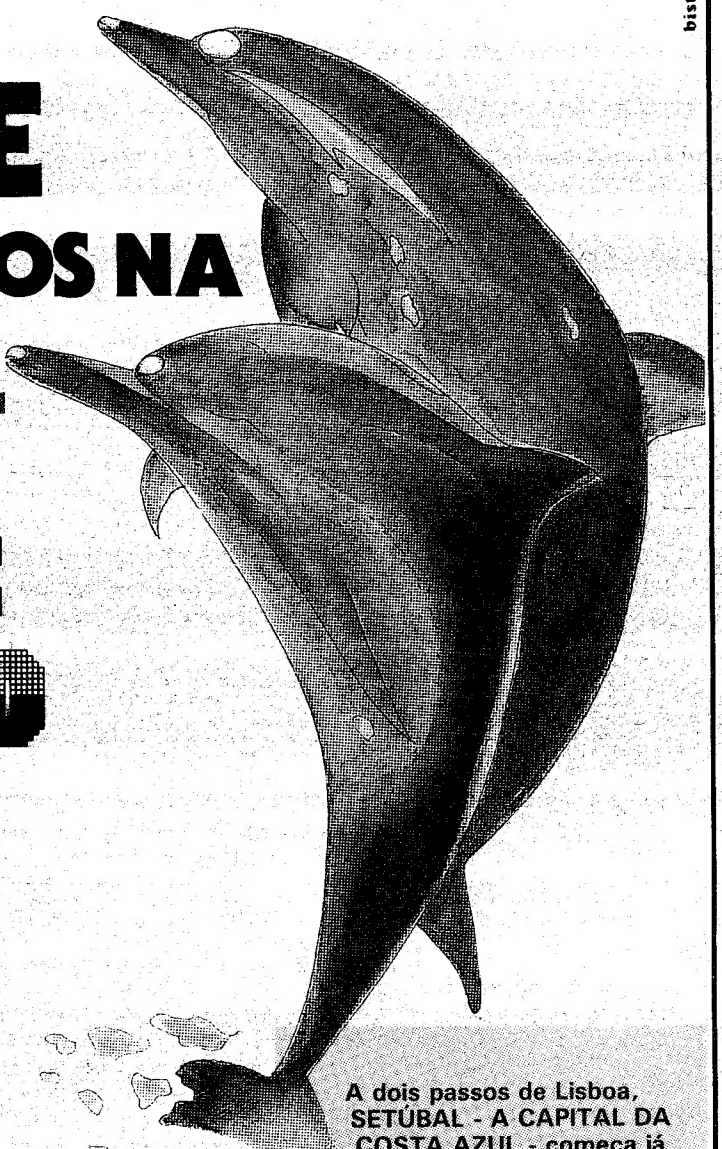
Desde 1962 que sucessivos governos o vêm afirmando. No início dos anos 80, dois projectos foram elaborados por um grupo de especialistas: Rui Machete, Osvaldo Gomes, Rui Pestana e Pamplona Corte-Real. Finalmente, em 1987, Cavaco Silva incumbiu Freitas do Amaral, João Raposo, João Caupers, João Martins Claro e Vasco Pereira da Silva de elaborarem um terceiro projecto que está na base do novo Código do Procedimento Administrativo que o Governo pretende pôr em vigor em Janeiro de 1991.

António José Teixeira

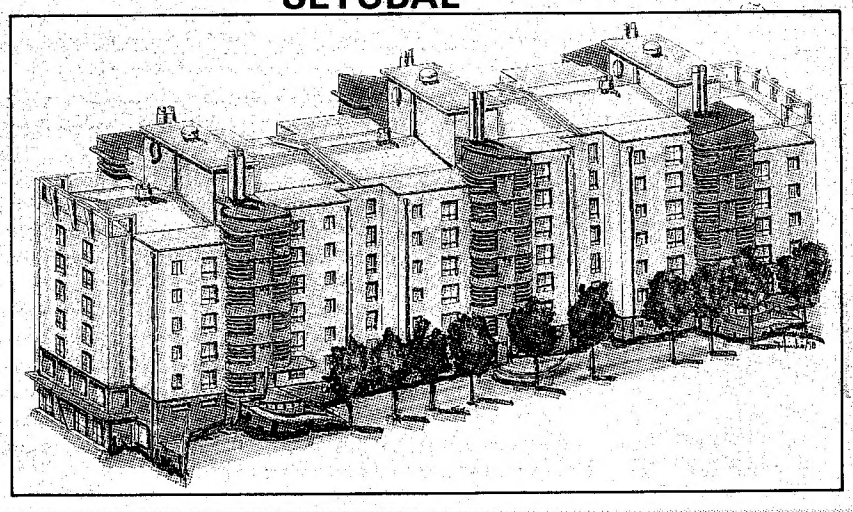
bisturi

COMPRE APARTAMENTOS NA COSTA AZUL

TORRES DO SADO



SETÚBAL



A dois passos de Lisboa, SETÚBAL - A CAPITAL DA COSTA AZUL - começa já a viver o FUTURO!
Já lhe chamam SILICON BAY...
E com razão ...OS GRANDES PROJECTOS COMEÇARAM JÁ A ARRANCAR.
SETÚBAL é um caso muito sério para INVESTIDORES AVISADOS!
AS TORRES DO SADO - JUNTO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL - SÃO UM INVESTIMENTO CERTO, COM VALORIZAÇÃO GARANTIDA.
Apartamentos de 2, 3 e 4 assoalhadas.

TETRA CONSTRUÇÃO, S.A.

MESMO NO — CORAÇÃO — DA CIDADE!

ANDAR MODELO EM SETÚBAL:
Av. Bento Jesus Caraça - defronte do posto móbil Telefone 065/721144 Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27 - 1.º Esq. — 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P Fax 352 63 71

POLÍTICA

É um dos poucos «críticos» no congresso do PCP, que esta manhã começou. Sente a luta pela renovação como longa e afirma: «Não sou masoquista». Jogando na defensiva, não se inibe de deixar um «recado»: leva a Loures o peso da sua célula. Que o elegeu por voto secreto

Delgado Martins: «A crise ainda não bateu no fundo»

Diário de Lisboa- *No anterior congresso do PCP fez uma proposta de alteração ao regulamento que não chegou sequer a ser discutida. Na ocasião, disse ao «DL» que nunca esperava que isso acontecesse no partido. Desta vez, como será?*

Delgado Martins- Penso que não há dois congressos iguais. O momento histórico é completamente diferente. As alterações verificadas nestes dois anos foram de facto profundas. A história acelerou de uma forma extraordinária e isso há-de ter reflexos no estilo de trabalho que se vai fazer neste congresso. Tem na sua origem, essencialmente, alterações no quadro político internacional. As outras razões são acidentais. Se não fosse a catástrofe com epicentro no Leste...Isto faz-nos prever um congresso com alguns aspectos originais. Como nunca, vão estar em cima da mesa verdades e posições dadas como adquiridas há muitos anos. Tudo isto faz antever que este congresso, não obstante as suas deficiências (que existem) e as suas imperfeições (que existem) venha a ter os seus resultados e a merecer uma leitura própria.

DL- *Essas alterações são de facto estruturais. Está em causa, por exemplo, o centralismo democrático, a implantação do PCP no movimento operário... Acha que este congresso reúne condições para rever princípios e até ideais?*

DM- Não conheço em rigor a versão final de resolução política. Mas, uma vez que não há teses alternativas, sabemos qual é o quadro em que se vai dar - onde se vai limitar, é a expressão - a discussão. Não espero que as alterações exigidas pela situação histórica que vivemos se verifiquem.

DL- *O que o leva então ao congresso? Tem consciência de que há um conjunto vasto de gente com posições críticas que espera que você e mais duas ou três pessoas funcionem como porta-vozes?*

DM- Olhe, eu não sou masoquista. Calculo, pela informação que vai chegando, que não vão aparecer muitas vozes dispostas a manifestar uma posição de desacordo em relação à direcção do partido. Eu faço parte de uma célula que me elegeu apenas com um voto contra, por voto secreto.

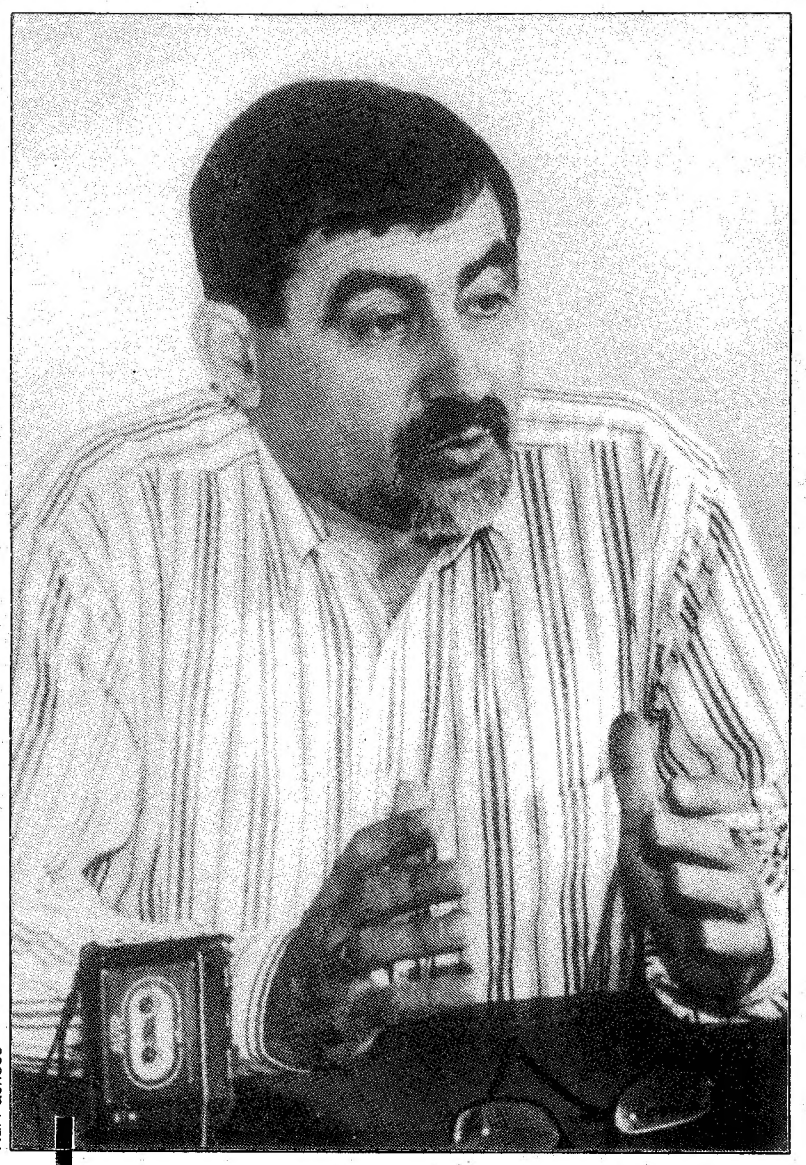
O vínculo à célula

DL- *Significa isso que se sente em primeiro lugar vinculado à sua célula?*

DM- Ora bem... eu não tenho dificuldade nenhuma, dada a discussão profunda que se fez no interior da minha célula e dadas as posições maioritárias que se criaram no decurso dessa discussão, em ser mandatário da minha célula. Tenho legitimidade para ir ao congresso apresentá-las.

DL- *Não acha que poderá tornar-se uma espécie de «consciência crítica» no congresso?*

DM- Poderá dizer-se. O congresso o dirá... O que digo é que não há nenhuma divergência entre a minha posição pessoal e as posições da minha célula. Sou o máximo divisor comum, entre posições até de sinais diferentes. Foi possível encontrar um consenso muito alargado acerca de questões essenciais. Se as minhas convicções pessoais estivessem em conflito com as da célula, teria pedido escusa.



Rui Pacheco

«Subscrevo, sem dificuldade, muito do que Judas diz nas suas teses»

DL- *O que pensa do documento apresentado por José Luís Judas?*

DM- Apenas conheci extractos publicados na Imprensa. Subscrevo, sem dificuldade, muito do que ele diz. São as teses dele e merecem respeito, porque se trata de um camarada responsável, que tem dado provas de ser um membro do partido com uma acção, sobretudo no campo sindical, bastante positiva.

DL- *E quanto ao método usado, tão criticado pela direcção do partido?*

DM- Pois... Só uma leitura muito rígida dos estatutos do partido poderá levar a considerar que a sua posição não é legítima. Temos os estatutos que temos e devemos respeitá-los. A nossa célula, até porque é de juristas e portanto muito legalista, procura agir de forma a não violar os estatutos. Mas penso que, como todas as leis, os estatutos envelhecem. Não considero que o Judas tenha violado qualquer norma estatutária. Talvez não estejamos é habituados a este tipo de intervenção. Há uma tradição de funcionamento que marca muito a nossa militância. Admito, por isso, que tenha chocado alguns camaradas.

«É cedo para criar doutrina»

DL- *Há quem considere que este será também o congresso das contradições dos críticos. Entre o «maximalismo» de Vital Moreira e a posição mais moderada de José Luís Judas é possível estabelecer alguma ponte?*

DM- Penso que sim. Ninguém tem a verdade toda. Nós estamos no princípio da discussão; a crise ainda não bateu no fundo. Todos os dias ficamos surpreendidos com os acontecimentos do centro da Europa. É cedo para criar doutrina, uma vez que estamos a assistir ao filme. Ainda não acabou...

DL- *Pode afirmar-se, correndo algum risco de simplificação, que de um lado está um «prático», Judas, do outro um intelectual?*

DM- É natural que nas posições «críticas» desses dois camaradas e das pessoas que se aproximam de um e de outro, haja de um lado um certo pragmatismo e uma certa experiência do movimento sindical e do outro um intectual, com uma base mais «científica». Existem divergências, mas há pontos comuns.

DL- *Entre os críticos, não é de admitir que alguns venham a desistir da luta?*

DM- Sim, sim...

DL- *Subsiste a possibilidade de alguns elementos ingressarem noutros partidos ou mesmo criarem outra força política?*

DM- Admito que sim. Admito que as pessoas se cansem, percam a paciência e desesperem. Mas penso, também, que no interior do partido alguma coisa se alterou na forma de aceitar as posições divergentes. No momento anterior, houve uma reacção do organismo a que chamo centrifugadora. Sinto que essa tendência parou. Há sinais - eu sinto-os - de maior compreensão da necessidade de não marginalizar as sensibilidades que se têm manifestado de forma crítica.

Talhar o fato...

DL- *Compreensão manifestada, por exemplo, nas «cartas do leitor» do «Avante!», nos debates no jornal em que também participou?*

DM- Exacto. Isso significa que certos elementos da direcção do partido se apercebem de que ninguém tem a verdade toda. Aliás, se ler as teses, há uma passagem interessante: «No Comité Central e em todos os outros organismos de direcção deve ser plenamente assegurado o direito, que é também um dever, de todos os militantes expressarem livremente as suas opiniões, mesmo quando contrárias à orientação adoptada e às opiniões e decisões da maioria». É um direito e um dever. Isto pode ser uma figura de retórica...

DL- *Não será mesmo uma figura de retórica, quando é certo que um dos critérios para aceitação de alterações para as teses foi precisamente manter a essência do documento?*

DM- A questão prende-se com uma visão que vem do passado, da maneira como tem sido feita a discussão no partido, sobretudo na fase anterior a congressos. Penso, no entanto, que a situação actual justificava uma alteração na metodologia. Não contesto que, em momentos históricos diferentes, ela tenha funcionado. Penso que devia inovar-se também na forma de discutir, adaptada à situação actual. Há uma matriz única e os militantes têm o direito de apresentar alterações. Digamos que o fato está talhado e nós temos só a possibilidade de fazer pequenas alterações - encurtar a manga, pôr o bolso...

DL- *Essas «concessões» não revelam também o medo do partido em perder os seus quadros destacados ?*

DM- Nenhum partido é de tal modo rico que se possa dar-se ao luxo de atirar pela borda fora quadros, figuras, que não são oportunistas chegados ontem ao partido. Ninguém está hoje no PCP por uma questão de promoção social ou de enriquecimento rápido. Quem está cá, está há muito tempo. São pessoas que merecem ser olhadas com respeito, já foram testadas. Estão profundamente interessadas na renovação do partido, na manutenção do PCP como uma força indispensável à democracia portuguesa. Aliás, os seus dirigentes históricos são figuras que nos merecem o maior respeito, até admiração.

Secretismo

DL- *Neste Congresso também está em causa a substituição de Álvaro Cunhal. Como encara a anunciada remodelação da orgânica do partido e a criação do cargo ou cargos de secretário-adjunto?*

DM- Encaro este processo com grande curiosidade. Estão previstas nas teses alterações estruturais na orgânica do partido. Surpreende-me que estejam a decorrer antes do congresso. Primeiro deveria realizar-se o congresso, auscultar-se a opinião dos delegados, deixar decorrer a discussão de todos estes temas e depois partir para as ditas transformações. Não sei quais são nem os seus protagonistas, porque tem havido um certo secretismo nesse aspecto. Uma coisa para mim é certa: não chegou ainda o momento de retirar o lugar ao nosso secretário-geral, proeminente e de grande peso no partido. Os secretários-gerais adjuntos serão apenas tentativas de o assessorar, de o aliviar de algumas tarefas.

DL- *Há figuras suficientemente prestigiadas para virem ocupar o lugar do presente líder, sem hiatos?*

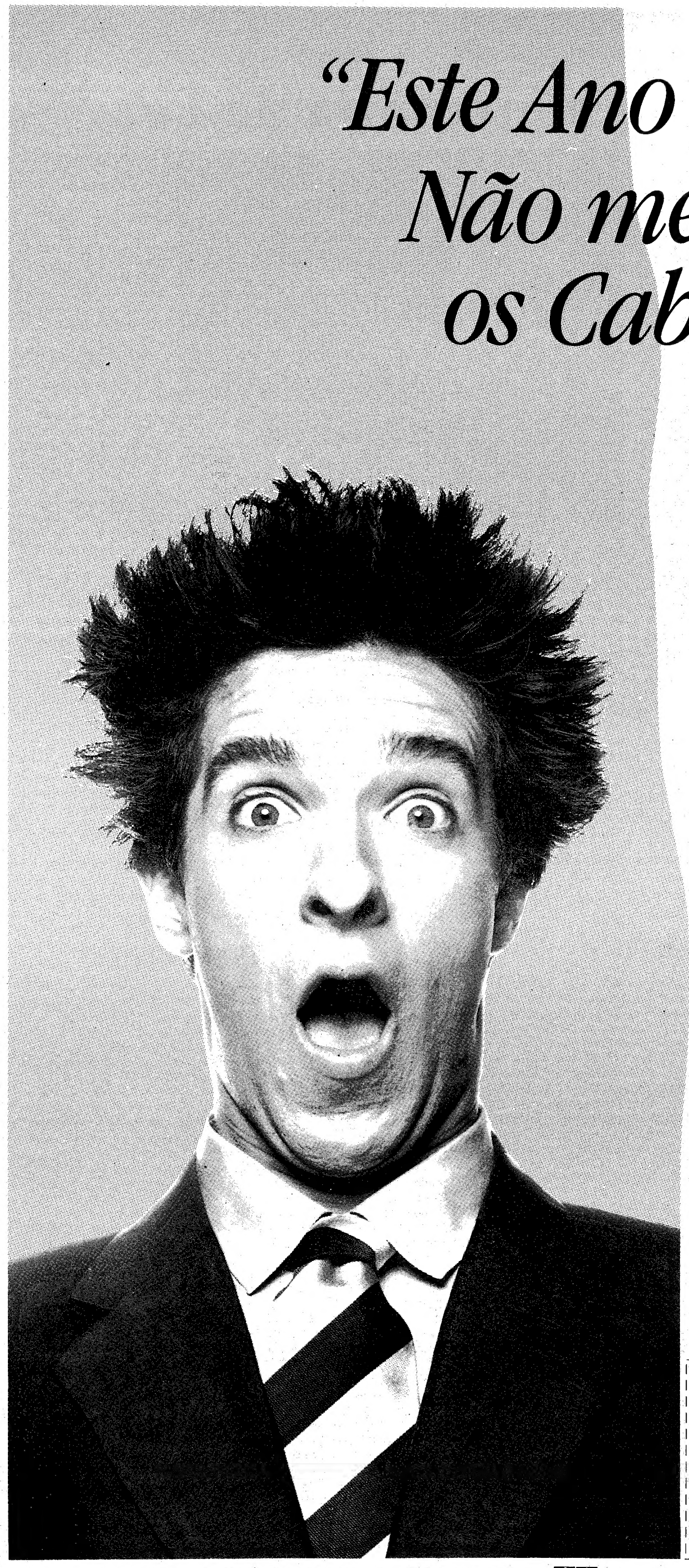
DM- É difícil encontrar essas figuras. É uma verdade que não merece contestação. A forma como Álvaro Cunhal é tratado, mesmo pelos seus mais acérrimos adversários, é de grande respeito e admiração. Não aparecem Álvaros Cunhais em todas as décadas. Mas os heróis não são eternos, embora o partido procure que ele seja o mais eterno possível. Há quadros à altura de ocuparem aquelas responsabilidades. Podem até não ser aqueles que andam na boca do mundo, penso mesmo que não serão esses. Mas o partido irá ter uma liderança diferente, uma forma de estar diferente.

DL- *Os desafios que se colocam ao PCP necessitam da resposta de uma figura que encarne os novos valores em causa. Não é só uma questão de personalidade e competência.*

DM- Também dizemos que sim. Desejamos que a nova figura, quando se afigurar a substituição do presente líder, tenha o peso que o próprio Álvaro Cunhal teve quando assumiu a posição de secretário-geral do partido.

Paula Sá/Paulo Martins

"Este Ano os Impostos Não me vão deixar os Cabelos em pé."



"Para mim, que sou profissional liberal, os impostos já não constituem problema. Abri uma Conta NovaRede. Pela primeira vez um Banco ajuda-me a pagar o IRS através de um crédito especial. CREDImposto NovaRede. Para pagar a tempo e de uma forma bem mais simples!"

NovaRede

Banco Comercial Português

Inovação e Rapidez

Se deseja obter mais informações acerca do CREDImposto NovaRede, envie-nos este cupão, devidamente preenchido, em letra bem legível, para:
NovaRede - Av. Almirante Reis, 103 - 7.º 1100 LISBOA

DL

NovaRede
Banco Comercial Português

Nome _____

Morada _____ Cod. Postal: _____

Telef. _____

ou contacte a Linha Directa: LISBOA (726 70 40), PORTO (600 33 23)

À MARGEM

Homens a bordar

Mário Soares, durante a visita à Medina entrou num espaço onde estavam homens a bordar. Já cá fora disse aos jornalistas: «A minha mulher acha muito bem que os homens estejam a bordar. Um dia destes ainda me põe a bordar a mim.» O Presidente da República quando ouviu os cânticos, que anunciam a oração, levantou o dedo para o ar em sinal de escuta. O guia que o acompanhava perguntou-lhe se sabia o que significava esse gesto em marroquino e explicou que «um dedo apontado para o céu significa que Deus é único e indivisível». Maria Barroso, ouvindo a explicação e num momento de inspiração diplomática disse que o Presidente tinha manifestado o seu inconsciente árabe.

Ostentação

Almeida Santos durante a visita à quinta do rei disse aos jornalistas que estava «quase a converter-se à monarquia», referindo-se à ostentação. Mas de imediato acrescentou: «Bem, isto vendo as coisas do ponto de vista do rei e dos seus convidados, os trabalhadores terão opinião diferente.»

Ar filosófico

Apesar de o dia de ontem estar já integrado na visita privada do Presidente português a Marrocos, as visitas programadas foram muito cansativas, monótonas e até desinteressantes, nomeadamente a visita a um complexo de cerâmica marroquino que teria muito a aprender com os ceramistas portugueses. A ilustrar o estado de espírito dos convidados que acompanhavam o Presidente ficou a frase dirigida a Carlos Monjardino: «Você está com o ar filosófico de quem se interroga - porquê tudo isto?»

Moções de censura

No pouco tempo que teve disponível para os contactos com a Imprensa o Presidente revelou boa disposição. «Vejam como o mundo está», disse durante a visita à vacaria do rei, «Estas vacas para produzirem mais leite até ouvem música.» No que respeita a vacas, o deputado Hermínio Martinho é reconhecido como especialista. No entanto, o Presidente desvendou-lhe mais uma especialidade durante o encontro com os deputados marroquinos. Falava-se da moção de censura, que vai ser apresentada no Parlamento marroquino de imediato, Mário Soares recordou que «o nosso deputado Hermínio Martinho e que é especialista em moções de censura».

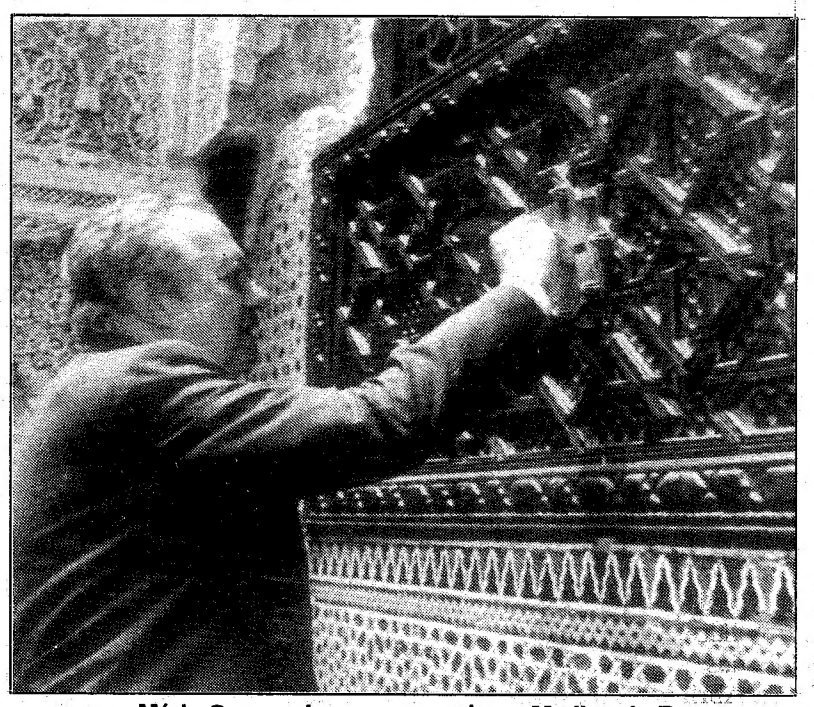
Mário Soares em Marrocos

Visita à memória de Fez

Da nossa enviada especial

Entrar na Medina de Fez é como recuar no tempo, um espaço labirintico onde se misturam sons e tradições do passado com os turistas cosmopolitas e os habitantes da cidade que vivem do outro lado dos muros.

A comitiva do Presidente da República, acompanhada pelo ministro de Estado marroquino e por um historiador que passou toda a sua infância e adolescência na velha cidade, provocou uma paragem no dia-a-dia dos habitantes da Medina.



Mário Soares deu uma esmola na Medina de Fez

O tradicional regateio dos comerciantes foi substituído pelos aplausos, alguns gritos de viva o Presidente, ditos em francês, ou simplesmente pelos sorrisos curiosos dos habitantes. Ainda assim, durante duas horas, a comitiva pôde ver livros do Corão, escritos em pergaminho, com nove séculos de existência, assistir a deambulações dos homens que se preparavam para a segunda oração do dia. A água é um sinal de pureza, assim como o acto de descalçar os sapatos é um acto que significa humildade e reverência quando se entra na mesquita.

A história foi deixando os seus sinais. Ainda é possível ver uma simples trave a separar um bairro do outro, significando que se podia passar com imunidade para o outro lado, fosse qual fosse o delito cometido no seu bairro.

Para um estranho, não é possível distinguir uma rua de outra, mas para os residentes, os sinais são óbvios, cada bairro tem uma administração própria e uma hierarquia, os valores foram-se disseminando mas ainda há muito da antiga

Medina nas ruas visitadas pelo Presidente português.

O rendilhado das madeiras e mosaicos da escola corânica apesar da degradação, permitia adivinhar a riqueza de outrora. Os níveis de pobreza, esses foram-se mantendo, ao longo dos séculos. Os residentes da Medina, cerca de 150 mil, têm, na sua maioria, níveis de pobreza muito baixos, alguns vivem em autênticas caves, sem luz, chão de terra e espaços exíguos.

Para melhor conhecer a realidade que o rodeava, o Presidente pediu licença para entrar numa casa particular.

As residentes, hospitaleiras, mostraram a Mário Soares o pequeno largo rodeado por três espaços exíguos, num dos quais se encontrava uma doente. Marrocos é um país de contrastes, bem evidentes quando compararmos a vida dos habitantes da Medina com a ostentação de uma das quintas do rei, visitada à tarde pelo Presidente e toda a comitiva.

Perto de 400 hectares de terra agrícola, mil e quinhentas cabeças de gado, dezenas de estufas de tomate, morangos, alfaces e outras verduras, uma produção de cerca de 37 mil litros de leite por dia, maquinaria sofisticada e, finalmente, a dar um tom exótico, zebras, cangurus, avestruzes, lamas, emas e gamos.

Trata-se de um terreno autosuficiente que emprega mil trabalhadores e dá, mensalmente, um rendimento elevado ao rei Hassan II.

Hoje, Mário Soares está em Ifrane onde visitará a estância de Michlifen e as serras de Hidri e de Habri. Ao fim da tarde, parte para Casablanca, onde vai presidir ao jantar de encerramento de um seminário económico luso-marroquino.

Maria João Rocha

Exército vai ajudar no combate aos fogos

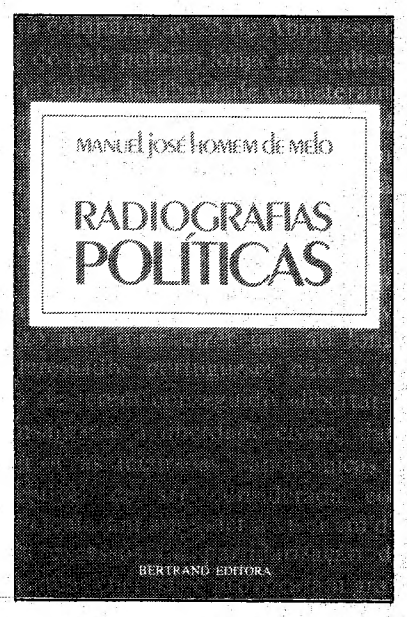
Com o objectivo de colaborar no esforço para minimizar os efeitos dos fogos florestais, o estado-maior do Exército vai desenvolver entre 1 de Junho e 30 de Setembro do corrente ano acções de levantamento das zonas florestais, elaboração de planos de patrulhamento, vigilância de matas e florestas com maior risco de incêndio, apoio nas acções de rescaldo, alimentação, transporte e evacuação de populações em caso de urgência, anunciou o porta-voz do Conselho de Ministros, Marques Mendes, no final da reunião de ontem. As acções em que o Exército vai colaborar serão desenvolvidas em conjunto com o Serviço Nacional de Protecção Civil, Serviço Nacional de Bombeiros e autarquias.

Participam nas acções todas regiões militares do País. O Ministério da Defesa, por seu turno, reforçará o orçamento do Exército com o quantitativo de 22 mil contos «para a satisfação das necessidades decorrentes desta operação de grande envergadura».

Radiografias Políticas editadas em livro

«A importância atribuída à liberdade e aos direitos do homem; o valor do pluralismo e da democracia representativa; o significado que em política tem a tolerância e a fidelidade aos amigos — eis alguns dos pontos que logo verificámos continuarem a ser comuns e que nos serviram para rapidamente nos aproximar. Mais do que as etiquetas ideológicas, as filiações partidárias ou a disparidade dos respectivos percursos políticos.»

Nestes termos se refere Mário Soares a Manuel José Homem de Mello, na apresentação do livro *Radiografias Políticas*, colectânea do trabalho literário do autor entre 1981 e 1988 que oferece uma panorâmica da vida portuguesa nesse período.



Homem de Mello foi deputado à Assembleia Nacional ainda com Salazar, de onde saiu no fim do mandato «sem vontade de regressar», depois de ter sido impedido de proferir um discurso escrito em que denunciava «a mentira das garantias fundamentais», reduzidas na prática «à expressão mais simples», e a censura à Imprensa, à sombra da qual «se pretende institucionalizar o arbítrio e a violência contra o pensamento alheio»; participou na tentativa de golpe de Estado de Craveiro Lopes e Botelho Moniz, acreditou na «Primavera» marcelista, e publicou um livro que foi «a primeira manifestação anticolonialista 'de dentro para fora do regime'» — *Portugal, o Ultramar e o Futuro*. Durante o consulado de Marcello Caetano, foi director de «A Capital», onde promoveu a criação do primeiro Conselho de Redacção eleito pelos jornalistas.

O 25 de Abril apanhou-do «do outro lado», como escreve Mário Soares, por «fidelidade pessoal» a Caetano, como escreve o próprio Homem de Mello, que então se exilou voluntariamente no Brasil. Regressado em 1980, escreve, até 1988, em «A Capital», as *Radiografias Políticas* agora editadas em livro, e apoiou a candidatura de Mário Soares à Presidência da República, tendo sido o director do jornal de campanha, «Belém».

«Preferi sempre os bastidores à protagonização, a escrita ao desempenho de funções — diz de si próprio Homem de Mello. — Desta opção terá resultado que fui dando público testemunho dos meus pontos de vista(...), enquanto a maior parte dos políticos profissionais silenciava as suas opiniões.» Esta edição da Bertrand reúne parte da intervenção cívica do autor, desenvolvida ao longo de trinta anos.

Esta manhã no congresso do PCP

Primeiro «crítico» foi esmagado

José Geraldes, delegado de uma célula da RN de Setúbal, fez estalar uma mini polémica logo no começo dos trabalhos do congresso do PCP durante a votação da proposta do regulamento dos trabalhos. Subiu à tribuna para pedir a liberdade de apresentação de propostas de emenda aos documentos apresentados pelo Comité Central.

Acusou este órgão de «violar o estatutos do partido», ao retirar poder aos delegados, privilegiando exclusivamente a Comissão de Redacção.

«O método que se pretende prosseguir não é o da decisão colectiva»- disse aquele delegado.

A sua proposta foi totalmente ignorada pela Mesa, que passou imediatamente à votação do regulamento. Este foi aprovado por maioria, com cinco votos contra e algumas abstenções.

À hora do fecho desta edição, o secretário-geral do partido, Álvaro Cunhal, profere uma longa intervenção de abertura.

Entretanto, a possibilidade de vir a ser apresentado nas eleições presidenciais do próximo ano um candidato «da área do PCP» é admitida na proposta de resolução política.

O documento final acrescenta às teses, que serviram de base à discussão no partido, a «ponderação de uma eventual candidatura da área do PCP». Trata-se de um avanço estratégico ainda tímido e que, por isso, não fecha as portas a outras hipóteses, incluindo o apoio a Mário Soares, a exemplo de 1986. A proposta de resolução final, que acentua a autocrítica da direcção do PCP acerca do conhecimento da situação nos países de Leste, introduz novos artigos relativos ao movimento operário. Responde, assim, à recente proposta de fusão das centrais sindicais, avançada por Torres Couto.

«A divisão orgânica do movimento sindical é da responsabilidade histórica das forças que criaram a UGT», lê-se no texto.

Redacção «DL»

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

MOBILIDADE POLÍTICA NA PERSPECTIVA DE 1991

A situação política portuguesa, apesar da estabilidade governativa que registamos em consequência da vitória eleitoral do PSD em Julho de 1987, continua a ser caracterizada por uma intensa movimentação social, por surtos de contestação socioprofissional, por manifestações de incerteza nas esferas da política e da economia, por uma grande mobilidade política. Dir-se-ia que as consequências e contradições da Revolução de Abril constituem um processo sociopolítico aberto. Dir-se-ia que com a normatividade constitucional, e mesmo com a sdegunda revisão da Constituição, o processo de transformação da sociedade portuguesa não está encerrado, e que a vida poderá surpreender os devotos da estabilidade governativa e da tranquilidade institucional.

Não é só o relacionamento entre o Presidente da República e o Governo que, ao aproximar-se o final do mandato, a cada passo ameaça resvalar da solenidade institucional para a conflituosidade política; não é só a resistência das oposições (de direita e de esquerda) à redução do seu papel na formação de uma vontade política que não seja o repetido produto da *ditadura da maioria;* não é só a imposição do «Estado-partido» e o predomínio partidocrático na actividade política, no exercício dos cargos públicos, na administração autárquica. É uma reduzida participação democrática e uma diminuta militância partidária e cívica, a par de uma mobilidade política no interior e no exterior dos partidos e grupos políticos. É, em contraste com a reduzida participação democrática, a agitação suscitada pelos actos eleitorais. É a convicção de que os resultados dos actos eleitorais abalam, num sentido positivo ou num sentido negativo, as estruturas partidárias, gerando novas correlações de forças, criando uma nova situação política.

Este fim-de-semana temos o Congresso Extraordinário do Partido Comunista Português com o qual a direcção pretende dar resposta aos «críticos» e dar resposta às inquietações e dúvidas dos militantes confrontados com as derrocadas dos regimes de «socialismo real» na Europa do Leste. Mas o Congresso Extraordinário, ao que é legítimo supor, não se limitará à defesa de uma ortodoxia e ao combate aos vários heterodoxos, terá de tomar medidas defensivas e ofensivas para manter as posições do PCP na Assembleia da República, nas autarquias, para o preparar para os embates eleitorais. Se a questão da eleição presidencial não é decisiva para o futuro do PCP, é, todavia, delicada. Os comunistas não podem estar ausentes do pleito, não podem optar pela não-comparência, e sabem, a esta distância, que se lhes não oferece qualquer oportunidade de coligação. Apoiarem automática e incondicionalmente a eventual candidatura de Mário Soares, é admitirem que não contam, como partido, para a decisão política no plano da eleição presidencial.

Bem diferente é a perspectiva em que o Partido Socialista, também este mês, vai reunir o seu Congresso. Tem resolvido — se o Presidente Mário Soares corresponder ao voto do seu antigo partido — o problema da candidatura à Presidência da República, e os trabalhos preparatórios do Congresso asseguram ao secretário-geral, Jorge Sampaio, uma vitória folgada. É para alcançar maioria parlamentar que o Partido Socialista faz planos, programas, projectos. Deseja governar sem partilha. Será possível? Para atingir esse objectivo impõem-se medidas relativas à actividade do partido que deverão ser incrementadas e à direcção nacional que deverá ser reorganizada. O Partido Socialista não tem uma actividade na base, nas federações e secções, que corresponda, por exemplo, à capacidade política e de iniciativa do seu Grupo Parlamentar. E se, quanto ao secretário-geral não se coloca o problema da sucessão, as tarefas que pesam sobre Jorge Sampaio, e própria perspectiva da sua elevação a primeiro-ministro, careçem de uma solução orgânica que importa não seja improvisada ou encontrada na premência dos acontecimentos.

Tudo fará o PSD para não ceder aos socialistas do PS as rédeas da governação. Mas os ventos não lhe sopram favoráveis. Se o golpe de «engenharia eleitoral» que, ao que se afigura, será contrariado pelo Partido Socialista, visava reduzir drasticamente a representação parlamentar do CDS (mais ou menos a 1 deputado) e a diminuir significativamente a do PCP, a nova correlação de forças no Parlamento satisfaria os apologistas da bipolarização. Nem os actuais pequenos partidos com voz no Parlamento: «Os Verdes», o PRD, e indirectamente a Intervenção Democrática teriam a possibilidade de se exprimirem; nem a UDP, o PSR e o MDP-CDE poderiam alimentar qualquer esperança eleitoral.

No Congresso do MDP-CDE, reunido no último fim-de-semana num ambiente de incerteza quanto ao futuro partidário, foram ventiladas hipóteses de uma sobrevivência apoiada em alianças conjunturais e acordos para concorrência aos próximos actos eleitorais. Admitiu-se a possibilidade de uma candidatura presidencial de perspectiva ecologista. Adiou-se, para 1991, a decisão definitiva quanto ao futuro do partido. Também quanto ao MDP-CDE o problema não reside em inventar, ou repetir, uma mensagem política, mas em realizar um militantismo de base. A diversificação das alianças, uma certa regionalização das actividades, poderá comprometer a identidade nacional do partido. Lembram-se da desastrada contradição de alianças que conduziu o PRD ao insucesso nas eleições autárquicas?

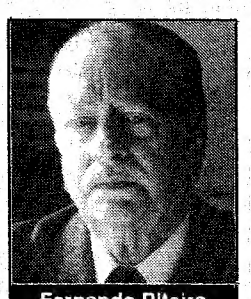
A candidatura de Carlos Marques à Presidência da República não é só uma afirmação de «A coragem de ser solidário», é, também, com o natural apoio do PC(R), uma iniciativa política da União Democrática Popular (UDP) para aproveitar, para a promoção própria, o tempo de antena de uma candidatura presidencial. Não é — a Presidência da República — o objectivo da UDP e seus parceiros; pretende-se uma agitação de esquerda que conquiste posições para a disputa das eleições legislativas.

Não se espera entrar em Belém, mas tem-se a esperança de conquistar um lugar em S. Bento.

Não são em Portugal, no que concerne a política, estáveis os posicionamentos e as estruturas. Com excepção do Partido Socialista e do Partido Comunista todas as outras formações são instáveis. Não se ignoram os problemas do PCP, o previsível desgaste interno, a possível erosão eleitoral, mas é mais grave a situação do CDS e mesmo a situação de estabilidade partidária desse «grande partido» que é o PSD. A mobilidade política trabalha as fileiras da *direita* e do *centro-direita*. Uma candidatura de Francisco Lucas Pires, a concretizar-se, não será só contra Mário Soares, será, igualmente, contra Freitas do Amaral e Cavaco Silva.

E será, acima de tudo, a candidatura à presidência de um novo partido que devorará o CDS e dividará o PSD.

Apesar da estabilidade governativa, (em parte por causa dela), renovam-se as perspectivas da instabilidade política. Nas eleições legislativas de 1991 poderá delinear-se uma nova correlação de forças na Assembleia da República e no País.



Fernando Piteira Santos

LETRA DE FORMA

O INDEPENDENTE

De um artigo de Paulo Portas:

(...) Álvaro Cunhal abriu ligeiramente a questão sucessória. Em vez de se retirar, quis juntar a si o candidato. O ponto é decisivo: um secretário-geral-adjunto que nasce assim está mais vocacionado para a sombra do que para a luz. Não terá vida própria, deverá esperar com paciência a morte alheia. Preparam-lhe um mandato cheio de minas, porque a lei dos aparelhos, incluindo os comunistas, que são peritos na revisão histórica, é a lei dos que passam da paixão ao ódio enquanto o chefe fecha o olho (...)

17.Maio.90

Diário de Notícias

De um editorial:

(...) As palavras de Mário Soares, confirmando declarações anteriormente feitas por Cavaco Silva, ao advogar o levantamento das sanções, reflectem uniformidade de posições de Belém e São Bento e foram explícitas ao sublinharem que, «em política externa, Portugal só tem uma voz, não há várias vozes, tendo chegado o momento de se dizer que apoiamos as reformas da África do Sul».

Não será irrelevante sublinhar a preocupação do Presidente da República em desfazer algumas cortinas de fumo que lhe atribuíam, nesta matéria, uma posição diferente da do Governo, ao referir que «alguma Imprensa tentou encontrar divergências entre o Presidente da República e o primeiro-ministro», acentuando que concorda com Cavaco Silva quanto ao levantamento das sanções a Pretória, ressalvando, no entanto, que «Portugal continua a respeitar as posições dos seus parceiros da Comunidade Europeia».

O projecto do Presidente De Klerk encontra, assim, da parte de Mário Soares, plena aceitação, dado que, como ele mesmo declarou, «não há alternativas ao projecto senão a guerra; portanto, tenho de apoiar o diálogo». (...)

17.Maio.90

PÚBLICO

De um artigo
de Manuel Vilaverde Cabral:

Estou pessoalmente à vontade para apoiar a proposta governamental, porquanto já tive a oportunidade, há anos, de escrever que, do mesmo modo que, a seguir ao 25 de Abril, só a regra da proporcionalidade podia legitimar, pelo procedimento eleitoral, o regime democrático, abrindo-o à máxima representação dos interesses e opiniões de uma sociedade que nunca, na verdade, conhecera um procedimento eleitoral legítimo, do mesmo modo, dizia eu, há muito também que deixei de ver razão para continuarmos a infligir ao nosso sistema político os custos da relativa ineficiência do actual sistema eleitoral. Vejo muitos interesses clientelares e até antidemocráticos a defenderem o tabu da proporcionalidade absoluta, mas não vejo razões. Nem eu nem o eleitorado, que por esse motivo, também, derrotou a ineficiência do sistema eleitoral, atribuindo a um dos partidos concorrentes uma maioria confortável que desse ao país e, consequentemente, à democracia, uma oportunidade de governo estável!

17.Maio.90

Tempo

De um artigo
de Manuel José Homem de Mello:

(...) Não será necessário um estudo aprofundado do que ocorreu no Leste Europeu desde 1945 até fins de 1989, para reconhecer que os regimes impostos pelos soviéticos conseguiram erradicar a miséria, evitar o desemprego, conter os preços (à excepção da Polónia) e disseminar a alfabetização. Alguns serão tentados a acrescentar que já não foi pouco. Responderei, sem a menor hesitação, que foi pouquíssimo porque o «preço» pago para obter esses resultados foi demasiado elevado. (...)

17.Maio.90

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, Eurico Vasconcelos, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tadeu, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Pedro Pessoa, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP - Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 60$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

PORTE PAGO

FORUM

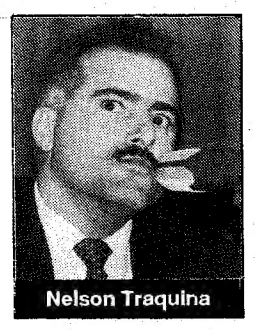
QUARTO PODER

AS FONTES ANÓNIMAS

Alguém «informou» o jornalista da rede noticiosa de televisão CNN que Mikhail Gorbachev ponderava a sua demissão de dirigente do Partido Comunista. Nós, leitores, não sabemos quem. Terá sido o próprio Gorbachev num momento de desânimo perante a lentidão da «perestroika»? Ou alguém do grupo da «linha dura» do partido, apostando na «contra-informação» para enfraquecer a direcção do partido? Ou terá sido a própria mulher, Rasha, cansada de ser primeira dama?

Alguém «informou» o *Diário de Notícias* que o primeiro-ministro ia anunciar uma reestruturação orgânica do Governo numa conferência de imprensa realizada na véspera das eleições autárquicas. Terá sido alguém de um dos grupos internos do partido governamental mais activo em prol duma remodelação ou, ao contrário, de um dos grupos avessos a qualquer remodelação, pequena ou grande? Ou terá sido alguém ligado ao próprio primeiro-ministro interessado em desacreditar os jornalistas? Ou, mesmo, algum noutro órgão institucional com o fim de recordar à opinião pública a continuada presença de certos ministros impopulares? Nós, leitores, não sabemos. Ficamos é mal informados.

Mais recentemente, o *Tempo* «informou» que o futuro ministro da Defesa seria o então (e actual) secretário de Estado de Defesa. Nem sequer se deu ao trabalho de citar uma fonte.


Nelson Traquina

Mas qual é o problema? Efectivamente não há problema, se a ideologia dominante, que estabelece as normas de actuação dos jornalistas, encara o campo jornalístico como outra frente de batalha na luta política e social e os jornalistas como peões importantes desse combate para capturar as mentes e corações dos cidadãos. Não haveria problemas se estivéssemos na Albânia onde provavelmente, até, há escolas de jornalismo controladas pelo partido. Há problema, sim, quando o paradigma deominante confere aos jornalistas a missão de informar com exactidão e rigor. E, quando isso não acontece, o jornalista, o jornal, a empresa jornalística, só têm uma atitude a tomar perante o público - pedir desculpa, como aliás o *Diário de Notícias* fez logo no dia seguinte e com destaque de primeira página, assumindo por inteiro a responsabilidade da sua notícia.

Ao utilizar fontes anónimas, o jornalista corre um risco, sério, grave, que deve medir, para não ter que pedir desculpa, para não correr o perigo de pôr em causa a sua credibilidade. Isso não significa que o jornalista não deve recorrer à utilização de fontes anónimas. Constitui um direito fundamental da profissão, aliás, consagrado legalmente através do direito de sigilo profissional e, por enquanto, duma forma muito liberal na legislação portuguesa. Nos Estados Unidos, por exemplo, já houve jornalistas presos por não revelarem a identidade da sua fonte. Recentemente, um jornalista da agência Lusa foi expulso de Moçambique por se ter recusado a identificar a fonte duma sua notícia.

E a utilização de fontes anónimas é particularmente necessária no tipo de acontecimentos que podemos categorizar como «escândalos» onde o jornalista tem por missão fazer luz, furando a escuridão do silêncio, da omissão e da mentira, e revelando comportamentos profissionais que os «servidores públicos» bem gostariam de manter no segredo de Deus. Sem as fontes anónimas, não teria havido «Watergate», «Irangate», «Belezagate» e outros que irão vir.

Mas os «escândalos» constituem uma parcela ínfima da tonelada de notícias que são publicadas anualmente, enquanto o recurso à utilização de fontes anónimas no jornalismo português assume um peso enorme no produto jornalístico que consumimos. E o que é curioso constatar é que são precisamente as fontes que menos precisam de recorrer ao anonimato, porque têm acesso garantido ao campo jornalístico, que mais o utilizam: as fontes oficiais.

O anonimato é um convite para exagerar, inventar, distorcer, «assassinar», ou, mesmo, pregar uma partida. A bem dizer, o caso dos «governantes vigiados» é disso um belo exemplo. Parece mentira e talvez seja, provando mais uma vez que em Portugal o crime compensa e que alguém pode impune fazer circular a mentira. Só o inquérito parlamentar poderá descobrir se a «informação» tem fundamento ou constitui ficção duma fonte anónima (nós, leitores, não sabemos quem) empolgada com os «thrillers» de Tom Clancy ou atacada pela febre partidária do tipo congressista. Mas, como, em princípio, as fontes não escrevem as notícias, um profissional do campo jornalístico ouviu e introduziu esse ingrediente para dar mais paladar à sua narrativa.

Se a utilização de fontes anónimas fosse encarada como uma situação excepcional, um diamante, seríamos obrigados a concluir que o seu valor pouco ultrapassa o de uma bugiganga comprada na Feira da Ladra.

Se as notícias fossem transmitidas num telejornal, teríamos uma sequência sem fim de vozes vindas da sombra, ou pessoas encapuçadas, ou, mais simples, pessoas com as costas viradas para a câmara, para não darem a cara e assumirem a veracidade das suas informações.

Se fosse doença, estaríamos confrontados com uma epidemia cujas causas não são fáceis de diagnosticar, e para a qual a cura se afigura difícil sem uma tomada de consciência dos jornalistas.

As consequências desse recurso sistemático e indiscriminado à utilização de fontes anónimas são bem evidentes. Não serve o público que, muitas vezes, é servido de «enormes disparates». Não serve os jornalistas que vêem a sua credibilidade enfraquecida com cada notícia não verificada. Não serve os dois, público e jornalistas, cuja relação de confiança é posta em causa porque a fronteira entre o real e a ficção torna-se nublosa. Só serve as fontes anónimas que conseguem iludir e, concomitantemente, elidir a responsabilidade. A continuar assim corremos o risco de ver todos os dias transformados em 1 de Abril.

Esta coluna «O Quarto Poder» pretende ser um espaço de reflexão sobre as práticas jornalísticas, sobre os problemas que os jornalistas enfrentam o seu dia-a-dia, sobre um funcionamento do campo jornalístico em toda a sua amplitude.
Pretende ser analítica. Será certamente crítica. Espera poder servir para promover e estimular o exercício cada vez mais dinâmico e responsável desta profissão cuja importância social ninguém contesta. Esta coluna pretende, também, servir como forum - espaço de diálogo. E os leitores, em particular os leitores jornalistas, serão interlocutores indispensáveis. Espero contar com as vossas contribuições - opiniões, sugestões, «insights» (eventualmente «off the record») que podem fazer chegar (por escrito e assinado) a este jornal, ao meu cuidado.

A PAZ ESTEJA CONNOSCO...

Primeiro, Portugal tinha os salários mais baixos da Europa como humilhante atractivo internacional. Recentemente, as estatísticas provam que somos o país com menos greves e acena-se isso como um paraíso.

Estamos, pois, ao que parece, no melhor dos mundos e reina a mais perfeita harmonia social. Chegou-se ao seguinte entendimento entre patrões e empregados: uns, livram-se de confrontos e odiosas greves, e outros baixam a produtividade e desmultiplicam-se em vários empregos e alguns biscates. Ganha-se em «*paz*» social, sobretudo em abaixamento moral e distorção de valores.

Por essa Europa há um prazo para construção dum prédio. Cumpre-se. Entre nós, arrasta-se por tempo indefinido. Leva-se um automóvel para uma oficina e (salvo as maiores empresas) bem pode passar por lá três ou quatro vezes; Tribunal, nem falar, e Administração Pública é um milagre ou um conhecimento que lhe resolve a situação...

Na verdade, salários médios de 80 contos não são, certamente, para exigir profissionalidade e dedicação. Utilizando uma «*arma*» enviesada, ninguém se chateia e estimula-se a permissividade.

Há poucas semanas, durante uma viagem, conhecidos políticos diziam-me: «*Você é um bocado mística*». Era um cumprimento, mas também um alerta: «*Assim não passa da cepa torta...*»-. A degradação moral, tornada regra, quase que penaliza quem não consegue ou não quer entrar nos esquemas, a obrigatoriedade da «*cunha*» ou unicidade política do compadrio. A maioria dos portgueses assiste, impotente, a esta esfaimada gente que com tanta gula já nem usa faca e garfo.

São os políticos que dão o exemplo e o dinheiro fácil que alimenta a corrida. Para eles, a compatibilidade de vários cargos, enquanto os sindicatos defendem o duplo emprego em vez de salários decentes.

Tudo isto, claro, na cantada «*paz*» social, na felicidade numérica do país com menos greves. A pirâmide social, em Portugal, não existe. As promoções fazem-se sem critério, com base no servilismo e insinuação.

A precaridade do trabalho começa a atingir todos os escalões, numa irónica manifestação de igualdade, «*despachando*» secretários de Estado, sem qualquer piedade, três semanas após a posse. O Fundo Social Europeu tornou-se um verdadeiro cartão de crédito do emprego e sub-emprego em Portugal. Enriquece uns, alimenta outros. No momento em que o «*plafond*» for ultrapassado, começa a pagar-se a conta e, nessa altura, se verá como estamos a «*descoberto*».

Fernanda Mestrinho

Vive-se, pois, um movediço ambiente moral e de comportamentos rasteiros. Dizia-me um amigo com enorme sentido de humor: o melhor era fechar o País e pedir uma sindicância a uma empresa de renome internacional.

Post-Sciptum: Quanto à Lei Eleitoral de que vamos assistir a inúmeros artigos e debates, é de facto necessário melhorar a Lei. Faça-se, no entanto, como com as incompatibilidades de cargos para os políticos. Aprove-se e faça-se entrar em vigor numas futuras eleições. Logo se vê quando...

INTERNACIONAL

População de Bucareste solidária com jovens em greve da fome

Iliescu revela-se incomodado com protestos anticomunistas

Da nossa enviada especial

Dragus Fulger, de 21 anos, é um dos grevistas da fome da Praça da Universidade, em Bucareste. A dois dias das eleições, nem ele próprio sabe por que teima em se entregar desta maneira à sua própria perda. Diz-nos que é essa a sua única política. «Prefiro um gigantesco vazio a este monte de lixo, que é a hipocrisia eleitoral». Está tranquilo, quando toda a gente se mostra desesperada e confundida. Por isso assu,iu uma indiferença fundamental em relação ao que lhe foi porposto: contar ao «DL» a história dos últimos acontecimentos na capital romena. O cheiro que dele emana é insuportável. Perguntámos-lhe: «Como te sentes»? Resposta: «Triste».

A tarde de doingo do dia 22 de Abril marcou o início deste acontecimento ainda difícil de definir. Um punhado de grupos independentes - Associação 21 de Dezembro, Grupo Independente para a Democracia e *Alia Nca Popzula* - que não apresentou qualquer lista para as eleições, converge para a Praça da Universdidade, no centro de Bucareste, onde foram abatidas as vítimas da revolução, em 21 de Dezembro. Minutos depois, os manifestantes bloqueiam o tráfego, formando uma espécie de barricada viva com os corpos. A sua principal exigência era a inclusão do ponto oito da proclamação de Timisoara na lei eleitoral. Esse ponto exige que antigos membros da *nomenklatura* comunista (caso de Iliescu), não se candidatem, durante um mínimo de doze anos, a qualquer cargo dirigente.

O grupo exige ainda o julgamento público de elementos da Securitate implicados nos incidentes repressivos da revolução. Até agora, este processo tem circulado apenas pelos trâmites do ministério do Interior. O cancelamento do decreto 47 que subordina o a televisão ao Estado e a suspensão imediata da velha lei de Imprensa são outras das reivindicações apresentadas.

O número de pessoas aglomeradas e que permanecem no local oscila entre 100 e 200, mas algums milhares afluem, revezando-se durante o dia. Após as horas de trabalho o ajuntamento aumenta para quase o dobro.

Na madrugada de 24 de Abril, às 5 horas da manhã, polícias de choque isolam o local e advertem os manifestantes de que se não saíssem imediatamente teriam que ser dispersados à força.

Este episódios e os que se seguem, foram filmados por alguns alunos da Faculdade de Arquitectura que, todas as noites projectam as imagens num ecran improvisado na Praça da Universidade. Dragus disse-nos ainda que os estudantes têm em seu poder uma gravação captada por um aparelho de rádio fabricado na faculdade, em que se ouve a voz do próprio ministro do Interior, Chita Chitac, comandando os seus homens: «Esmaguem esses miúdos. Isto é uma vergonha. Vamos ser considerados os piores polícias da Europa». A gravação também foi apresentada na Praça da Universidade e, quando lá fomos todos corroboraram a história de Dragus. Obedecendo às ordens de Chitac, os polícias regressam em maior número e desancam o grupo à bastonada, o qual, mesmo assim, resiste plantado no chão. A televisão, que filmou as equimoses dos manifestantes, divulga nessa noite um comunicado distribuído pela polícia, de acordo com o qual «um pequeno número de pessoas ocupava ilegalmente a Praça da Universidade, bloquenado o trânsito e devastando edifícios». A partir daí o descontentamento espalha-se irremediavelmente pelos habitantes da capital e a praça começa a ser inundada por milhares de pessoas.

No dia seguinte, a Liga dos estudantes declara publicamente a sua solidariedade com os manifestantes e convida-os a descer o degraus do Teatro Nacional, onde habitualmente dormiam, e a subir à varanda do edifício da universidade, onde colocaram à sua disposição microfones e altifalantes.

Frise-se que a manifestação de protesto não tem nenhum líder nem faz qualquer tipo de propaganda.

A *gaffe* de Iliescu

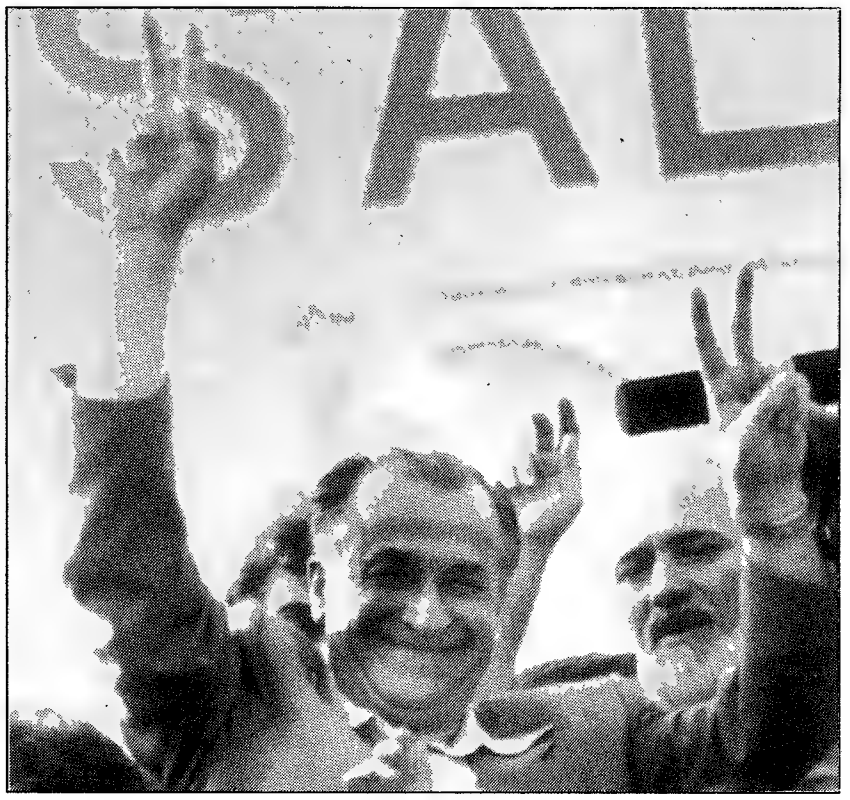
Depois, veio a grande *gaffe* do Presidente Iliescu. No Parlamento, descreve o grupo como uma pandilha de «golans» (vagabundos, boémios).

No dia seguinte, os manifestantes respondem no melhor tom do tradicional humor romeno. Cada um ostenta um pequeno dístico ao peito com a palavra «golan» precedida por epítetos individuais como «golan-reformado», «golan-incansável», «golan-intelectual», «mini-golan» e por aí adiante. O número de variantes é inesgotável. Duas cantigas alusivas foram instantaneamente criadas: «Mai bine haimana decit tradator / Mai bine mort decit comunist» (mais vale ser boémio que traidor / Mais vale morrer que ser comunista), é o refrão de uma delas.

Reconhecendo a importância deste momento político e o seu impacto na vida social romena, o Grupo para o Diálogo Social, igualmente sem pretensões partidárias e bastante ligado aos quatro grupos representados pelos manifestantes, decidiu assumir a mediação do diálogo entre estes e o Governo. Numa conferência de Imprensa ocorrida no dia 28 de Abril, Ion Iliescu e Petre Roman recusam categoricamente tal proposta, dizendo que não ia ninguém que podessem reconhecer com interlocutor e considerando que o ajuntamento, que não foi autorizado, estava a ser manipulado pelas forças da oposição.

Alguns habitantes de Bucareste não ficaram satisfeitos com esta atitude e o número de manifestantes começou a crescer de dia para dia.

Simultaneamente, milhares de pessoas subscrevem a declaração de Timisoara e Constanta. Zonas interditas ao comunismo são igualmente demarcadas nos centros citadinos, dentro das quais os participantes expressam a sua total solidariedade com os «golans» de Bucareste.



O líder da FSN e Presidente da Roménia, Ion Iliescu, faz o «V» de vitória durante um comício do encerramento da campanha eleitoral

Mas a FSN já tinha erguido uma série de «células» de militantes nos mais variados pontos do território. Centros de propaganda com mais de 100 mil pessoas no seu interior provam até que ponto é esmagadora a adesão à sua política. De acordo com os manifestantes da praça, tal fenómeno deve-se ao facto de em numerosas cidades e vilas, as velhas estruturas permanecerem intactas, o que facilita bastante a inserção de novos elementos do governo nos canais propagandísticos. Os mais maldosos garantem que, com algumas recauchutagens se mantêm em destaque os velhos membros da *nomenklatura*.

Intransigência de ambas as partes

Mas o diálogo não chegou sequer a começar. Uma nova delegação do Grupo de Diálogo Social, encabeçada por Gabriel Andredvs, o pintor Sorin Dunitrescu e a poetisa Ana Balandiana, mais um elemento da Liga dos Estudantes, assim com representantes de Timisoara, entre os quais o autor da proclamação, e ainda Constatin Dumitrescu vice-presidente da Associação dos Antigos Presos Políticos, apelam no dia 14 de Maio para a abertura de Iliescu. Mas, devido à intransigência manifestada por ambas as partes, relativamente à data e ao local das conversações, nada aconteceu.

Chitac, o ministro do Interior, anuncia que o aglomerado teria que sair do local até às zero horas de ontem, data do fim oficial da campanha eleitoral. Mas a verdade é que, ainda ontem de madrugada, a praça estava repleta de gente. Alguns grevista, como Argus, teimam em ali permanecer. Mais: o número dos que permanecem no interior da zona interdita ao comunismo chegou mesmo a duplicar.

Marina Tadeu

«Um passo em frente» que pode levar ao desbloqueamento da questão báltica

Primeira-ministra lituana optimista após encontro com Gorbachev

A primeira-ministra lituana, Kazimiera Prunskiene, manifestou-se «satisfeita» com o encontro que ontem manteve com o Presidente soviético, Mikhail Gorbachev, considerando-o «um passo em frente» no sentido da resolução do diferendo que opõe Vilna a Moscovo.

O porta-voz da delegação lituana, que se deslocou a Moscovo, Lionginas Vassiliauskas, declarou à France Press que Gorbachev «já não fala no regresso à situação anterior a 10 de Março» (data da declaração da independência daquela república), mas apenas na «suspensão da declaração». É, sublinhou «um passo em frente nas negociações».

Com efeito, a única mudança da posição do Kremlin reside no encontro entre os dirigentes lituanos e soviéticos, sublinham os observadores.

De referir que esse encontro foi o primeiro aceite por Gorbachev, na sequência da declaração da independência da república báltica e após várias tentativas infrutíferas por parte dos lituanos.

Gorbachev reiterou as suas posições, exigindo que a república «anule ou suspenda» a declaração de independência.

Prunskiene entregou a Gorhachev uma declaração em que o Parlamento e o Governo lituanos se dispõem a «discutir um período de transição e a suspender temporariamente» uma parte das leis adoptadas após a independência, sem abdicar do princípio de soberania proclamado a 11 de Março. Neste último ponto, a Lituânia não cedeu um milímetro.

Prunskiene encontra-se com Baker

Entretanto o secretário de Estado norte-americano, James Baker, que se encontra em Moscovo em preparação da cimeira Bush/Gorbachev, deverá encontrar-se hoje com a primeira-ministra lituana.

Baker informou o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze da realização do encontro.

Um funcionário norte-americano afirmou que Washington não pretende enviar qualquer sinal a Moscovo, com a realização do encontro, tanto mais que o Presidente Bush já recebera a primeira-ministra lituana.

«É uma oportunidade para trocar opiniões e ouvi-la», garantiu o funcionário, não identificado, citado pela Reuter.

No entanto, a atmosfera pré-cimeira tem sido ensombrada pelas tensões crescentes nas três repúblicas bálticas e tem complicado o desejo de Bush de conceder à URSS o estatuto de nação mais favorecida no comércio com os Estados Unidos.

Redacção DL/AFP

INTERNACIONAL

Comunidade intervém em força

A Polónia é o país mais poluído da Europa

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Comissão Europeia ao anunciar ontem novas acções no âmbito do programa PHARE (Auxílio à Reconstrução da Polónia e Hungria) conferiu especial ênfase aos problemas do ambiente na Polónia, país que considerou o mais poluído da Europa. Tanto os especialistas comunitários como as próprias autoridades polacas não têm dúvidas quanto a esta dramática situação: a água de um terço dos rios do país não serve, para fins industriais.

O executivo de Bruxelas concluiu, igualmente, que a esperança de vida na Polónia reduziu-se devido a problemas ambientais e, portanto, é no domínio da defesa do ambiente que a CEE vai intervir neste país. A maioria das acções a empreender serão abertas a concurso onde podem participar empresas dos países membros da Comunidade, como também polacas. Este tipo de intervenção deverá estar concluído até ao fim do próximo ano. Visará, nomeadamente, projectos de desenvolvimento para a redução de substâncias poluentes; uma melhoria da qualidade da água e protecção da natureza; e tratamento de dejectos.

De uma forma geral, os peritos analisaram a situação da Polónia em matéria de ambiente e facilmente constataram a necessidade de intervir rapidamente por forma a minimizar as percentagens de poluição, sobretudo em zonas como a Silésia superior e a Carcóvia. O aquecimento doméstico é poluente, como também o são, em grau elevado, as enormes quantidades de dejectos industriais lançados para os rios e para o Mar Báltico. Uma verba de três milhões e 960 mil contos foi já desbloqueada para auxílio ao combate contra a poluição.

No quadro do programa PHARE estão previstos para este ano e inscritos no orçamento comunitário 54 milhões de contos destinados à reconstrução dos sectores mais carecidos da Polónia e da Hungria.

Um programa similar para protecção do ambiente decorrerá na Hungria, para onde é canalizada uma verba de 4,5 milhões de contos. A Comissão participará, igualmente, no Centro Regional para a Defesa do Ambiente de Budapeste e noutros programas assim designados.

Na Polónia, como em grande parte dos países de Leste, as preocupações com o ambiente parece nunca terem estado à cabeça da lista de prioridades dos antigos governantes. Agora o problema revela-se em toda a sua dimensão. Na foto, aspecto de um complexo industrial mineiro polaco

Assistência técnica de base para a agência de privatizações na Polónia; modernização do sistema financeiro da Hungria; cooperação no domínio das Ciências Económicas nos dois países; assistência técnica destinada a pôr em prática o programa de mobilidade transeuropeu do Ensino Superior (TEMPUS) na Polónia e na Hungria; e participação num programa sectorial de importação de alimentos para animais e de aditivos para os mesmos (Polónia).

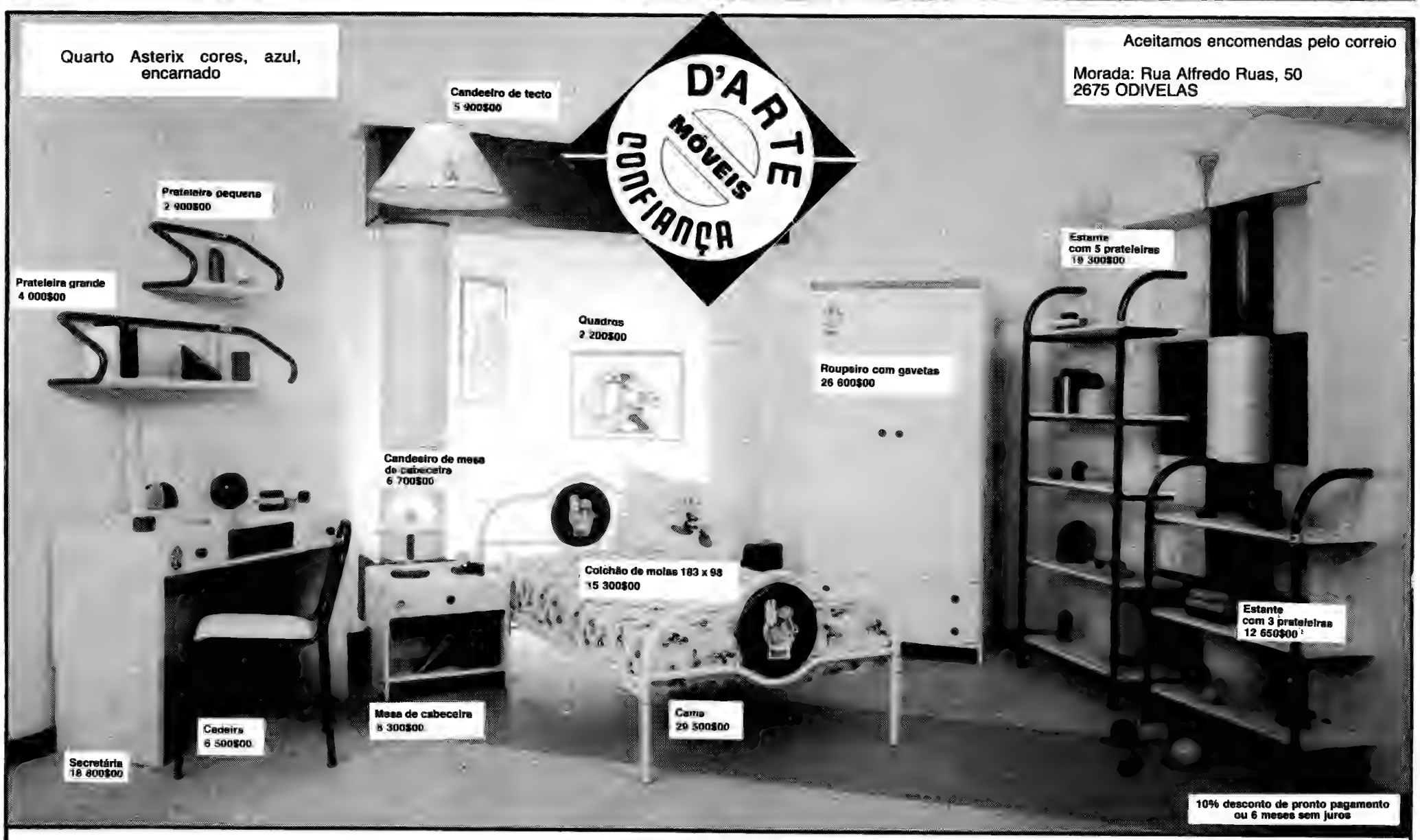
Doenças respiratórias

Num encontro normal com os jornalistas, os porta-vozes da Comissão disseram que a situação ambiental na Hungria é igualmente grave, embora não atinja os níveis da Polónia.

Cerca de 45 por cento da população húngara vive em regiões onde a percentagem de poluição do ar é superior às normas internacionais. Em consequência disso, são detectadas doenças respiratórias, anemias, anomalias ósseas nas crianças e tumores nos pulmões.

A poluição das águas importadas de países limítrofes é preocupante e os principais afluentes estão contaminados por mercúrio e chumbo.

José Rui Cunha



LOJAS DARTY MÓVEIS, CONFIANÇA

ODIVELAS — Rua Alfredo Ruas, 50 — Pedernais — Telefones: 9326054-9326058
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — Telefone: 2769001
LISBOA — Estrada de Benfica, 174-176 — Telefone: 780599
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125-127 — Telefone: 530076
LISBOA — Hipermercado Ibérico — Telefone: 7595959
LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, 18-A — Telefone: 3522682
BARREIRO — Rua Dr. Manuel Pacheco, 92-A — Telefone: 2077237
SETÚBAL — Av. D. Manuel I, Lote 80 — Telefone: 741699
MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40 — Telefone: 2301197
MEM MARTINS — Rua da Azenha, 3 — Telefone: 9217570
CAMARATE — Rua Cidade de Lisboa, Lote 6 — Telefone: 9475311
CARCAVELOS — Rua Paulo Jorge, 3 — Telefone: 2475269
AMORA — Marco Severino, Foguetsiro, Centro Comercial — Telefone: 2523415

LOJAS PICA-PAU

QUELUZ — Av. Elias Garcia, 74-B — Telefone: 4383679
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — Telefone: 4945891
MEM MARTINS — Rua Chaby Pinheiro, 8 e 12 — Telefone: 9217234

LOJAS UTILAR

CHARNECA — Estrada de Camarate, Lote 4 — Telefone: 9475311
CAMARATE — Rua Avelino Salgado de Oliveira, Lote 1 — Telefone: 9474528

Bush e Kohl defendem soberania total para a Alemanha unificada

Numa altura de negociações entre as superpotências, a unificação alemã e o desarmamento são as questões chave

O presidente norte-americano, George Bush, e o chanceler alemão-federal, Helmut Kohl afirmaram ontem, em Washington, após uma reunião de três horas e meia, que uma Alemanha unida deveria ser totalmente soberana e tinha o direito de ser um país membro da NATO. «Quarenta e cinco anos após o fim da II Guerra Mundial, não existe nenhuma razão para que uma Alemanha unida e democrática seja singularizada e submetida a um estatuto especial (...) A Alemanha deve ser totalmente soberana e livre de escolher a suas alianças», frisou George Bush na Casa Branca.

Helmut Kohl e George Bush: «Estamos totalmente de acordo»

A duas semanas da cimeira americano-soviética, em Washington, cujo sucesso será essencialmente avaliado em função dos progressos registados nas negociações do tratado START (redução de 50 por cento dos arsenais estratégicos das duas superpotências), a questão da unificação alemã apresenta-se como um dos maiores obstáculos a superar no novo relacionamento entre os EUA e a URSS.

A solução sugerida pela União Soviética, que defende um adiamento das negociações sobre o estatuto internacional segundo a fórmula «unificação agora, soberania mais tarde», parece ser cada vez mais do desagrado dos ocidentais. Assim, a visita de Kohl a Washington, que se realizou paralelamente aos preparativos da cimeira de Washington que hoje decorrem em Moscovo, serviu para reafirmar a posição germano-americana. Bush e Kohl estão totalmente de acordo sobre a necessidade da Alemanha unificada ser membro da estrutura militar da NATO assim como sobre a permanência de tropas americanas na Alemanha. É de salientar que os dois estadistas consideram que estas duas questões não são da competência da conferência «Dois mais Quatro», contrariamente «ao que pensam os soviéticos».

Não obstante a oposição da URSS, George Bush afirmou que o «importante é continuar a tentar convencer Gorbachev» e Helmut Kohl pensa que «não há razão para crer que os soviéticos não sejam capazes de chegar a um compromisso». De facto, a posição soviética não tem sido muito clara sendo previsível que haja alguma alteração dentro das próximas duas semanas.

O presidente norte-americano e o chanceler alemão-federal manifestaram-se também a favor de um papel mais importante da Conferência sobre a Segurança e Cooperação na Europa (CSCE) como factor de segurança e estabilidade e garante do respeito dos Direitos Humanos no continente.

Baker em Moscovo

O presidente soviético Mikhail Gorbachev recebe hoje o secretário de Estado norte-americano, James Baker, no seu terceiro dia de conversações em Moscovo.

Baker, desde terça-feira na URSS, teve dois dias de conversações com o seu homólogo soviético Eduard Shevardnadze, durante as quais permaneceram as divergências entre as duas potências relativas à redução dos arsenais estratégicos, mas em que houve progressos noutras áreas do desarmamento, nomeadamente nos domínios das armas químicas, da proibição dos testes nucleares e da redução das forças convencionais na Europa.

Após uma reunião de cinco horas, durante a qual James Baker e o seu homológo soviético tiveram a oportunidade de discutir as conclusões apresentadas pelos vários grupos de trabalho sobre desarmamento e relações internacionais, um alto responsável americano declarou que «se considerassemos as nossas diferenças como intransponíveis, não estariamos a trabalhar a este ritmo». No entanto, confrontado com a pergunta de um jornalista sobre as perspectivas de chegar a um acordo antes do cimeira americano-soviética do próximo dia 30, Gorbachev foi prudente ao afirmar: «Não sei. Estamos a tentar tudo para ter a certeza de chegar a um acordo. Devemos fazer isso conjuntamente. Penso que estamos a aproximar-nos.»

Redacção DL/Lusa/AFP

Commonwealth quer manutenção de sanções

De Klerk é recebido amanhã por Thatcher

O Presidente sul-africano, Frederik De Klerk, encontra-se desde ontem em Londres, dando seguimento ao seu périplo por países europeus, que teve início em França, no passado dia 9.

Antes de partir para Londres, De Klerk encontrou-se durante uma hora com o presidente da Comissão Europeia, Jacques Delors, em Bruxelas. Durante o encontro, o Presidente sul-africano voltou a reafimar que as reformas na África do Sul eram «irreversíveis», pelo que a CEE deveria fazer uma «apreciação positiva» desta evolução. Delors, segundo um porta-voz da Comissão Europeia citado pela Agência France Press, afirmou que a atitude da CEE em relação à África de Sul estava a ser objecto de uma «avaliação permanente».

«Não tenho dúvidas de que haverá, nos próximos meses, um reconhecimento por parte da CEE quanto ao processo dinâmico» em curso na África do Sul» afirmou De Klerk uma conferência de Imprensa realizada no fim da sua visita a Bruxelas. À sua chegada a Londres o Presideente sul-africano teve a recebê-lo o vice-primeiro-ministro britânico, Geofrey Howe. De Klerk dedicou o primeiro dia da sua visita à Grã-Bretanha para encontros particulares. Amanhã, a primeira-ministra Margaret Tatcher irá recebê-lo em Chequers, na casa de campo. Segundo os observadores a visita do Presidente sul-africano à Grã-Bretanha será facilitada pela atitude flexível assumida já pelo Governo de Londres de levantar, unilateralmente, as sanções económicas contra a África do Sul, apesar das reticências da CEE.

Posição da Commonwealth

A estada do Presidente sul-africano na Grã-Bretanha decorre numa altura em que os ministros dos Negócios Estrangeiros da Commonwelth, reunidos na Nigéria, reafirmaram a sua posição favorável à manutenção das sanções contra Pretória. A comissão «apoia o ponto de vista de Nelson Mandela segundo o qual o levantamento das sanções poderá fazer abortar o processo de negociações com a África do Sul, só agora iniciado», indica o comunicado final daquela organização.

Depois da Grã-Bretanha, de Klerk visitará nos próximos dias a Suíça, a Alemanha Federal, a Espanha e a Itália. De regresso a Pretória, de Klerk vai também ser recebido pelo Presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, durante uma breve escala que efectuará na Ilha do Sal, no dia 25.

Mandela distinguindo em Argel

Entretanto, o vice-presidente do Congresso Nacional Africano, Nelson Mandela, encontra-se também em visita por vários países africanos. Ontem, em Argel, Mandela foi agraciado pelo Presidente Chadli Benjedid com a mais alta condecoração argelina, em homenagem pela sua luta contra o *apartheid*.

Redacção DL/LUsa/Reuter

B R E V E S

Sendero anuncia «pausa» na luta armada

As autoridades peruanas estão surpreendidas. Quando estavam à espera de um recrudescimento dos atentados do movimento maoísta Sendero Luminoso, nas «comemorações» dos seus dez anos de actividade, encontraram pelas ruas de Ayacucho, bastião andino dos guerrilheiros, panfletos em que se lia: «Retiramo-nos temporariamente da luta armada, mas voltaremos com novo impulso». Ao que parece, o Sendero está dividido em duas facções. A que decidiu pela «pausa», conhecida por PCP - Base, e uma ala dura que propõe uma intensificação do terrorismo urbano. O acontecimento foi imediatamente aproveitado na campanha eleitoral para a segunda volta das presidenciais, que se realiza a 10 de Junho. Vargas Llosa já se declarou pronto a «estender a mão» aos membros do Sendero Luminoso e do Movimento Revolucionário Tupac Amaru (outro dos grupos guerrilheiros em actividade no país) que queiram abandonar as armas».

Assinatura de tratado revela deficit da RDA

A assinatura do tratado de união económica e monetária entre as duas Alemanhas, que deve ser assinado esta tarde, veio revelar alguns números sobre a economia da RDA. Foi ontem anunciado que o deficit orçamental leste-alemão vai elevar-se a 33 mil milhões de Deutschemarks (cerca de três mil milhões de contos), só no segundo semestre deste ano. Este deficit será coberto pela RFA, em 22 mil milhões de DM. Para 1991, está previsto um deficit de 53 mil milhões de DM, com os alemães-federais a entrarem com 35 mil milhões, mais 3 mil milhões para reformas e subsídos de desemprego.

Acusações de fraude eleitoral na República Dominicana

O candidato presidencial da esquerda, Juan Bosch, de 80 anos, apelou aos eleitores para «defenderem os seus votos na rua», acusando de «fraude colossal» o seu adversário conservador, o actual presidente Joaquim Balaguer, de 83 anos. As eleições na República Dominicana, ontem realizadas, estão a ser disputadas palmo a palmo, com Balaguer, que se encontra praticamente cego, a manter uma vantagem de apenas seis mil votos sobre Bosch, um antigo presidente, derrubado há 27 anos por um golpe de Estado. O terceiro candidato mais votado, o social-democrata Pena Gomez, pediu aos apoiantes de Bosch para ficarem em casa, a fim de evitar «um banho de sangue». O ex-presidente dos EUA, Jimmy Carter, que está a fiscalizar as eleições dominicanas, considerou-as «honestas» e a contagem dos votos fiável.

França recusou intervir na Costa do Marfim

Embora o presidente Houphouet-Boigny o tenha pedido verbalmente ao embaixador francês em Abidjan, a França recusou-se a intervir militarmente na Costa do Marfim, para pôr fim à sublevação dos militares que ocuparam quarta-feira o aeroporto internacional do país. A notícia foi publicada na edição de ontem do «Libération», que adianta que o Governo francês justificou a recusa dizendo tratar-se de um assunto «puramente interno», que não deveria ser resolvido, conforme pretendia Boigny, pelo batalhão de fuzileiros navais que a França mantém numa base nos arredores de Abidjan. No entanto, Paris enviou um comandante de uma unidade de elite da polícia francesa para aconselhar o Governo como lidar com os revoltosos, que reclamavam inicalmente melhorias salariais, para depois porem em causa, pela primeira vez, o próprio Boigny, de 85 anos, há 29 anos no Poder.

PAICV abandona centralismo democrático

O PAICV (Partido Africano da Independência de Cabo Verde) vai abandonar o centralismo democrático e conceder «maior autonomia» às suas estruturas regionais, anunciou ontem o orgão oficial do partido, o jornal «Tribuna». A alteração será consagrada no Congresso Extraordinário do PAICV, marcado para a última semana de Julho, na Cidade da Praia. Para os dirigentes do partido, que tencionam pedir adesão à Internacional Socialista, o centralismo democrático é hoje «uma expressão demasiado conotada.»

QUOTIDIANO

BREVES

Judiciária apreende 208 quilos de cocaína

A Polícia Judiciária anunciou o desmantelamento de uma rede internacional de tráfico de droga que culminou com a apreensão de 208 quilos de cocaína, a segunda maior realizada em Portugal. Na operação foram presos quatro cidadãos estrangeiros (um casal de colombianos, um italiano e um brasileiro) e um português, e ainda apreendidas duas viaturas, 40 milhões de pesetas e 20 mil dólares norte-americanos.

Almoço de antigos alunos do Colégio João de Deus

Os antigos alunos do Colégio João de Deus vão realizar amanhã um almoço de confraternização. O encontro tem lugar no Hotel Sintra Estoril, pelas 13 horas, podendo os interessados contactar a organização através do telefone 269 07 21.

Médico condenado por negligência

O médico Leão Leda foi hoje condenado, pelo Tribunal Correcional de Lisboa, a cinco meses de prisão por «negligência» na morte de Maria Leitão Dias. A médica Wanda Colaço, também ré no mesmo processo, foi absolvida.

«O Jornal» e «O Independente» fazem anos hoje

Os semanários «O Jornal» e «O Independente» estão hoje em festa. Comemoram, respectivamente, 15 e dois anos de publicação.

Edições de larga expansão e de conhecido sucesso e prestígio junto do público, os dois jornais anunciam, nesta data, mais iniciativas, mais trabalho, o prosseguimento de cada um dos seus (distintos) projectos.

Às respectivas direcções e redacções aqui fica o nosso abraço de parabéns e votos de maiores sucessos.

Incêndio destrói carpintaria em Pedrouços

Um incêndio de grandes proporções destruiu esta madrugada uma carpintaria na Rua de Pedrouços, em Lisboa, frente ao prédio do Instituto dos Altos Estudos Militares. Não se conhecem ainda as causas do sinistro, que teve início às 3.15 horas e foi considerado extinto uma hora depois. Os Sapadores Bombeiros utilizaram dez viaturas e cerca de 50 homens no combate ao fogo. Um indivíduo que obervava o comabate às chamas foi transportado ao hospital, intoxicado pelos fumos, mas sem gravidade. Os prejuízos são muito elevados

Lotaria Nacional

NUMEROS PREMIADOS

2 930 - 70 000 contos
7 497 - 12 000 contos
59 175 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PREMIO

2 929 - 750 000$00
2 931 - 750 000$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO

7 496 - 350 000$00
7 498 - 350 000$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO

59 174 - 157 250$00
59 176 - 157 250$00

PREMIOS DE 1 000 CONTOS

1 035; 16 773; 17 860; 20 661; 21 787; 25 498; 29 919; 31 838; 36 837; 38 657; 42 249; 45 843; 51 686; 61 760; 63 301; 66 620 e 66 971

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

300 000$00 - 930
60 000$00 - 497
30 000$00 - 175
15 000$00 - 373; 625; 746; 829 e 863
7 000$00 - 0 e 8

PREMIOS DE CENTENAS

20 000$00 - 2 901 a 3 000
12 500$00 - 7 401 a 7 500
10 000$00 -59 101 a 59 200

Novo plano de 4 milhões para luta contra o cancro

Embora sem gosto, Portugal apoiou, em Bruxelas, a proposta da Comissão europeia sobre a publicidade ao tabaco

Do nosso correspondente em Bruxelas

Um Plano Nacional Oncológico para quatro anos, com uma verba de quatro milhões de contos destinado à prevenção, rastreio e intervenção na luta contra o cancro, vai ser realizado em Portugal, de forma a colocar o nosso país a par dos outros parceiros da Comunidade. Foi o ministro da Saúde que, ontem em Bruxelas, revelou parcialmente a iniciativa; acrescentando que o seu anúncio oficial será feito em Lisboa, a 29 de Junho.

O ministro acabara de participar no Conselho dos Doze quando se referiu ao programa. Disse que Portugal não parte do zero, justificando desta forma a verba atribuída ao programa. Arlindo Cunha citou a existência de três institutos oncológicos e a abertura de um outro, até ao final do ano em curso, na cidade do Porto.

O Conselho de Ministros da Saúde aprovou duas directivas, uma delas relativa ao teor máximo de alcatrão autorizado para o tabaco até final de 1992 e outra que dá início a segunda fase do programa europeu da luta contra o cancro, na qual serão dispendidos nove milhões de contos.

Insatisfação

Portugal apoiou a proposta da Comissão Europeia sobre a publicidade ao tabaco «mas não gostou», segundo as palavras utilizadas pelo ministro. À semelhança da Itália, o nosso país é um dos que já possui legislação severa sobre esta matéria.

Países como a Alemanha, Reino Unido e Holanda defenderam uma abordagem cautelosa da questão mas, segundo o ministro, foi com agrado que verificou «estarmos avançados na matéria e que os outros países caminham no sentido das posições defendidas por Portugal e Itália».

A proposta da Comissão Europeia traduz as divergências entre alguns países sobre a publicidade ao tabaco e é formulada no sentido de facilitar o consenso. Pretende o executivo de Bruxelas que a publicidade se restrinja à exibição do maço de tabaco; que se mantenham as advertências sobre o consumo e o perigo que representa para a saúde; que se determina a proibição da publicidade em Imprensa especial dedicada a jovens; e ainda a interdição da publicidade indirecta. A proibição total da publicidade é remetida para 1993 e, mesmo assim, não contemplará a publicidade televisiva referente aos grandes prémios de Fórmula Um.

A reunião ministerial de ontem, contrariamente ao previsto, encerrou à hora do almoço, e permitiu apenas a abordagem de três propostas directivas relativas aos medicamentos. A questão do registo de patentes, para o qual se preconiza a extensão do prazo de validade de 20 para 30 anos, foi agendada para o próximo Conselho mas, em princípio, Portugal discorda.

O Conselho decidiu não se fazer representar oficialmente numa conferência que terá lugar em São Francisco (Estados Unidos), em virtude de ter sido vedado o acesso ao debate a doentes da Sida. De acordo com a Comunidade, trata-se de uma medida discriminatória, que condena. Assim, nesta reunião onde se debaterá a doença, a CEE estará presente a nível técnico, recusando uma representação oficial como forma de protesto.

José Rui Cunha

TSF confia «Espero que desta vez a atribuição das frequências não suscite polémica e que seja feito o reconhecimento do trabalho que a TSF tem vindo a realizar», disse hoje, ao DL, o director daquela estação de rádio. Emídio Rangel falava sobre as expectativas que rodeiam a decisão do júri encarregue de escolher as duas primeiras rádios regionais portuguesas. A TSF vai abrir estúdios em todas as capitais de distrito abrangidas pelo seu sinal e criará, entre outras iniciativas, uma equipa de reportagem permanente e itinerante na região. O investimento do seu projecto eleva-se a 250 mil contos, confidenciou-nos Emídio Rangel.

Impasse na Universidade Aberta

Reitor reconhece necessidade de reunião com Ministério

Frente à Universidade Aberta, em Lisboa, largas dezenas de licenciados, professores provisórios já com alguns anos de ensino, manifestaram ontem o seu descontentamento, enquanto uma comissão manteve conversações, entre as 16 e as 21 horas, com o reitor Rocha Trindade e o Conselho Científico. «A Universidade Aberta demonstrou alguma abertura e fez algumas cedências mas o Ministério tem que assumir de uma vez por todas a sua quota parte da responsabilidade», disse uma delegada sindical.

No final do encontro, o reitor afirmou: «Há necessidade e urgência de uma reunião tripartida (Ministério, Universidade e representantes dos formandos) a fim de se encontrar algum consenso».

Os formandos pretendiam a redução de conteúdos programáticos e a sua adequação ao tempo real disponível (em quatro meses ser-lhes-á ministrada matéria de um ano lectivo). Reivindicavam um esquema de avaliação que não o estipulado (o exame clássico, exclusivo, a realizar em Julho e Setembro para as didáticas específicas e pedagógicas) e ainda a não discriminação face a outros professores sujeitos a um regime de profissionalização diferente, mais apoiado e contínuo (porque presencial) das Escolas Superiores de Educação.

Em vez de adaptar os conteúdos programáticos ao tempo disponível, fazendo os vulgares cortes de matéria, o Conselho Científico da Universidade Aberta decidiu «adequar» o tempo aos conteúdos, alargando o período inicialmente previsto para os exames até Outubro e, mesmo até finais de Dezembro, «instituindo» assim uma possível época de recurso.

A verdade, porém, é que grande parte das decisões transcendem o fôro da Universidade e são da competência exclusiva do Ministério da Educação, entidade empregadora dos docentes/formandos. O Ministério tem-se «escudado» até agora com a autonomia universitária e, de certa forma, tem-se mantido à margem da situação por ele criada, afirma Teodolinda Boucinha, a representante da FENPROF no diferendo que opõe os formandos à Universidade Aberta e ao Ministério da Educação. «Ou o Ministério encomendou mal o serviço à Universidade Aberta ou a Universidade Aberta não soube dar conta da encomenda», refere, a propósito, a delegada sindical, para adiantar que a responsabilidade deve ser cobrada, em última instância, junto do Ministério da Educação. Entretanto, uma delegação da Federação Nacional dos Sindicatos da Educação que se reuniu quarta-feira com o reitor da Universidade Aberta comunicou ontem ter este admitido que os exames «viessem a realizar-se ao ritmo de um por semana, com início na última semana de Setembro e decorrendo até final de Outubro». Na nossa edição de segunda-feira publicaremos as declarações feitas pelo reitor Rocha Trindade no âmbito duma entrevista que nos concedeu sobre os problemas da Universidade Aberta.

QUOTIDIANO

Ferroviários UGT: federação na gaveta

O segundo «não» da assembleia geral do Sinafe congelou as pretensões ugetistas na CP

A constituição de uma federação de sindicatos de ferroviários no âmbito da UGT encontra-se «parada», depois da assembleia geral do Sinafe se ter pronunciado contra ela pela segunda vez. E o seu dirigente, Cruz Luís, um dos principais adeptos da futura organização, parece ter deixado de lhe encontrar mérito.

«Neste momento não tem cabimento seguir para a frente com o projecto», afirmou ao «DL» João Amoroso, dirigente do Sinfese, outra das estruturas sindicais da central na CP.

Esta posição de um dos principais impulsionadores do projecto e obreiro dos seus estatutos deve-se ao esvaziamento que a organização tem vindo a sofrer, estando neste momento resumida a dois sindicatos: o próprio Sinfese e o dos Trens e Revisão.

A primeira organização a distanciar-se da federação foi o Sindefer (maioritariamente socialista), que considerou os estatutos elaborados como uma tentativa de hegemonização dos sociais-democratas.

Mas o «rombo» final que o projecto sofreu foi o segundo «não» da assembleia geral do Sinafe.

Em termos estatutários, a direcção do Sinafe precisava da aprovação de dois terços da assembleia geral para se filiar na federação. Numa primeira reunião, a votação não foi favorável aos seus intentos, mas por uma pequena margem de votos o que, segundo o seu dirigente, Cruz Luís, se deveu a «uma falta de esclarecimento dos associados».

Em declarações que nessa altura prestou ao «DL», Cruz Luís afirmou que «estamos empenhados no projecto e esclareceremos os nossos filiados quantas vezes forem necessárias até que os trabalhadores percebam o interesse que a federação tem».

Assim, foi convocada uma segunda assembleia geral para debater o assunto.

No entanto, o resultado da votação foi ainda mais penalizador para a direcção: contaram-se 73 votos contra e apenas 54 a favor. Pelo contrário, a filiação na nova deferação do sector dos transportes (Fetrans) foi a provada.

Segundo fontes sindicais que não quiseram ser identificadas, «o resultado da votação não foi contra a filiação na federação, mas uma forma de penalizar a actuação de Cruz Luís à frente do sindicato».

O «DL» tentou por várias vezes ouvir o dirigente do Sinafe sobre o assunto, mas todas as tentativas foram infrutíferas.

Direcção do Sinafe: do «sim» ao «não»

Mas em declarações à Lusa, o dirigente do Sinafe afirma agora que o seu sindicato «tem força suficiente para prosseguir sozinho, de modo independente, a luta por melhores condições para os ferroviários» e que a adesão à UGT, em 1985, «não trouxe vantagens aos ferroviários, que se sujeitaram a estratégias alheias, levando-os a aceitarem tectos salariais que, de outra forma, poderiam ter sido superados».

Esta posição é tanto mais inesperada, quando ainda a 27 do mês passado o Sinafe enviava uma carta ao Sindefer, assinada, entre outros, por Cruz Luís, onde elogiava o projecto democrático da UGT e convidava a organização socialista para «discutirmos e refletirmos em conjunto sobre os problemas que os ferroviários associados dos sindicatos/UGT da CP enfrentam, assim como tomarmos conhecimento da vossa posição face à futura federação de ferroviários e preparação do respectivo congresso constitutivo».

Na sua missiva, o Sinafe convidava o Sindefer a estar presente numa reunião com as outras organizações ugetistas, no dia 8 do corrente mês, «na sede da UGT, na sala à disposição da futura federação».

Em resposta, o Sindefer afirmou que mantinha o seu desacordo quanto aos estatutos da futura federação, estranhando que a direcção do Sinafe «queira saber a posição do Sindefer e promova a 8 de Maio uma reunião para decidir da assembleia constitutiva da projectada federação, quando só a 10 de Maio é que saberá se os seus associados rectificam ou não a decisão tomada na assembleia de 27 de Março, contrária à adesão».

Posição contrária teve a assembleia geral do Sinfese, que esta semana votou a favor da filiação da estrutura na federação dos ferroviários, mas recusando a adesão à Fetrans.

No entanto, segundo o seu dirigente, João Amoroso, «neste momento a votação não é muito importante, porque não passa pela cabeça de ninguém formar uma federação com apenas dois sindicatos».

«Para a direcção do Sinfese o resultado da assembleia geral tem significado no sentido de que representa que os associados concordam com o trabalho que desenvolvemos no sentido da criação de uma federação da UGT no sector», disse João Amoroso.

E como a presente direcção tem ainda à sua frente dois anos de mandato, é uma questão de «aguardarmos, porque o movimento sindical não é estático e a situação pode alterar-se».

João Amoroso defende assim que a ideia não está completamente posta de parte, mas a «aguardar melhores dias».

Recorde-se que os sindicatos da UGT na CP contaram desde o início com o apoio de Pereira Lopes e de Torres Couto para a formação da federação.

Elsa Andrade

Henri Lloyd lança em Portugal:

O *look* da aventura

A marca Henri Lloyd, que ocupa no nosso imaginário o espaço reservado à aventura, vai ser agora comercializada em Portugal. Dentro do estilo inglês genuíno, sugerindo deambulações pelos bosques, caçadas, pescarias, contactos com a natureza de índoles diversas, dirige-se a uma clientela muito especial.

Representa o lado nostálgico da sociedade urbana, pois reabilita, em tempo de férias e nos fins-de-semana, a filosofia do bom selvagem, mas sem prescindir da elegância. Está presente no *look* do homem que fuma cigarros Camel e na imagem dos modernos velejadores.

Chegou, portanto, a hora de fornecer a um público determinado aquilo de que no seu guarda-roupa faltava. Assim, a empresa de Júlio Calheiros, ainda novata no mercado, encarregou-se de trazer para o nosso país uma gama de modelos e acessórios que têm a ver com o prático confortável.

Botas rústicas de couro, gabardinas, peças de roupa à prova de água, sapatos de fino cabedal comportando a assinatura Henri Lloyd, marca ainda recentemente distinguida com dois galardões pela rainha de Inglaterra

Anabela Loureiro

O estilo inglês genuíno

Embora a aposta incida no clássico, sem grandes ousadias no plano do *design*, esta etiqueta manifesta preocupações tecnológicas. A verdade é que canalizou as energias para a pesquisa, com vista à descoberta de materiais duráveis, capazes de resistir aos impactos ambientais. Não pode desmerecer o prestígio que lhe advém do facto de ser usada pelos campeões da *Whitbread round the world race* e de muitas outras competições desportivas.

Lourdes Féria

VIAGENS FÉRIAS 1990

AUTOPULLMANS DE LUXO
HOTÉIS SELECCIONADOS ★ GUIAS EXPERIENTES

MINHO • GERÊS • CANIÇADA
ARRAIAL NA QUINTA DE SANTOINHO
3 DIAS - PARTIDAS: 19 MAIO • 9 E 14 JUNHO
TODOS OS SÁBADOS DE JULHO A OUTUBRO

NORDESTE TRANSMONTANO
4 DIAS - PARTIDAS: 14 JUNHO • 21 JULHO • 4 E 18 AGOSTO • 1 E 15 SETEMBRO • 5 OUTUBRO

CRUZEIRO NO DOURO
NAVEGANDO DA RÉGUA AO PORTO E ALMOÇO NA PATEIRA DE FERMENTELOS
3 DIAS - PARTIDAS: 19 MAIO • 9, 16 E 30 JUNHO • 7, 14 E 21 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15, 22 E 29 SETEMBRO • 6 E 20 OUTUBRO

NORTE MARAVILHOSO
MINHO • TRÁS-OS-MONTES • BEIRAS
ARRAIAL NA QUINTA DE SANTOINHO
6 DIAS - PARTIDAS: 10 JUNHO • 15 E 22 JULHO • 5, 12 E 19 AGOSTO • 2, 9 E 16 SETEMBRO

FÉRIAS NO MINHO
ARRAIAL NA QUINTA DE SANTOINHO E «SHOW» NO CASINO DA PÓVOA!
6 DIAS - PARTIDAS: 10 JUNHO • 8 E 22 JULHO • 5, 12, 19 E 26 AGOSTO • 2, 9, 16 E 23 SETEMBRO • 2 OUTUBRO

MINIFÉRIAS EM AMARANTE
PRINCESA DO TÂMEGA
4 DIAS - PARTIDAS: 9 E 13 JUNHO • 7, 14, 21 E 28 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15 E 22 SETEMBRO • 4 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO • 1 E 8 DEZEMBRO

FÉRIAS EM AMARANTE
6 DIAS NA PRINCESA DO TÂMEGA
PARTIDAS: 9 JUNHO • 8, 15 E 22 JULHO • 5, 12, 19 E 26 AGOSTO • 2, 9, 16 E 23 SETEMBRO • 2 OUTUBRO

FÉRIAS TRANSMONTANAS
ESTADIA NO HOTEL AQUAE FLAVIE (CHAVES)
6 DIAS - PARTIDAS: 8 JUNHO • 1, 8, 15 E 22 JULHO • 5, 12, 19 E 26 AGOSTO • 2, 9, 16, 23 E 30 SETEMBRO • 7 OUTUBRO

SEVILHA • BADAJOZ • OLIVENÇA
3 DIAS - PARTIDAS: 9, 14 E 30 JUNHO • 14 E 21 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15 E 22 SETEMBRO • 5 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO • 1 E 8 DEZEMBRO

ANDORRA • MADRID • ZARAGOZA
5 DIAS - PARTIDAS: 10 JUNHO • 7 E 21 JULHO • 4, 11 E 18 AGOSTO • 1, 8 E 15 SETEMBRO • 4 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO • 1 E 18 DEZEMBRO

MADRID • SEGÓVIA • NAVACERRADA VALE DOS CAÍDOS
4 DIAS - PARTIDAS: 10 E 14 JUNHO • 7, 14, 21 E 28 JULHO • 4, 11, 18 E 25 AGOSTO • 1, 8, 15, 22 E 29 SETEMBRO • 4 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO • 1, 8 E 22 DEZEMBRO

GRANADA • SIERRANEVADA • SEVILHA
4 DIAS - PARTIDAS: 9 E 14 JUNHO • 1 E 15 JULHO • 5, 12 E 19 AGOSTO • 2, 9 E 16 SETEMBRO • 4 OUTUBRO

CEUTA – GIBRALTAR
COSTA DEL SOL • TORREMOLINOS
4 DIAS - PARTIDAS: 10 E 14 JUNHO • 1 E 15 JULHO • 5, 12, 19 E 26 AGOSTO • 2, 9, 16 E 23 SETEMBRO • 5 OUTUBRO • 30 NOVEMBRO

PUEBLA DE SANÁBRIA • SALAMANCA NORDESTE TRANSMONTANO
4 DIAS - PARTIDAS: 10 E 14 JUNHO • 7 E 21 JULHO • 4 E 18 AGOSTO • 1 E 8 SETEMBRO • 4 OUTUBRO • 1 NOVEMBRO

SANTIAGO DE COMPOSTELA • LA CORUÑA • VIGO
5 DIAS - PARTIDAS: 10 JUNHO • 21 JULHO • 4 E 18 AGOSTO • 1 E 15 SETEMBRO • 1 OUTUBRO

PALMA DE MAIORCA • ANDORRA • MADRID
9 DIAS - PARTIDAS: 18 JULHO • 1 AGOSTO • 5 SETEMBRO

FÉRIAS EM PALMA DE MAIORCA
PARTIDAS: TODOS OS DIAS DE MAIO A OUTUBRO

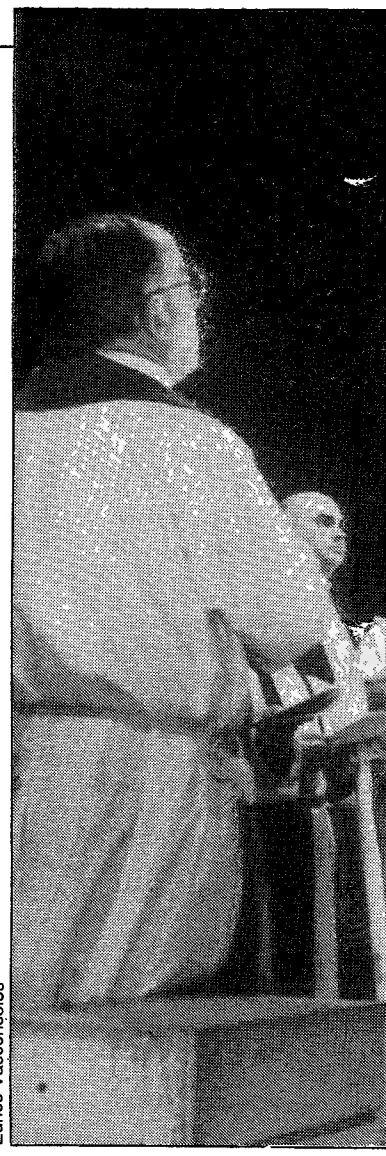
INFORMAÇÕES E RESERVAS
AVIC Holiday Tours
AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 53 • 1000 LISBOA
(METRO SALDANHA)
☎ 52 11 16 • 52 11 17 • 57 29 70
OU NA SUA HABITUAL AGÊNCIA DE VIAGENS

CML

proteja a sua saúde
mantenha a tampa fechada

Há séculos que as religiões comandam as acções dos homens. Quando a ciência avança, a palavra de Deus terá, talvez, de ser sujeita a novas interpretações

Os insondáveis desígnios


Eurico Vasconcelos

As religiões, atribuindo a um poder superior a criação do universo e do homem, fazem também depender dele a vida e a morte. As regras definidas pelas religiões têm vindo a mudar com a evolução do conhecimento humano, mas na sua maioria, sendo intemporal o seu poder, elas impõem às sociedades conceitos de vida e morte pouco mutáveis. Procurámos sondar, junto de representantes de cinco religiões diferentes, o que pensam tais doutrinas sobre a eutanásia. Os fragmentos de depoimentos que aqui apresentamos são o resultado de conversas individuais com a jornalista, em que se procurou compreender os princípios que regem os homens e mulheres que acreditam em determinada fé, quando a morte incontrolável e penosa se aproxima.

O pensamento evangélico crê num Deus que não exige o sofrimento. Para os evangélicos, a Bíblia interpreta-se a si própria, e um crente, em relacionamento com um Deus que o respeita, pode alcançar uma determinada orientação superior de Deus. Serafim Regueiras(SR), pastor evangélico de Morelena-Sintra, declara ao DL que a sua fé *não proíbe* a eutanásia.

SR: Há alguns pensadores que vão buscar à Bíblia a justificação para a eutanásia. De facto, a Bíblia, que é a nossa fonte de revelação e única regra de fé prática, diz que Deus quer a misericórdia e não o holocausto. Há implicações no conceito de vida que nós não podemos explicar. Embora seja um conceito cheio de complexidades, cremos que o autor da vida, Deus, nos apresentou, na criação, a informação acerca de como viver. A religião, num certo sentido, é essa procura de respostas para as grandes questões. O pensamento evangélico crê num Deus que não exige de nós o sofrimento. Para os evangélicos, a Bíblia interpreta-se a si própria. Há uma expressão bíblica que diz "pela graça sois salvos. Isto não vem de vós, é uma dádiva, um dom de Deus". Mas, embora a Bíblia não seja muito clara sobre se é permitida ou não a eutanásia, através do seu ensinamento, um crente pode alcançar uma determinada orientação superior de Deus. Um médico que tem esta convicção religiosa, não precisa necessariamente da palavra árida duma lei para resolver uma questão como a eutanásia. Acreditamos no livre arbítrio. Não estamos tão manietados a uma centralização que dita aquilo que deve ser feito.

No Islão, pelo contrário, os sofrimentos da hora da morte poderão ser o castigo de uma vida de pecado. A agonia é vista como um tempo determinado por Deus para a meditação e o arrependimento. O DL foi à Mesquita muçulmana e falou sobre o assunto com o teólogo Sheik Munir(SHM).

SHM: No Islão, o suicídio é proibido. Mesmo que se esteja em grande sofrimento, não se pode provocar a morte, porque a vida é sagrada, e não a podemos violar. Os ensinamentos do Islão dizem que os sofrimentos na hora da morte podem ser um castigo por actos que a pessoa cometeu em vida. Além disso, enquanto há vida há esperança, física e espiritual. Muitas vezes, sofre-se fisicamente, mas não se está preparado espiritualmente para morrer. O sofrimento perdoa os pecados. O Islão recomenda que, perante o sofrimento dum moribundo, se recitem versos sagrados do Corão para ajudar a pessoa a concentrar-se na morte e a enfrentá-la com coragem.

O judaísmo proíbe inteiramente a eutanásia para um moribundo inocente, mas não a proíbe para um condenado à morte. O dr.Joshua Ruah(JR), urologista judeu, conversa longamente com o DL sobre a questão e levanta várias contradições.

JR: A eutanásia é expressamente proibida pela lei judaica, neste conceito de aliviar o sofrimento dum doente. É absolutamente proibido abreviar a vida, e essa ideia de outros tempos de que os judeus abreviariam a vida em determinadas circunstâncias é perfeitamente falsa: nem no leito de morte se deve tocar ou perturbar uma pessoa que está a morrer, a não ser para fins terapêuticos. O simples acto de fechar os olhos a um moribundo é proibido. O fundamento é religioso e é o de não matar. Não se pode matar uma pessoa viva, neste conceito de ter pulso e batimentos cardíacos e movimentos respiratórios, esteja ela moribunda ou saudável.

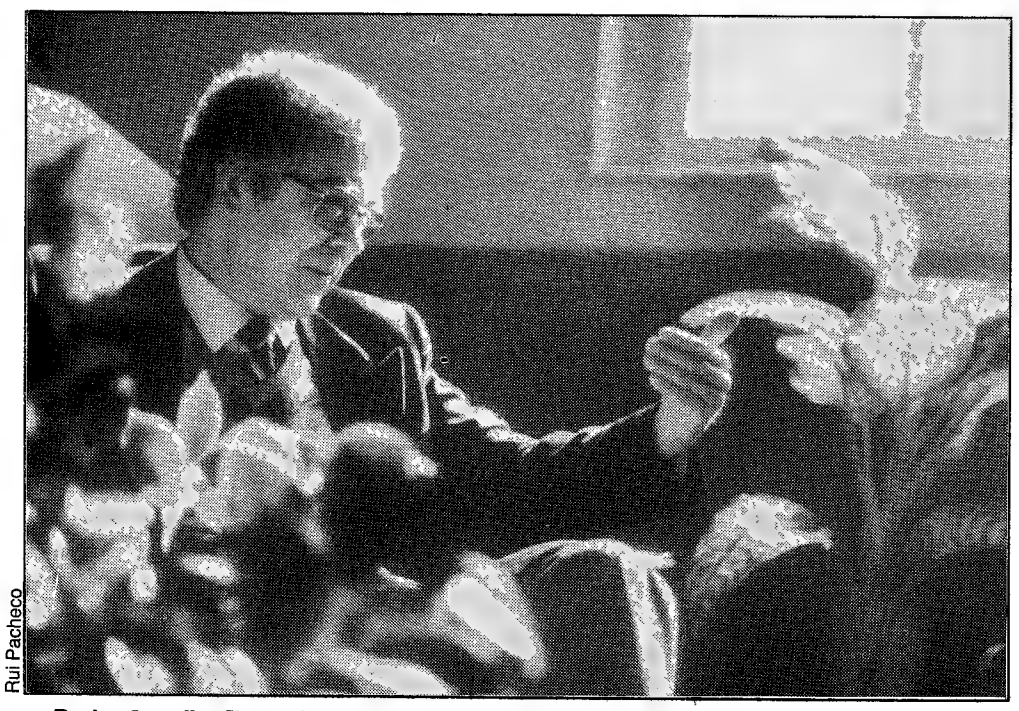
Mitah lafah, a morte suave do condenado

JR: Em hebraico, esta noção chama-se *mitah yafah*, que quer dizer morte agradável. É muitas vezes referida no Talmude, não relativamente à morte dum doente, mas à que se vai provocar a um condenado. Quando alguém está condenado à morte, a lei talmúdica diz que essa pena deve ser executada de forma a que a pessoa não sofra. O que é interessante, porque o Talmude nunca refere o facto de se provocar a morte num moribundo, que esteja em sofrimento por doença. Isto faz-nos pensar numa certa dualidade que existe entre todos os que questionam esse tipo de execuções. Portugal foi dos primeiros a acabar com a pena de morte. No entanto, em países onde ela existe, como os EUA, questiona-se a eutanásia. O problema não deve residir no provocar da morte, porque ela pode ser provocada numa pessoa sã, e que apenas cometeu um crime; não é o fenómeno morte que está na base da discussão, mas um fenómeno social, de relação das pessoas com o que vai morrer. Enquanto for o ente querido que está moribundo, as pessoas querem que ele viva para estarem próximas dele o mais tempo possível. Mas o condenado é a pessoa socialmente rejeitada; a intenção é ver-se livre dele o mais depressa possível. No fundamental, não é o acto de matar, em si, independentemente de qualquer outra problemática, que levanta a questão. É a relação da sociedade e das pessoas com o doente e com o condenado. Repare como os conceitos morais são contraditórios: um crente que diz que é contra a eutanásia, mas admite a pena de morte. Mas é com o argumento da soberania de Deus sobre a morte e a vida duma pessoa que sofre, que nós não praticamos a eutanásia.

Para os católicos, o direito à vida é ao mesmo tempo um dever inalienável. Se a eutanásia é sempre ilegítima, já igualmente o é a utilização de meios extraordinários de tratamento para além de qualquer esperança. O padre Feytor Pinto(FP), professor de ética para enfermeiros e médicos, afirma ao DL que a Igreja Católica considera que a eutanásia vai contra a consciência universal da comunidade e contra os valores da ética.

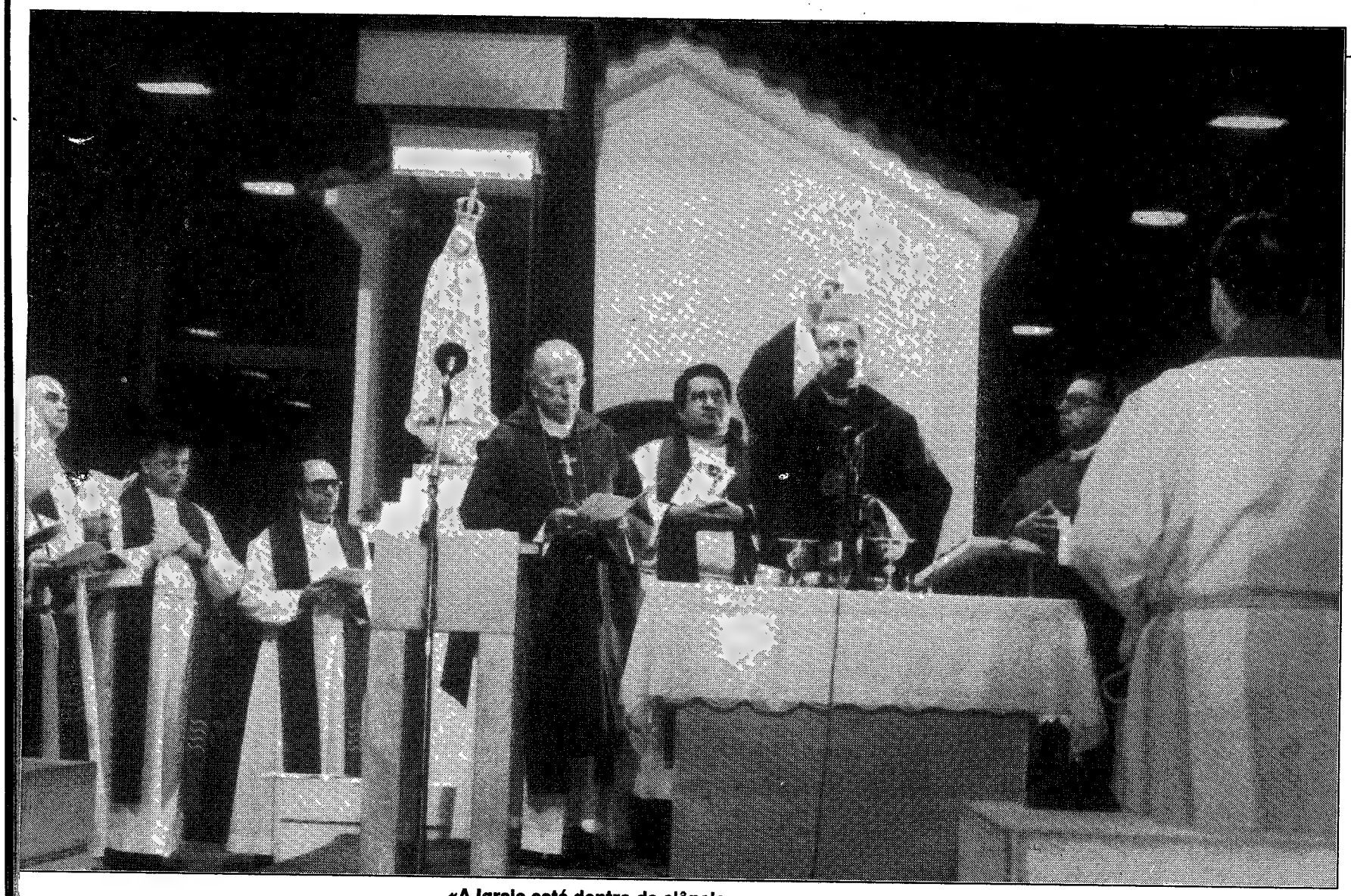
FP: A religião católica toma posição sobre este problema, embora não seja propriamente um problema religioso que está em questão, mas sim um problema humano. O artº 3º dos Direitos Humanos diz que "todo o ser humano tem direito à vida, à liberdade e à segurança da sua pessoa". Se o ser humano tem o direito à vida, e se o artº 2º dos direitos humanos diz que "toda a forma de discriminação é ilegítima", no 1º de todos os direitos humanos não pode haver discriminação. A pessoa doente, mesmo numa doença terminal, não perde o direito à vida, e pertence aos técnicos de saúde apoiá-la, dar-lhe dimensão e qualidade, nunca provocar a morte. Dentro desta perspectiva, a Igreja Católica afirma que a eutanásia é sempre ilegítima, vai sempre contra a consciência dos cidadãos e contra a consciência universal da comunidade, contra os valores da ética, e é deontologicamente errada. Mas, se uma pessoa estiver em fase terminal, não é obrigada a utilizar meios extraordinários para prolongar essa vida inutilmente. Chama-se eutanásia não levar uma pessoa para uma unidade de cuidados intensivos, para ficar ligada a uma máquina durante dois meses, sem haver qualquer esperança de recuperação? A isto chama-se distanásia. A distanásia é tão condenável como a eutanásia. Uma é o encurtamento da vida, a outra é o seu prolongamento exagerado. Ambos são ilegítimos, do ponto de vista da consciência. Mas, por razões políticas ou afectivas, muitas vezes prolonga-se exageradamente a vida dum cidadão. Lembro-me de 4 ou 5 grandes políticos, como Franco, Tito, o Imperador Hirohito, do Japão, a quem prolongaram exageradamente a vida, por autêntica distanásia. Porquê? Para não haver distorção política no país e haver tempo para prevenir todas as mudanças. Por vezes faz-se a reanimação abusiva dum cadáver. E com o diagnóstico de morte cerebral, podemos hoje dizer que há cadáveres com o coração a bater e com o sistema respiratório a funcionar; porque já se deu o corte do tronco cerebral, que é o que define a morte dos indivíduos nos dias de hoje. Felizmente já chegámos a conclusões desta natureza. A Comissão Pontifícia da Santa Sé para a Ciência, em documento de 1985, aceitou o conceito de morte cerebral, porque a vida humana depende do cérebro e não do coração.

No Budismo e no Induísmo, o sofrimento não acaba ao abreviar a vida do moribundo. Ele pode continuar para além da morte. Nenhuma das duas religiões aceita a ideia de tirar a vida a alguém que estejacondenado a morrer em sofrimento. Para os indus e budistas, a vida significa preparar para a morte, e morrer e renascer estão em continuidade. O DL foi encontrar um budista no sul do país, nascidona Índia, de família indu. Acumpunturista, o nosso entrevistado acedeu a conversar connosco, mas pediu o anonimato. Referimo-nos a ele apenas como "Budista".


Rui Pacheco

Padre Serafim Regueiros: «Um crente evangélico, acreditando no livre arbítrio e na sua relação directa com Deus, pode decidir por si, sem necessidade de qualquer lei, a sua atitude perante a morte e o sofrimento »

A.M.A.
Auto Monumental do Areeiro S.A.
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



«A Igreja está dentro da ciência»

Quando já não há retorno à vida, sofrer é inútil

Um rápido desfecho

Divulgamos hoje a declaração de intenções do psiquiatra Eduardo Luis Cortesão, confessada ao DL durante a conversa que tivemos com o professor. Mesmo não sendo um testamento Vital formalizado, a intenção partilhada por família e amigos tem, na actual fase do problema, a mesma importância em relação a quem a faz.

Eduardo Luís Cortesão:

Como pessoa, tanto eu como a minha mulher pedimos muito ao outro que, se houver um estado final de grande sofrimento de um de nós, que o outro evite imediatamente o prolongamento do sofrimento. Nem um nem outro somos sádicos ou masoquistas e muitas pessoas são sado-masoquistas e não gostam de o admitir, e escapam à consciência disso invocando princípios legais, religiosos, etc. No meu caso pessoal, da minha mulher e de dois ou três amigos, combinámos que num estado final dum de nós, os outros usem todos os meios ao seu alcance para não prolongar o sofrimento.

Tenho muito amor à vida, mas não tenho nenhum amor ao sofrimento, a não ser quando ele é inevitável e temporário. Isto é a minha posição pessoal com as minhas pessoas.

M.S.D.

Ja- am por or- is- e nir Por ção om re- ue ção pi- ue ico e a os já sta on- a de de a do

Budista: Quando falamos de induísmo, parece-nos que é uma religião estruturada, como outras religiões, mas a meu ver não é. O induísmo engloba tantas ideias, tanta mistura de sistemas filosóficos e religiosos que existiam na Índia, tantos deuses diferentes, que um indu poderá não ter nada em comum, religiosamente, com outro, que venera um outro Deus. É difícil falar como se o induísmo tivesse uma opinião sobre a eutanásia ou outros assuntos. A minha experiência espiritual foi com Lamas tibetanos, com quem estive algum tempo a fazer um retiro em França, ligado ao budismo tibetano. E aí sim, aprendemos a importância da vida e da morte. Só que tanto o budismo como o induísmo não aceitariam a ideia de tirar a vida a alguém que estivesse morrer e a sofrer. A não ser talvez em casos muitos específicos, tratados por indivíduos que tenham capacidade de ver o que se passa na mente desse ser moribundo. Pois esses são indivíduos que conseguem ver com uma maior abertura e espaço o que se passa nessa pessoa e porquê. Tanto para os indus como para os budistas, a morte e o nascer não são o começo e o fim de algo sólido. Eles acham que a vida significa preparar para a morte, e que aquilo que se faz durante a vida se vai reflectir depois desta. Se acreditarmos na ideia da reincarnação, que tanto o induísmo e o budismo defendem, morrer e renascer são uma continuidade. Ambas as religiões acreditam que qualquer efeito que estivermos a sofrer ou a gozar neste momento, tem como causa o passado ou a energia da própria pessoa. O sofrimento não acaba ao abreviar a vida do moribundo, pode continuar para além da morte. Quando eu tenho sede, bebo água, mas esta não me vai tirar a sede que terei amanhã e depois de amanhã.

Para o evangelista, a sua palavra e decisão perante o momento da morte, devem ser respeitadas. Se a própria pessoa pensa que a vida eterna está assegurada, e que pode morrer já, essa é uma convicção profunda, considerada inviolável. Um médico evangélico que, em consciência, queira cumprir essa vontade do doente, não é condenado pela sua religião.

SR: Certa vez perguntaram a Jesus, como é possível sintetizar toda a lei, e Cristo disse: a lei consiste em amar a Deus em primeiro lugar e amares o teu próximo como a ti próprio". Creio que o médico, na sua relação afectiva com o doente, e muitas vezes, em momentos de grande sofrimento e angústia terrível de casos irrecuperáveis, não deve sentir-se obrigado por Deus a agir contra natura. A palavra eutanásia na sua origem não significa exactamente matar. No princípio, ela surge como uma tentativa de honrar e tornar mais digna a morte da pessoa, uma tentativa de minorar o sofrimento humano.

Penso não trair o pensamento evangélico, se admitir que um determinado médico evangélico, num dado momento, e segundo crê, sob a orientação de Deus, não ministre medicação que apenas pode prolongar o sofrimento do doente. Penso que não é nenhuma heresia aceitar que esse médico pratique assim a eutanásia passiva.

"Eutanásia" activa em Portugal

Também para o Islão a morte não é o fim. É uma viagem, um anjo que nos rouba a alma e nos provoca a agonia. Não é permitido interferir nisso. Mas a evolução dos conceitos de morte, decorrentes inevitavelmente dos progressos da ciência, puseram algumas ideias religiosas em questão, nomeadamente ao nível dos princípios. A eutanásia é considerada o problema mais agudo entre a ciência e a religião judaica.

JR: Este conceito de eutanásia é extremamente discutível. Se ela é a provocação da morte em quem está vivo, pratica-se a eutanásia activa em Portugal. Em estrito sentido de definição tradicional, e não moderna, de morte, em todo o mundo se pratica a eutanásia activa. Sou médico há 23 anos, um curto espaço de tempo na história destes conceitos. Aprendi Medicina Legal na Faculdade de Medicina, e morte definia-se como a ausência de pulsação, de respiração e aparecimento de livores cadavéricos. Começaram então a fazer-se os primeiros transplantes de córnea e a definição de morte foi imediatamente alterada, passando a ser 10 minutos de electrocardiograma com linha de base, sem actividade cardíaca. Morria um doente num hospital e nós íamos a correr com o electrocardiógrafo, fazer 10 minutos de electro-cardiograma, ao fim dos quais se dizia "sim, senhor, está morto"; e os oftalmologistas vinham tirar as córneas para fazer o transplante. Actualmente, com o transplante de órgãos, a definição de morte é pura e simplesmente a de morte cerebral. Morte cerebral é uma pessoa viva, em termos clássicos, que respira, tem batimentos cardíacos e pulso, que pode até ter movimentos involuntários, mas que electro-encefalograficamente, não tem actividade cerebral. Repare que são conceitos evolutivos dependentes dos costumes, hábitos e necessidades de cada época, que têm a ver com a rapidez da evolução da própria ciência em relação à evolução das religiões.

Daí sempre os grandes confrontos entre os princípios religiosos e os princípios científicos, e digo-lhe mesmo que esta questão da eutanásia foi o problema mais agudo entre a ciência e a religião judaica, porque até aos transplantes, nós, os judeus podemos infringir as leis religiosas para curar. Vem expresso na lei talmúdica que são permitidos todos os actos para fazer viver as pessoas, enquanto por outro lado se diz, que nenhum acto pode ser praticado para que a vida duma pessoa seja encurtada. Quase todas as doenças levam à morte, em determinadas circunstâncias.

O próprio conceito de ausência de tratamento também é evolutivo. A ausência de tratamento, num caso terminal, não é uma coisa que me repugne muito fazer, porque também não tenho a certeza de que aquela terapêutica seja eficaz. Mas isso não é eutanásia. Esta, por definição, é pura e simplesmente activa.

DL: *Era capaz de por termo à vida dum moribundo que sofresse, se ele lho pedisse?*

JR: Não seria capaz de o matar, por princípios religiosos e de ética médica e condeno a eutanásia feita nesse sentido. Porque, embora a gente saiba que é uma situação terminal e que a pessoa vai morrer, a provocação dessa morte é uma preversão do acto de vida.

A Igreja Católica, segundo o padre Feytor Pinto não sofre de desactualização em relação à ciência.

FP: A Igreja está dentro da ciência. A medicina tem hoje resposta, com cuidados paliativos e Clínicas de Dor e, para minorar totalmente o sofrimento, não precisa de matar. Hoje já não falamos em eutanásia passiva e activa. Eutanásia é sempre activa. Considero que o doente terminal tem dois direitos fundamentais, o de receber um bom tratamento e o de morrer com dignidade. Bom tratamento é o tratamento disponível, a que o doente pode ter acesso e de que é capaz, e de que a unidade de saúde é capaz. Um ventilador, por exemplo, no Hospital de S.José, é um tratamento disponível, no hospital de Bragança, se calhar não é. Portanto, lá ele é capaz de não ter esse direito. Eticamente, já é permitido pela Igreja Católica recorrer a meios fornecidos por técnicas mais avançadas, embora ainda não experimentados. Se o doente morrer, não é eutanásia. Também é permitido interromper os tratamentos, quando estes não atingem os resultados esperados. Desligar as máquinas, que não servem para nada, não é eutanásia. A isso chama-se re-socialização da morte.

A morte foi dessocializada, a pessoa moribunda é um peso para a família, em casa não pode ser tratada, então mete-se num hospital, ligada a uma máquina; e a pessoa morre completamente sozinha. Mais vale morrer um dia antes, vir para casa e lá morrer com os seus. Eticamente, é absolutamente lícito contentar-se com os meios normais que a medicina pode oferecer, sem recursos a meios extraordinários.

Também isso não é eutanásia. Tenho slides de papelinhos que doentes ligados a máquinas escreveram: "por favor, desliguem-me"; "por favor, eu não aguento mais"; "por favor, deixem-me morrer"; e nós temos de ajudar estas pessoas, e muitas vezes essa ajuda pode ser mesmo desligá-las, porque a máquina é um meio extraordinário e assegura apenas um precário e doloroso prolongamento da vida. Isto também não é eutanásia. Esta é exclusivamente a acção de precipitar a morte e identifica-se com o homicídio.

Cont. na página 18

Só a Igreja Evangélica admite a eutanásia

Cont. da página 17

As religiões indus e budistas, através da sua filosofia do universo, praticam a meditação e a espiritualidade a um nível desconhecido no Ocidente. As crianças são treinadas para encarar a morte como uma nova experiência a que o sofrimento de todos dá acesso. Um processo natural que "nasce de uma compaixão interior" e que ajuda o moribundo no leito da morte. Mas como enfrentar o sofrimento de uma doença que nos põe a vida a prazo?

Budista: Sei que, em países como a Índia e o Tibete, as pessoas já teriam preparação para, quando chegasse essa altura, saberem o porquê disso e aceitarem a situação de outra forma. Se uma pessoa tivesse todas as informações que são dadas, e as utilizasse, estaria preparada para morrer. Todo o ser humano procura a felicidade e apesar disso não sabemos como encontrá-la.

O problema da eutanásia não é nada linear. Como disse Joshua Ruah, foi nessa questão que, pela primeira vez, a religião judaica não acompanhou o progresso científico. Mas o que parece variar não é o conceito de matar, e sim o momento social e histórico em que essa acção de matar se efectua.

JR: Foi nesta questão que, pela primeira vez no judaísmo, a religião não acompanhou o progresso científico. Tanto que em Israel, o grande problema dos transplantes é exactamente a colheita dos órgãos, porque segundo as leis rabínicas e a tradição judaica, nós não podemos colher órgãos em pessoas com batimentos cardíacos e movimentos respiratórios. Hoje pensa-se que se pode fazer colheita de órgãos em pessoas que estão em morte cerebral.

Esta é irreversível até este momento, mas só até este momento. Há 10 anos atrás, numa determinada situação, um doente com o coração esgotado tinha um ou dois dias de vida ou umas horas; hoje entra num hospital, faz-se-lhe um transplante cardíaco e continua a viver. Portanto, esse conceito de há 10 anos, está hoje perfeitamente errado e ultrapassado. O problema da consciência põe-se sempre. E a questão da eutanásia está, no fundo, ligada aos transplantes, ao aborto, à pena de morte e à guerra. O que varia é o momento social e histórico em que essa acção de matar é praticada. Se for num canceroso a sofrer, que já se sabe que vai morrer, é proibido; se for num doente que está ligado a um respirador e que está em morte cerebral, podem tirar-se órgãos e consequentemente provocar a morte nesse sentido tradicional de morte. Se for um condenado, pode-se matar, nalguns países. Se for na guerra, pode-se matar em todos os países. Por isso, o acto de matar não é o problema. Há anos atrás, alguns filósofos e historiadores fizeram um estudo sobre a morte através dos tempos. Chegou-se a uma conclusão muito interessante de que, através da história, as pessoas não morrem da mesma maneira, o que envolve a morte das pessoas é diferente de época para época. Podemos admitir com toda a facilidade que na pré-história, morrer seria um facto muito comum e que portanto não teria nada de estranho ou especial. No entanto sabemos que já nessa altura havia culto de mortos. Portanto, a morte cria nos vivos uma sensação de impotência e de incapacidade que, no fundo, estou convencido que é o princípio das religiões. Nós conseguimos dar vida através do acto sexual, mas nunca conseguimos evitar a morte. Isto cria uma sensação de impotência, espanto, adoração e respeito, pelo acto da morte.

Nós os judeus, por exemplo, chegamos a dizer que o acto da morte é mais importante que o do nascimento, porque o acto da morte é um concluir de qualquer coisa que se fez, que foi a vida. É o momento da prestação das contas, não só a Deus, mas um momento de reflexão e de avaliação da própria sociedade sobre aquela pessoa que morre. No séc. XIX, a morte era envolvida por um ambiente familiar carinhoso, que dava ânimo ao moribundo e o consolava até ao momento final. Muito mais modernamente, a pessoa morre isolada, numa unidade de cuidados intensivos, é uma morte em ambiente científico, sem nenhum envolvimento familiar ou carinho. Por isso, morrer não é igual em todas as épocas. O que se pensa da morte e da maneira como se deve deixar ou não uma pessoa sofrer mais ou menos, também pode evoluir. Isto é, o que mais dói não é a pessoa morrer, mas a separação para sempre. É esse o momento mais dramático, que impede que, facilmente, as pessoas autorizem a eutanásia.

Rui Pacheco

«Penso que não é nenhuma heresia aceitar a eutanásia passiva»

Em certos países, como os Estados Unidos, o testamento vital, feito e assinado em vida e em plena posse das faculdades mentais, é um documento respeitado por alguns médicos e familiares, embora sem valor de lei. No entanto, os tribunais têm, em diversos casos, ilibado os médicos que cometem eutanásia em respeito a tal testamento. Ontem publicámos o testamento vital do padre Feytor Pinto. E o pastor protestante Serafim Regueiras conta-nos como reage um evangélico a uma última vontade, assim expressa.

SR: Conheço pessoas que já fizeram um testamento vital, a dizer que em caso de se encontrarem num estado de doença terminal, querem que lhes seja administrada medicação para minorar o sofrimento, embora antecipando eventualmente o desenlace.

Se a própria pessoa tem essa convicção profunda, é a experiência dela, eu não a posso contestar. E essa pessoa tem o direito de encontrar alguém, e certamente irá encontrar, que compreenda e que, sem se violentar, respeite essa vontade.

Tenho dificuldade em aceitar que uma lei ou a sua ausência possam resolver isto. Eu poria isso a nível individual e, numa situação ideal, reconheço eventualmente, que um médico cristão evangélico, movido pela lei do amor, pode, sem ferir a sua consciência, permitir a antecipação do desenlace, ou eventualmente provocá-la, perante o testemunho do doente de que a sua vida eterna está assegurada. Admito que um médico evangélico não se sinta tão manietado como é costume pelas leis distantes dos homens, que praticamente ignoram os casos concretos com que se vai lidando.

Considerar-se-á então desejável e possível um debate percursor de uma lei que definisse os casos em que a eutanásia seria legítima? Para um evangélico, uma lei não fará grande diferença, visto que a sua consciência é quem manda. Para um judeu, um budista ou um muçulmano a discussão é quase estéril porque, mesmo que a lei a permita em determinadas circunstâncias, ele nunca a praticará. Para um católico, um tal lei abriria campo a crimes encobertos.

SR: Penso que este assunto ultrapassa o âmbito da legislação, é muito difícil arranjar uma lei que se encaixe linearmente em cada caso. Pode e deve discutir-se o assunto, e talvez chegar à conclusão que uma determinada lei ajuda, mas todos reconhecemos que há situações que não podem ser solucionadas mediante a existência de uma lei. Uma das dificuldades de legislar sobre a questão deve ser o utilitarismo, que nunca se sabe onde é que vai parar.

JR: Julgo que não está no espírito de nenhum legislador português codificar a eutanásia em lei. Estamos ainda longe disso, mesmo no estrangeiro, onde o problema tem vindo a pôr-se com extrema polémica. Como podemos pensar que poderá haver o direito à morte, sem pensarmos primeiro que terá de haver o direito à vida? São conceitos que devemos discutir, mas que levantam problemas que não somos capazes de resolver. Este para mim é um crime codificado, como a guerra ou a pena de morte.

FP: No dia em que se aceitar a eutanásia está aberto um precedente terrível. É levantar sobre as equipas médicas as maiores suspeitas. Vamos é dar qualidade de vida ao doente terminal.

Margarida Silva Dias

Os muçulmanos, tal como a maioria das religiões, que atribuem a Deus a soberania da vida e da morte, não permitem a eutanásia, em nenhumas circunstâncias. Para eles, a agonia da morte tem a ver com os pecados cometidos em vida. Na hora da morte, vem um anjo tirar a alma e não é permitido aos mortais interferir nesse processo

CENTRO MÉDICO E DENTÁRIO

COSMÉTICA E ESTÉTICA DENTÁRIA

DENTES FIXOS E MÓVEIS (Prótese fixa adesiva)

•ORTODÔNCIA• RX• ULTRA-SONS
•OBTURAÇÕES A ULTRA-VIOLETAS
•DOMICÍLIOS A PESSOAS INCAPACITADAS
CLÍNICA GERAL
HORÁRIO: 9 às 13 e 15 às 20h.
(Atende sem marcações casos urgentes)

cm sg

Av. Guerra Junqueiro 5 – r/c
Tel.: 84 88 158
(Metro Alameda)

MUDANÇAS
TRANSPORTES DE PIANOS - COFRES
SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL
LISBOA – SINES
PESSOAL ESPECIALIZADO
A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST.ª ISABEL
LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)
☎ 53 26 37 - 57 74 79

ECONOMIA

Embora seja a Espanha que tem maior número de expositores, a URSS e os Estados ACP geram maior expectativa nos visitantes

União Soviética domina a FIL

Termina domingo mais uma edição da Feira Internacional de Lisboa e da Filtécnica. Com o número de visitantes a baixar (17 mil em 1988 e 11 mil no ano seguinte), a FIL está a reorientar-se cada vez mais para um segmento de público: o dos contactos internacionais.

Como disse ao «DL» um responsável da Associação Industrial Portuguesa, «as entradas estão a baixar porque estamos a aumentar o número das exposições especializadas».

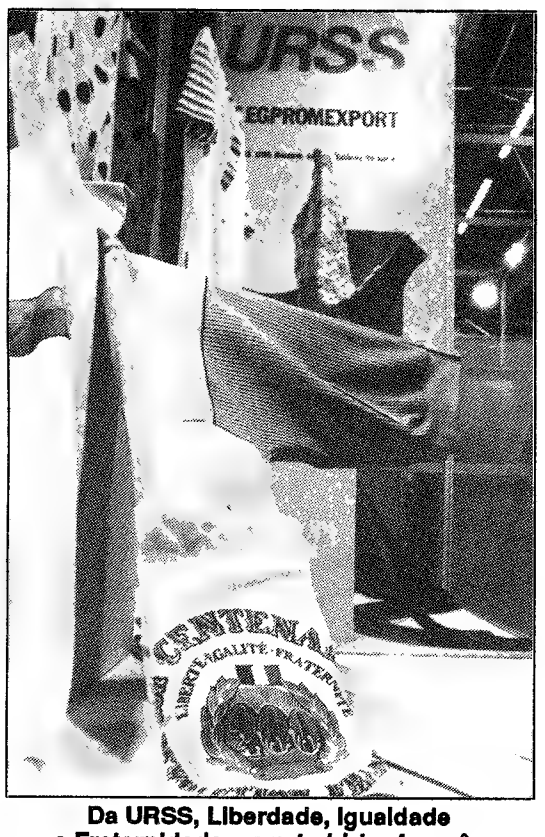
Com a Espanha a ocupar o primeiro lugar em termos de expositores (47) era, porém, para a URSS e Estados ACP que as atenções estavam apontadas no início.

As expectativas quanto à presença da URSS eram justificadas pelas alterações decorrentes da *perestroika* na economia, em particular, como refere a publicação oficial "União Soviética - panorama da *perestroika*", pelo «elemento importante do novo mecanismo económico» que consiste na «concessão de independência às empresas nas relações económicas externas», o qual lhes dá «o direito a entrar para o mercado mundial como produtores directos de artigos exportados e consumidores dos importados».

Fruto desta alteração, o número das empresas que podiam operar com o exterior (50) está hoje francamente alterado: 14 mil.

Por outro lado, as camas dos hotéis soviéticos são insuficientes para a procura, apesar do seu número ter sido multiplicado por cinco aquando dos Jogos Olímpicos.

Como revelou Anatoli Neprine, director da exposição da URSS, a empresa portuguesa Planco participou na selecção de amostras para o *stand*, que é menor do que em anos anteriores porque a representação autónoma das empresas fez recair sobre elas os custos da instalação.



Da URSS, Liberdade, Igualdade e Fraternidade... em *t-shirt* e francês

Inovadoras foram também as conversações havidas sobre as amostras, quantidade, preços comerciais e condições de comercialização no mercado português.

Na mira dos representantes da URSS está também a assinatura de protocolos preliminares para a formação de *joint-ventures*, além do aprofundamento das relações económicas directas com Portugal.

Quanto aos Estados ACP, Sérgio Zilhão, director da FIL, considerou que a sua presença «constitui um contributo valioso para uma verdadeira cooperação empresarial que permita conduzir os países menos avançados a estádios de desenvolvimento produtivo mais elevados... já que o interesse de Portugal, e da indústria em especial, no desenvolvimento das relações com os países de África é já mais que evidente e é uma realidade que continua a crescer».

Contudo, a representação dos ACP foi fraca (apenas seis Estados), apesar da sua participação ter sido promovida pela CEE ao abrigo da Convenção Lomé IV, e, inclusive, alguns *stands* estiveram vazios durante a inauguração oficial, não obstante realizar-se em paralelo um seminário internacional com a presença de representantes de dezenas destes Estados.

A realização da 10ª Filtécnica (metalurgia e metalomecânica), por sua vez, foi marcada pela presença da federação sindical da área (FSMMMP) filiada na CGTP, que protestava contra a não assinatura pelas entidades patronais do acordo para a revisão do contrato colectivo.

As empresas deste sector estão orientadas para o mercado interno e apontam como principais condicionantes à sua actividade as taxas de juro elevadas, as dificuldades de cobrança e o peso excessivo da carga fiscal.

R.N.

Uma vergonha internacional

«Chorrilho de disparates» é o máximo divisor comum das classificações atribuíveis ao «Filcatálogo» referente à 31ª FIL/Filtécnica, as quais variam de «monumento à incompetência» até «atentado à promoção da imagem de Portugal no estrangeiro».

Sabe-se que de gralhas, frases mal construídas e erros, ninguém, nem nenhuma publicação, está isento. Basta existir. A Técnica e a Homem fazem o resto. Mas quando os disparates e as asneiras se acotovelam em pouco espaço, então a explicação tem de ser outra. Deixemo-la a quem de direito e passemos aos factos.

Com a manchete «13 países na FIL» e o editorial «Quase meio mundo na FIL...», esta revista integra um *dossier* referente aos países presentes na FIL.

Castelhanos e espanhóis

Pela sua consulta ficamos a saber que o «espanhol» é uma das línguas do Estado vizinho, ao lado do «castelhano, catalão, galego e basco», enquanto nos grupos étnicos predominam os «espanhóis», logo seguidos por «catalães, galegos, bascos e outros».

Ainda nos grupos étnicos: se em França avulta o «francês» já em Portugal o dominante é o tipo «mediterrânico» enquanto a URSS, além de «russos, ucranianos e outros», tem três por cento da sua população integrada no grupo étnico «judaísmo». Judaísmo este que passa a religião nos Estados Unidos e na França, onde seis por cento da população é, em termos religiosos, constituída por «indiferenciados e outros».

A propósito de religião, o catálogo diz-nos que as predominantes na China são o «ateísmo e ecletismo». No Paquistão, precisa, 77 por cento são «muçulmanos» e 20 por cento «muçulmanos xiitas».

Mais asneiras verificam-se quanto aos grupos étnicos da África do Sul, onde os «africanos» sobressaem com 70 por cento, logo seguidos pelos «brancos, mestiços e indianos». Nos EUA, por seu turno, estes grupos dividem-se em «brancos, negros, hispânicos, asiáticos, indianos e outros».

Não fica por aqui o festival. Alastra para os produtos agrícolas. Estes, na URSS, além de «trigo, centeio, cevada, batata,...» incluem ainda «porcos, carneiros e outro gado». Este «gado», supostamente verde, é ainda produzido pela Polónia, Zimbabwe, Estados Unidos, França, Espanha, Angola e África do Sul, país onde a agricultura também produz...ã.

Enquanto Portugal tem as «pescas» ao mesmo nível da «cortiça» nos recursos naturais, são vários os países que têm nos produtos «petrolíficos» uma das principais importações ou exportações. Na nota de apresentação deste *dossier* é esclarecido que «a informação apresentada teve como fontes um banco de dados (*Comwell Systems*, dos Estados Unidos), o Serviço de Análise do ICEP, várias edições da revista« *Fortune*», os "Cadernos do Terceiro Mundo", a "Grande Enciclopédia de Geografia" e os «nossos arquivos».

E para a «coisa» ficar completa, todas estas «criações» estão devidamente traduzidas em inglês nesta revista, que se apresenta como «única, especializada e perfeitamente específica». Por fim, este «lindo serviço» é «legitimado» com artigos de Cavaco Silva e Rocha de Matos que, acreditamos, não sairão beneficiados junto dos investidores estrangeiros que consultem este catálogo que, para mais, tem o estatuto de oficial. É esta a imagem pretendida para a divulgação de Portugal no estrangeiro?

R.N.

BREVES

Conferência da ICITA realiza-se em Lisboa

Portugal foi escolhido para a realização, de 29 de Maio a 1 de Junho, da 28ª Conferência Mundial da ICITA (Internacional Chain of Industrial and Technical Avertiseng Agencies), organização constituída por mais de 40 agências de publicidade que, embora mantendo a sua independência, colaboram entre si para beneficiarem dos conhecimentos e experiências mútuas.

Crédito Predial Português liberta mais meios

Ascenderam a um milhão e 756 mil contos os meios libertos pelo Crédito Predial Português no primeiro trimestre deste ano, o que representa um aumento de 85 por cento relativamente ao período homólogo de 1989. Esta instituição bancária considera que a formação dos resultados reflecte «a acentuada melhoria das condições de exploração resultante da orientação imprimida à gestão do banco no último triénio».

União de Bancos aumenta resultados no 1º trimestre

A União de Bancos Portugueses obteve no primeiro trimestre de 1990, 461 mil contos de resultados líquidos, mais 82 por cento do que em igual período do ano passado. De Janeiro a Março, o *cash-flow* ultrapassou os quatro milhões de contos (mais 68 por cento). Entretanto, prossegue o plano de modernização, de que é peça principal a abertura de novos balcões, bem como a inauguração de uma sucursal em Paris.

França quadriplicou em 1989 investimento em Portugal

O investimento directo francês em Portugal atingiu 44 milhões de contos, quatro vezes mais do que no ano anterior, passando a ocupar o terceiro lugar no conjunto dos investidores comunitários. Refere-se ainda que, no ano passado, a França foi o segundo cliente das exportações portuguesas e o terceiro fornecedor de Portugal.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43$30	49$30
ALEMANHA FED. (marco)	87$60	88$80
ÁUSTRIA (xelim)	12$45	12$65
BÉLGICA (franco)	4$046	4$296
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	122$55	125$05
(notas de 5 a 1000)	123$05	125$55
DINAMARCA (coroa)	22$95	23$35
ESPANHA (peseta)	1$364	1$484
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	143$85	147$35
(notas de 5 a 1000)	144$35	147$85
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	25$95	26$65
HOLANDA (florim)	77$90	79$00
IRLANDA (libra)	235$85	239$85
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$903	$958
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	244$35	248$85
SUÉCIA (coroa)	23$90	24$40
SUÍÇA (franco)	102$35	103$85
VENEZUELA (bolívar)	2$698	3$498

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

CULTURA

Os deuses o quiseram mais fulgurante do que resistente, mais eleito do que privilegiado. Tal destino, cumprido, talvez coubesse inteiro dentro de uma novela dele. Faz amanhã cem anos que nasceu, no número 92 da Rua da Conceição, marcado com uma estrela. Mário de Sá-Carneiro não precisou de chegar aos 26 anos para ser um dos maiores poetas portugueses de sempre

O destino como obra também

Por onde andava a sombra de Mário de Sá-Carneiro durante os anos em que a memória de Fernando Pessoa sofreu as mais "lepidópteras" afrontas? - Amanhã, dia do centésimo aniversário de um poeta maior, todas as instituições culturais encerram sem sobressaltos o expediente (graças a todos os deuses?).

Mário de Sá-Carneiro compôs um dos mais estranhos e perturbadores destinos levados a bom termo. A sua morte, como a sua vida, destinou-se às margens das luzes instituídas. E, por muito que lhe desçam os pés ao chão das análises, aquela obra diáfana desprende-se sempre rumo ao futuro, ao intemporal ou a qualquer coisa sagrada e outra, para além de todas as palestras, de todos os livros, de todos os artigos de jornal.

Por isso é que estas previsíveis e homenageantes páginas cabem dentro duma epígrafe: se ao menos "permanecessem aquém"! - É impossível ignorar este centenário, tal como é impossível cumprir celebrações justificáveis sem ter de cair em calhas que podem levar ao mundanismo. Aceitemos, pois, o duplo condão, esperando sem desesperos que o esquecimento não tenha como único contraponto a assimilação "lepidóptera" que ele-próprio-o-mesmo teria detestado.

Alguns exemplos de poetas geniais cuja produção decai no final da juventude podem dar uma ideia falsa em relação à obra de Mário de Sá-Carneiro: a ideia de que essa obra se cumpriu em ciclo completo sobre si mesma. Mas uma morte antes dos 26 anos constitui, de facto, um corte abrupto no futuro provável. Para decidir sobre a vida e o destino dela, o poeta acabou por sacrificar voluntariamente o resto, como se - nos momentos desesperados e ao contrário do que divulgava - acreditasse de facto numa teoria semelhante à de Santa Rita Pintor.

Um dia, após leitura do poema "Bailado", Santa Rita tinha dito a Mário de Sá-Carneiro: "É que você não tem valor para fazer coisas tão belas como essas". A observação, com o habitual desplante do pintor, vai de encontro àquilo que este acreditava ser a "missão do artista": fazer da vida obra principal ("No artista, o que menos lhe parece importar é a obra. O que acima de tudo lhe importa são os seus gestos, os seus fatos, as suas atitude" - escreveu Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa, a propósito de Santa Rita).

Na noite de 26 de Abril de 1916, Mário de Sá-Carneiro pôs a vida à altura da obra e, após gesto de tal grandeza, o seu companheiro parisiense deve ter mudado a teoria com que o acusava de falta de "entusiasmo" e falta de "instinto".

É impossível especular sobre o que poderia ter acontecido após Abril de 1916. No entanto, de acordo com as probabilidades, a produção literária de Mário de Sá-Carneiro aumentaria bastante a sua hoje escassa bibliografia activa. A fusão da obra com a vida não resultou em privilégio da primeira. Conseguida coragem para tentar o suicídio - que louva desde os primeiros poemas e primeiros contos -, realizou-se como personagem sua, como um dos intervenientes num drama que algum "outro" apreciava de longe e de longe aplaudia. Mas sacrificou o "triunfo maior", a outra plenitude continuada da obra já então genial. É muito discutível que se possa assumir um percurso literário completo aos 25 anos. Aquilo que Mário de Sá-Carneiro nos legou de mais perturbador e genial, escreveu-o nos últimos três anos de vida.

Ele próprio se redescobre poeta, um dia (1 de Maio de 1913), em Paris, no "terrasse" do Café Riche. Em menos de três anos terá publicado a "Dispersão" (1913), preparado os "Indícios de Oiro" (editados postumamente pela Presença em 1937) e as restantes poesias soltas que Fernando Pessoa, em 1928, considera "aproveitáveis". Na ficção, o volume "Princípio" (1912) determina já futuros caminhos; mas é apenas a partir de "A Confissão de Lúcio" (1913) que Mário de Sá-Carneiro atinge a plenitude do estilo que as novelas de "Céu em Fogo" (1915) vêm confirmar. Tudo se passa, vertiginosamente, a um ritmo produtivo intenso, entre os 23 e os 26 anos incompletos. O que fica, depois, para trás quase se resume, hoje, ao interesse biográfico.

O golpe de asa também não aconteceu no destino desses escritos juvenis, pois Mário de Sá-Carneiro não viveu o suficiente para os destruir, para os assumir ou para os repudiar. O seu julgamento dos 25 anos sobre o

Marina Tavares Dias

O número 29, 2º direito, da Rua Maria. Mário de Sá-Carneiro morou aqui no final da infância (1902, época já produtiva literariamente). Esta morada foi, até hoje, erradamente identificada como sendo "Rua Madrid"

arquivo DL/direitos reservados

Mário de Sá-Carneiro em 1904 (fotografia inédita)

arquivo DL/direitos reservados

Mário de Sá-Carneiro aos 14 anos (fotografia inédita)

valor literário dos contos de "Princípio" - por exemplo - é desconhecido. É presumível que, mesmo com Mário de Sá-Carneiro vivo, fosse Fernando Pessoa a pôr um veto final em segundas edições desnecessárias. Mas o simples facto de o próprio Mário de Sá-Carneiro lhe permitir isso mesmo (e tudo o resto) numa das últimas cartas é, por si, revelador.

Em Novembro de 1928, no plano da obra a editar quando houvesse "público, propriamente dito, para ela", Fernado Pessoa irá seguir escrupulosamente os ditames da sua própria consciência; a mesma que o levaria a bater-se pela publicação dos poemas inéditos do amigo em novas revistas literárias e, mais tarde, pela edição de "Indícios de Oiro" (que Régio e Gaspar Simões adiariam sucessivamente até 1937). Daquilo que ficou para trás de "Dispersão" e "A Confissão de Lúcio", só terão os estudiosos notícia muito depois.

As "Obras Completas" da Ática - editora fundada por Luiz de Montalvor, antigo colega de liceu de Mário de Sá-Carneiro - respeitam o programa de 1928 quase na íntegra, acrescentando-lhe a vertente epistolar cuja publicação o próprio Mário de Sá-Carneiro discute em carta de 20 de Julho de 1914: "Você tem razão, que novidade literária sensacional o aparecimento em 1970 da correspondência inédita de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro - publicada e enotada por... perturbador mistério!". Não acertara Fernando Pessoa na data: a Ática começou a publicar as cartas (após "A Confissão de Lúcio" e as "Poesias") em 1958, anotadas por Urbano Tavares Rodrigues.

A divulgação dos poemas infantis e juvenis e da peça inédita "Alma" (escrita com Ponce de Leão em 1913), assim como a redescoberta das colaborações nos "Azulejos" (1908-1909) e dos contos de "Princípio" aconteceram muitos anos depois disto e separadamente. Uma edição crítica das obras completas poderia ligar dois critérios: o pessoano e o habitualmente adoptado. Mas o centenário parece não ter justificado determinações nesse sentido. Abandonado o critério selectivo de Pessoa, nenhuma opção real se contrapõe a ele (edições mais recentes limitam-se a acrescentar o que vai sendo publicado). Talvez seja melhor assim. E, para consolo, recordem-se mais uma vez os sítios por onde andou o nome de Fernando Pessoa antes que se decidisse uma edição crítica da sua obra.

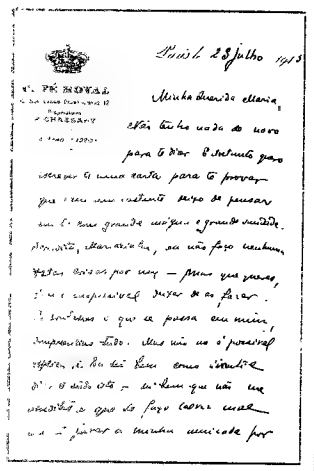
É, contudo, espantoso que não estejam divulgados muitos dos inéditos importantes de Mário de Sá-Carneiro e que a parte "laboratorial" da sua obra ainda não tenha recebido a dignidade de um enquadramento devido. Fernando Pessoa (cujo nome Mário de Sá-Carneiro colocava sempre antes do seu próprio nome) foi, também aqui, o primeiro e o último dos adivinhos: "os deuses o quiseram assim".

Marina Tavares Dias

Marina Tavares Dias

Paris no final deste século: uma livraria do Bairro Latino. Só recentemente começou a obra de Mário de Sá-Carneiro a ser divulgada em francês

Carta inédita a "Maria"



François Castex (divulgador da obra juvenil de Mário de Sá-Carneiro) disse, um dia, em entrevista ao DL, que "é impossível amar um autor apenas na sua obra". Nesta frase se lança e se consome a explicação de certas biografias mais íntimas ou de certas publicações dos inéditos mais discutíveis. Até onde se pode, se deve ir na "explicação" de um poeta?

Alguns investigadores pessoanos resolveram esta questão interior com a postura cartesiana: "Preferia que ele não tivesse escrito isto, mas já que escreveu - divulgue-se". Felizmente, Fernando Pessoa teve o bom senso de deixar poucos escritos de adolescência. Mas, partindo das cartas de amor, das quadras populares ou dos pormenores biográficos, a sensacional bola de neve que da sua figura se fez agigantar-se-á ainda, antes que, pacificamente, o seu nome tome apenas o lugar que lhe cabe na literatura potuguesa.

Morto em Paris antes dos 26 anos completos, Mário de Sá-Carneiro não soube ou não quis dominar o destino póstumo dos seus escritos mais obscuros. Hoje - diz-se - a divulgação desses escritos contribui para compreender a globalidade duma personalidade e, através dela, duma obra. Personalidade vulnerável, facilmente catalogada em termos psicanalíticos por pessoas menos dadas às letras, Mário de Sá-Carneiro constitui, hoje, isco fácil para o sensacionalismo.

É ao investigador da biografia e da obra que estas questões se põem primeiro, e sempre a par do indiscutível fascínio exercido pelos pormenores íntimos que, muitas vezes, são a chave dos actos mais derradeiros - a chave do nascimento duma obra.

A carta que hoje publicamos teria de ser precedida deste comentário. Ela esteve comigo (com autorização de publicação) durante cerca de dois anos. Sozinha, pouco explica. Mas, uma vez publicada, deveria inseri-la no contexto respectivo. A correspondência de Mário de Sá-Carneiro para "Maria" consta de 12 cartas e 24 postais ilustrados. Foi adquirida, nos anos 60, por um dos mais zelosos divulgadores da obra do poeta. Agora, perante perspectiva da publicação próxima destes inéditos, cabe-me o privilégio e a suprema decisão de publicar, enfim, numa espécie de "ante-estreia", uma dessas cartas.

Lançando-me no rasto de "Maria", acabei por identificá-la. É por opção (talvez anti-jornalística) que não revelo o seu nome completo e a natureza das relações que manteve com Mário de Sá-Carneiro, que poderão fornecer uma chave importante para o suicídio do poeta, em Abril de 1916.

Por ora, diga-se apenas que "Maria" nasceu num qualquer dia 7 de Dezembro do século XIX e morreu na década de 30 deste século. Não era casada à data desta última carta que lhe foi dirigida por Mário de Sá-Carneiro.

Marina Tavares Dias

CAFÉ ROYAL
12, Boulevard Montmartre
Proprietaire
F. Chassany
Telèphone 102 -34

Paris, 23 de Julho de 1915.

Minha Querida Maria,

Não tenho nada de novo para te dizer. Entretanto, quero escrever-te uma carta para te provar que nem por um instante deixo de pensar em ti com grande mágoa e grande saudade. Acredita, Mariazinha, eu não faço nenhuma destas coisas por mal - mas que queres, é-me impossível deixar de as fazer.

Se soubesses o que se passa em mim, compreenderias tudo. Mas não me é possível explicar-te. Eu sei bem como é inútil dizer-te tudo isto - sei bem que não me acreditas e que só faço talvez mal em te jurar a minha amizade por ti (...) - e em te repetir que não foi por mal que assim procedi. Mas é verdade Mariazinha. E ficaria mal comigo se não to repetisse. Não penses que ando satisfeito, que estou feliz. Mariazinha, juro que ando muito triste e preocupado. Nada disto tem remédio, sei-o desgraçadamente. Ouve Maria: faze por me desculpar um pouco. É só o que de toda a alma te suplico. Adeus, Mimi. O teu pobre Mário é muito teu amigo. Não me podes compreender, mas juro-te que é assim. Adeus. Um grande beijo

o teu
Mario

Sá-Carneiro fez da morte um modo de não morrer

Como toda a poesia viva, a de Mário de Sá-Carneiro dispersa-se em consequências longínquas, extremas, que dão a medida de um espírito e não cabem naquele método fatal que amarra a obra de um autor às circunstâncias conhecidas da sua vida.

A poesia de Sá-Carneiro não é uma evasãono imaginário de onde resultariam imagens compensadoras (do desastre que foi a sua passagem por este mundo) ou simplesmente diferentes. Toda ela se enevoa da estranha liberdade dos fantasmas diurnos, dos seres fascinados por uma ausência, que vivem à margem e caminham pelas ruas como sobre feltro, sem olhar para ninguém. Nenhuma inquietude nos seus olhos nem nos seus gestos: submetem-se a todas as solidões porque o mundo exterior deixou de existir para eles.

Dir-se-ia que exclusivamente atentos ao que os distrai, ao seu estado de desinteresse agudo, pertencem afinal a um universo não declarado, situado entre a recordação do inaudito e a iminência de uma certeza. O seu sorriso, onde perpassa a graça que triunfa sobre o terrível, lembra mil esforços vencidos e é o complemento de um olhar que vê através das coisas, como se tivessem atingido as suas próprias origens ou descoberto em si as fontes da claridade, imunes às derrotas e às vitórias. O sol da vida transforma-os em desertos, mas a poesia fá-los bastar-se a si mesmos, porque a luz que lhes alumia o caminho é a da morte.

«*E sinto que a minha morte -/Minha dispersão total -Existe lá longe, ao norte, / Numa grande capital*». Nestes pobres versos adolescentes, Sá-Carneiro já se insere naquela grande tradição de magia e vidência poéticas que constituiria o cerne do espírito moderno e de que o surrealismo viria a ser o receptáculo enfim exacto.

«*Hoje, falho de ti, sou dois a sós*», diria Fernando Pessoa, com dilacerante saudade, do amigo morto. Mas mesmo sendo dois, ou três, ou quatro, ou meia dúzia, nunca em Pessoa se operou aquele trabalho de erosão que consumiu a substância de Sá-Carneiro, aproximando-o vertiginosamente de nós, vale dizer, da ideia dominante na poesia moderna: o poeta é um momento no tempo, e a sua obra uma trajectória luminosa entre duas grandes praias escuras, o passado e o futuro, chispa viva semelhante ao fósforo que se acende na escuridão opaca.

No vazio que a erosão escava, instalam-se gradualmente duas ideias: a da poesia e a da morte. Ideias vagas, esboços de obssessões, como se o vazio se pensasse a si mesmo. Depois, melodia indistinta, transfiguração sonora da vacuidade da vida, no mais profundo do espírito do poeta surge um tom que, pela sua insistência, tanto o paralisa quanto o estimula, mas lhe dá sempre um impulso novo. Este tom, que perpetua o vazio de onde surgiu, substituise à realidade que o provocou (a morte, o medo) e é primeiro nostalgia e depois plenitude. Para Sá-Carneiro, a morte e a poesia foram, quer um défice, quer um excesso de ser.

E cada ser - mostrou-o ele - é o seu sentimento da morte, e portanto é inútil denunciar as experiências dos poetas ou dos místicos como intrinsicamente falsas. Também mostrou que o nosso próprio "destino" é apenas a tradução no tempo aparente desse tempo secreto onde se elabora a diversidade das nossas maneiras de morrer.

Na verdade, para explicar um destino, os biógrafos deviam romper com os seus métodos habituais, deixar de se debruçar unicamente sobre o tempo aparente, sobre a maneira como um ser se aplica a deteriorar a sua própria essência, sobre os simulacros dos seus acontecimentos ocultos.

«*Para mim o longe é mais perto / Do que o presente lugar.*» De Rimbaud aos surrealistas, toda a poesia moderna poderia subscrever estes versos, já que neles vibra aquela guarda e defesa do sentido da perda, da ausência, contra as forças que lhe pretendem trair a memória, apagá-la na sua verdade, proclamar conciliações ou o domínio sobre as coisas e os fenómenos.

A poesia portuguesa não seria o que é hoje sem Mário de Sá-Carneiro. Uma exigência fundamental a requer agora: a de saber que a linguagem não é inocente , que a escrita revela mais completamente o autor de um livro do que o conteúdo explícito desse livro.

Um artista deveria dizer: a minha obra sou eu, mas eu sou apenas uma parte da minha obra. Artistas ou não, é pena que não possamos ir além de nós mesmos, ultrapassar os nossos limites («*Um pouco mais de sol -eu era brasa / Um pouco mais de azul -eu era além*»). O Eu é a grande personagem desta década? Parvoiçada. Um homem deveras (e não só um poeta), destes que procuram dar às coisas um estar perdurável e a quem ficam curtos todos os "aquis" e "agoras", sente os limites do seu eu como os mortos sentem as tábuas do caixão.

A educação, o meio e as tristes circunstâncias da sua vida em nada contribuíram para que a poesia de Sá-Carneiro fosse o que é. Mas há um ensino nítido nesta relação: todo o ser que não reage contra o que é fica privado de fazer da morte um modo de não morrer, de salvaguardar todas as contradições que o tornam único e insubstituível.

Incapaz de conduzir a sua vida, Sá-Carneiro é dirigido pela sua obra. Só assim, vivendo o conteúdo das suas imagens, ela criou e abriu horizontes de temporalidade e de espacialidade nos quais o impossível de ontem encontra realização no possível de hohe e amanhã. «Quando tenho medo - dizia Goethe - invento uma imagem.»

Ernesto Sampaio

A SEMANA

Bolas para o pinhal

Sexta, dia 11

A Cultura é um descanso, o resto nem tanto assim, verso e reverso deste país. Verso: o Governo compra original da «Mensagem» para o documento não ir parar ao estrangeiro; Almeida Faria apresenta «O Conquistador», seu novo romance, e Amália passa na TV suiça, isto para só falar do melhor. Para falar do pior, aí está o maior diário português (o «JN») por assim dizer em leilão, no quem mais dá (ou mais tira) à liberdade de imprensa; aí está numa esquadra de Polícia um jovem a ser espancado... por engano, no final desculpe lá qualquer coisinha, erro ou falta de educação, qu' isto é um país civilizado e enganos qualquer um tem, toma e vai-te curar.

Sábado, dia 12

O verso hoje é Soares, o reverso o país inteiro. Assim: a nossa literatura é tão boa como as melhores, o escândalo é ainda não termos um Nobel - é, no final do Pen, o Presidente a falar. Quanto ao resto, falam os factos por si e é como se Portugal , de repente,fosse um estaleiro.Ele é o PC e o PS a venderem casas e sedes, ele é a Misericórdia nos negócios imobiliários, ele é um hotel clandestino ali para o Largo do Rato, ele é um Chico esperto a receber 300 mil por um prédio que nunca teve, ele é a CML a ver se o Colombo não dá a volta ao mundo, não é ao Mundo é a Benfica; ele é, enfim, o Governo na correria das obras públicas para mostrar nas eleições, tantas que o Semanário, hoje em manchete, enfia a Cavaco o capacete, fica o nosso primeiro-ministro a parecer-se com um engenheiro.

A parecer-se com ninguém ficam os portugueses da África do Sul: são os brancos mais racistas - garante despacho da Lusa. Garantia por garantia, venha o diabo e escolha, segundo o IPPL, sem falar nos analfabetos, 14, 7 % dos alfabetizados não lêem. E como se isso não bastasse, hoje até Torga nos pregou um susto. Felizmente melhorou, ufff, que raio de dia.

Domingo, dia 13

Santos da casa não fazem milagres e é bem certo, que hoje na Cova da Iria lá se disse que a Senhora de Fátima converteu mas foi os russos, pelos vistos não nos converteu a nós, que os russos largaram Marx, só nós não largamos o capital, eles estão-se a virar para Cristo e nós para cada um que se amanhe.

Segunda, dia 14

Soares com a presidência aberta, Oliveira com «A Vã Glória de Mandar» e Santana Lopes com um «non» salvam a honra do convento. Oliveira foi em Cannes, Soares mesmo antes de ser já é, pois mal disse que ía a Coimbra a pernoitar no Astória, logo o hotel de Adães Bermudes se meteu a restauro. Santana Lopes é que foi pior: os franceses , para abrir a semana cultural de Portugal em Bordéus, em vez de o convidarem a ele... convidaram o presidente da Câmara de Sevilha, vai daí o nosso SEC, mesmo reparada a «gaffe», disse «non» e não compareceu ao jantar.

Post-scriptum tarja negra: com 67 anos, morreu hoje Armando Guerreiro, vítima de ataque cardíaco, ainda na sexta-feira tinha estado a cantar.

Terça, dia 15

«*O simples facto de existir já me dá bastantes depressões, quanto mais ter de pensar no que há-de vir...*» - diz (à «Maria») Rita Blanco e é como se adivinhasse, que hoje é outro dia de truz. A inflacção sobe para os 12,7 % , só nesta cidade dormem 5 mil pessoas na rua e Lisboa arrisca-se a já não ser Capital Europeia da Cultura 1994, que o Leste é que está a dar, pelos vistos Portugal já deu.

Post-scriptum nota 20: a capa do «JL» de hoje, assinada por João Botelho, um esplendor, com «*um pouco mais de azul...*», em homenagem a Mário de Sá-Carneiro.

Quarta, dia 16

Morrem Sammy Davies e o criador dos Marretas, a CML (mais uma corrida, mais uma viagem) lá tem que voltar ao Luna Park de Abecassis, de concreto só há 300 mil contos já gastos. O resto é o que se pode arranjar. Eis: Paula Rego expõe na 111, os Young Gods actuam no Alvalade, a SPA anuncia prémios (parabéns, Eduardo Salgueiro e Manuel Rodrigues Oliveira, editores), Helena Roseta, no DL, defende o direito à memória das cidades (apoiado !), e, no DL também, Jorge Listopad, a propósito de Woody Allen, sai-se com a melhor da semana, "*o romântico de ontem é o neurótico de hoje*".

Quinta, dia 17

No Coliseu há Bethânia, em Colares Carlos Paredes, no Acarte estreia Tchekov, Fragmentos edita "Lisboa Luxo e Distinção» que não é mas parece a legenda para o arquitecto Luís Monteiro (monografia lançada hoje no Avenida Palace que ergueu), começam as Jornadas de Arqueologia em defesa do património e o MEC apresenta «As Minhas Aventuras na República Portuguesa».Ao menos com este a gente diverte-se e em jeito de *obrigado ó MEC* fica a Semana com o título da coluna com que ele se revelou há dez anos: Bolas para o Pinhal, que é o que muita gente faz mas não assume.

Rodrigues da Silva

Já a partir de hoje

II Cantigas do Maio

Se no ano passado foi bom, este ano vai ser melhor -eis o que pensa das II Cantigas do Maio a Associação José Afonso que promove a iniciativa em Setúbal, durante uma semana, já a partir de hoje.

O menu é variado, que sob a etiqueta deste Maio cultural há muito mais do que cantigas: música diversa, teatro e exposições para não falar do convívio ou não fosse Zeca Afonso a memória tutelar.

Passando ao programa, diga-se que hoje, no Teatro Luisa Todi, há música tradicional africana, com Mandingo e bailarinos do Bailado Nacional de Angola, o Trio Tchisossi (Angola) e Issabari (Guiné Bissau).

Amanhã, dia 19, no Convento de Jesus, actuam os Bombos de Lavacolhos, os Pauliteiros de Miranda e a Tuna de Carvalhais. Na outra sexta-feira, dia 25, é a vez das músicas populares irlandesa e portuguesa, a cargo respectivamente de Joe & Antoniette McKenna e dos Rádio Macau, estes últimos recriando canções de Zeca Afonso.

Isto e não só: durante a semana que vai de hoje a 25, a comissão de festas reanimará um espaço tradicional de Setúbal -a taberna- levando a uma delas, um cantor popular que actuará ao despique com os espontâneos que aparecerem e quiserem mostrar o que valem.

A animação da taberna não é por acaso. É que as II Cantigas de Maio contam no seu programa com uma exposição montada a partir dos quadros que tradicionalmente existem naqueles locais de convívio, documentando o que há (ou houve) de grupos excursionistas e almoçaristas, desenhos e pinturas populares, tudo com um cenário evocativo a condizer.

As II Cantigas de Maio de Setúbal englobarão ainda uma exposição sobre a arte postal internacional subordinada ao tema «As minorias» e sobre Formas de Dizer a cargo dos alunos do AR. CO, representações teatrais programadas para os dias 21 e 22, respectivamente por Dom Roberto e o Teatro do Efémero.

Resta dizer que a taberna onde durante uma semana, sempre às 22 horas, haverá convívio musical é a do Luciano, da Rua Ladislau Pereira, e que no dia 23, antes da animação da noite, no Largo da Misericórdia actua a orquestra dramática O Bife.

Tudo isto é bem capaz de não esgotar a semana, que é bom contar com o imprevisto. Mas para já -servindo-nos do press release enviado pela Associação José Afonso- terminemos com o que os Bombos de Lavacolhos resolveram dizer de si próprios quando lhes pediram para dizer alguma coisa de si. Foi assim: «*Quanto ao pequeno historial do grupo dos Bombos, não temos nada, já estamos fartos de procurar aos mais antigos e só nos sabem dizer que os bombos eram dos solteiros e mais nada, que era o divertimento deles. Sabemos que foi publicado num jornal que Lavacolhos...em 1757 tinha 88 fogos. Em 1874 tinha 160 fogos. Orago de Santo Amaro, bispado da Guarda, distrito de Castelo Branco. Pois os bombos são dessa altura*».

E são um espanto. A tocar e a escrever.

R. da S.

BREVES

Pintura de Maria Tomás no «Clube Cinquenta»

Com inauguração marcada para hoje, dia 18, vai estar patente até 8 de Junho, no Clube Cinquenta (R. de S. Mamede ao Caldas, 9 - 1º), uma exposição de Pintura intitulada «Continente Negro», da autoria de Maria Tomás. Maria José Tomás Pacheco Medeiros Delgado Martins é natural dos Açores, nascida na Ilha de Santa Maria em 1951.

Membro da Cooperativa Diferença e da Sociedade Nacional de Belas Artes, tem os cursos de Pintura da ESBAL, de Desenho de Modelo (Prof. Sá Nogueira, na SNBA) e de Gravura em metal (Prof. Bartolomeu Cid, na Casa das Artes de Tavira).

Maria Tomás, que começou a expor em 1984 (numa colectiva, na SNBA), conta no seu activo com cinco exposições individuais (desde 1986, ano em que apresentou trabalhos de Gravura na "Galeria Arco 8" de Ponta Delgada e na "Galeria Altamira" de Lisboa) e cerca de uma vintena de participações em exposições colectivas, em Portugal e no estrangeiro.

Esta artista está representada no Museu Carlos Machado de Ponta Delgada; no Banco Comercial Português; na Companhia Portuguesa de Seguros e no Bristol Community College de Massachusets, Estados Unidos da América.

Cada «pirilampo mágico» custa apenas 200$00

Como oportunamente anunciámos, está a decorrer, até 2 de Junho, a quarta campanha «Pirilampo Mágico», uma iniciativa da Antena 1 e da Fenacerci, de apoio às crianças deficientes. Cumpre-nos, no entanto, fazer uma pequena rectificação: acontece que os «pirilampos» se encontram à venda por 200 escudos cada, e não por 300 como por lapso indicámos. Esta última quantia refere-se, apenas, ao custo dos discos e cassetes lançados simultaneamente no âmbito da mesma campanha.

CORREIA DA FONSECA
VER E CONTAR
Correia da Fonseca

A memória (lúcida) da Televisão
Escrito
NAS LIVRARIAS

SALÃO NOBRE
do
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

"perspectivas da Música de Câmara"

Concertos Vocais
(às 18H30 e às 21H30)

Concertos Instrumentais
(Manhãs de Sábado, às 12H30)

MAIO

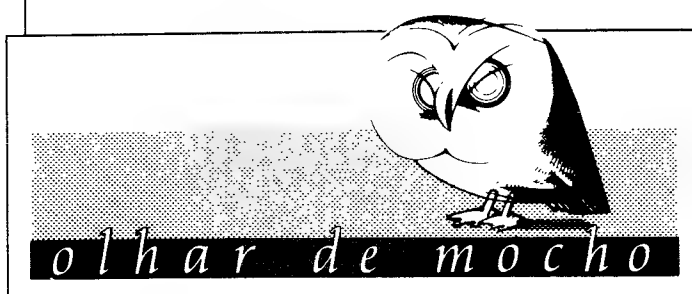
Participações de: Manuela Castani, João Paulo Santos, Jorge Vaz de Carvalho, Olga Prats, Irene Lima, Ricardo Lopes, Anthony Pringsheim, Helena Vieira, Trio de Lisboa

Consulte a programação:
na bilheteira do TNSC
ou peça informações
através do tel.: 346 59 14

Apoio da Fundação de Mecenato Cultural do TNSC

bisturi

MARCO PAULO
AO VIVO!
TORRES DO SADO
SETÚBAL
Hoje às 21.30h.
Este Espectáculo é Oferecido pela TETRA a toda a População de SETÚBAL e seus convidados.
TETRA
CONSTRUÇÃO, S.A.
ANDAR MODELO EM SETÚBAL:
Av. Bento Jesus Caraça - defronte do posto da Mobil
Telefone 065 / 72 11 44 Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27-1.º Esq. – 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P Fax 352 63 71



olhar de mocho

Emigrar ou choldra

O programa «Hora da Verdade» no 2 de ontem sobre a magna questão da emigração, mereceria de um júri benevolente, a classificação de «suficiente» - numa escala de zero a vinte, lá obteria os 10 ou 11 valores para não chumbar.

O filme introdutório de Isabel Costa, aceita-se sem grandes reservas: escorreito, normal, como reportagem de lugares-comuns já vistos e revistos, corresponde ao nível empresarial da RTP. E a discussão que se seguiu também não se afastou grandemente dos padrões a que a Televisão que temos há muito nos habituou: recozinha-se um tema já batido por todas as marés destes últimos 20 anos e o produto final não é de causar vómitos. Aceita-se, pois.

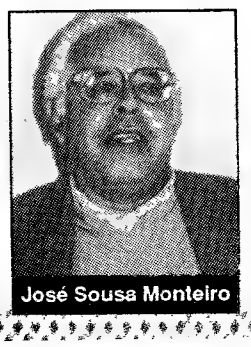
É aliás, característica do programa «Hora da Verdade»: abordar as coisas pelo seu lado fácil e reduzir tudo a essa tremenda facilidade.

Mas vamos ao que interessa verdadeiramente na questão dos emigrantes. Primeiro, o facto de os emigrantes terem sido obrigados a abandonar tudo e todos da pátria para evitarem a situação de escravatura legal e corrente. Em segundo lugar, terem sido eles, emigrantes dos anos 60 e seguintes, os grandes financiadores das guerras coloniais. Em terceiro lugar, terem, eles, quer nos *bidons-villes* de Paris quer nos dormitórios da RFA, da Suíça, da Holanda, escrito com as dificuldades porque passaram, uma segunda edição da epopeia das Vinhas da Ira - essas vidas de cão por que passaram, quer legalmente quer a «salto» bem mereciam um tratamento mais adequado e menos romântico. Em resumo, o problema não se poderá nunca reduzir ao «regresso» à Pátria dos bastardos filhos da Pátria: aqueles a quem a Pátria nunca proporcionou condições de vida normais dos filhos legítimos.

Mas haveria ainda, já que se aborda o tema da emigração, que falar de todos os outros emigrantes, semi-voluntários, semi-obrigados, que o foram para fugir do atraso mental, do obscurantismo intelectual, das perseguições políticas.

Já que nem só de pão vive o homem, afigura-se forma repelente de *apartheid*, distinguir os emigrantes produtores de divisas dos que foram para fora à cultura e agora são estrangeirados. Basta olhar para a nossa história cultural e fazer contas com mera calculadora de bolso para acertar as contas do balanço contabilístico: talvez a balança seja mais favorável aos que «fugiram» da pasmaceira do que aos do torrão natal.

Desde o final do século passado sabemos que «o País é uma choldra». Por isso, emigrar não é vergonha. Vergonha é a choldra em que muitos são obrigados a viver. Se o programa «crítico» das quintas-feiras tivesse aquele «golpe de asa» do Mário de Sá-Carneiro, talvez começasse a falar mais do «muro» da nossa choldra que ainda não começou a cair.



José Sousa Monteiro

«A Severa»

Estética de Santana Lopes contra segurança da CML

Em comunicado enviado à Imprensa, os elementos que mantiveram a peça «A Severa», durante uma curta temporada, no Teatro Municipal Maria Matos protestam pelo facto de o pelouro da Cultura da Câmara de Lisboa lhes ter impedido o prosseguimento do espectáculo. Segundo Sérgio Azevedo, que assina o documento, os motivos mais imediatos para o procedimento camarário seriam as alegadas más condições do edifício, consideradas mesmo «perigosas» pelos serviços de João Soares.

«Surpreendeu-nos no entanto o facto de a Câmara Municipal processar espectáculos no palco com dezenas de crianças no próprio dia 9 (data em que o nosso foi suspenso)», argumenta-se no comunicado, no qual também se lê: «Dizem agora (e só agora) os técnicos do teatro que a "teia" não é revista há já 21 anos». Os custos do prejuízo orçarão em 1. 084. 000$00 por semana, declara Sérgio de Azevedo.

O protesto refere que a suspensão das representações de «A Severa» nunca chegou a ser comunicada por escrito, mas apenas verbalmente.

Recorde-se que este espectáculo até há pouco em cena no Maria Matos foi, em devido tempo, contestado pela crítica. Apesar disso, logo após ter tomado posse do cargo de secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes foi vê-lo e... gostou, tanto que ofereceu um subsídio vultoso à companhia, elogiando a qualidade do seu trabalho. Daí a pouco, os subsídios teatrais eram notícia... pelo atraso da SEC no cumprimento de compromissos assumidos por Teresa Gouveia com algumas companhias.

Depois, os subsídios vieram, Santana Lopes foi ver outros espectáculos, ninguém mais pensou na peça em cena no Maria Matos. Até agora que a CML, através do pelouro da Cultura da responsabilidade de João Soares, encerrou a sala para obras.

Cantou ontem, canta hoje e amanhã. É Maria Bethânia de novo em Lisboa. Ontem, no Coliseu, o concerto foi como tinha sido o de há dias no Porto: nada por aí além...

BREVES

Demitido vice-presidente do IPPC

O secretário de Estado da Cultura demitiu o vice-presidente do Instituto Português do Património Cultural, José Miguel Moser, sob proposta do presidente daquele Instituto. Para ocupar o cargo, Pedro Santana Lopes nomeou a arquitecta Margarida Veiga, da Direcção-Geral da Acção Cultural.

Rolling Stones em Portugal a 10 de Junho

Os Rolling Stones actuam em Portugal no próximo dia 10 de Junho, confirmou hoje a agência Lusa junto do Montepio Geral.

A vinda do grupo é financiada por esta instituição.

Mea culpa

Na entrevista a Manuel Lucena sobre os anos do marcelismo, seus antecedentes e decorrências, publicada na passada edição de 14 de Maio, um «e» houve que modificou todo o sentido de uma frase. Referira aquele sociólogo que a Previdência dos anos 30 «fora concebida como uma anti-Providência», e na transcrição foi confundida, por lapso, a Providência pela Previdência e a ironia do juízo caiu por terra. As nossas desculpas.

TEATRO DA GRAÇA
GRUPO TEATRO HOJE

CENAS DA VIDA DE BENILDE

Subsídio SEC

SEGUNDO «BENILDE OU A VIRGEM MÃE» DE **JOSÉ RÉGIO**

ENCENAÇÃO: JORGE LISTOPAD

COM: ALEXANDRA LENCASTRE, ALEXANDRE DE SOUSA, ANTONINO SOLMER, ELISA LISBOA, ISABEL DE CASTRO, JOSÉ FIGUEIREDO, JÚLIO MARTIN, RUY FURTADO

Curta série de representações

Em cena de terça a sábado às 21.30
Matinées aos **domingos** às 16.00
Marcações pelos telefones 875626 e 875800

A Ilusão Cómica
de Corneille

ENCENAÇÃO
Fernando Mora Ramos

CENTRO DRAMÁTICO DE ÉVORA
TEATRO GARCIA DE RESENDE

espectáculo subsidiado pela SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

ESTREIA a 3 de Maio, 21.30 h
até 27 de Maio, excepto 11, 12, 13, 20 e 21

CENTRO CULTURAL DE ÉVORA

APOIOS Expresso A Capital
Fosforeira Portuguesa Diário de Lisboa
Hortas JL O Jornal Oestinfor
O Primeiro de Janeiro
Câmara Municipal de Évora
Associação de Municípios do Distrito de Évora

DESPORTO

Atlético escolhe timoneiro

A lista liderada por Ângelo Mesquita para as eleições do Atlético, a realizar domingo no Pavilhão da Tapadinha, em Lisboa, revelou ter como objectivo «devolver ao clube a dignidade e a mística perdidas».

Em comunicado, os responsáveis da lista de Ângelo Mesquita, ex-vice-presidente da presente direcção, prometeram retomar os projectos que não foram possíveis de concretizar pela *«manifesta incapacidade do actual presidente»*.

Entre estes projectos, a lista de Ângelo Mesquita destaca a negociação com a Câmara Municipal de Lisboa (CML) e o Instituto Superior de Agronomia dos terrenos que envolvem o Estádio da Tapadinha.

Esta candidatura tem ainda como prioridade fazer subir a equipa principal de futebol à 2.ª Divisão de honra e de criar condições para que a equipa sénior de basquetebol ascenda «rapidamente» à primeira Divisão nacional, «lugar a que tem direito».

A lista de Ângelo Mesquita pretende ainda desenvolver o minibásquete, reactivar o voleibol feminino, que considera ter «grandes tradições no clube», reforçar a equipa de futebol de cinco e proporcionar à secção de judo «condições para o alargamento da prática da modalidade aos filhos dos sócios».

Ângelo Mesquita é o candidato a presidente numa lista que integra também o presidente substituto da actual direcção do clube, Nuno Bonneville, que é indicado para exercer idênticas funções, enquanto José Feio e Almeida Antunes são propostos como vice-presidentes.

Outros nomes relevantes da lista de Ângelo Mesquita: Agostinho Gil Ribeiro Mendes, Alberto Leitão, Ventura Henriques, Proença Ramos, Alberto Igrejas, José Bento Sousa, Vítor Viegas Martins (todos a integrar a direcção), dr. Alfredo Gaspar (presidente da assembleia geral), dr.ª Maria R. V. Pereira Santos e ainda o dr. Trindade Martinez que, em tempo recente, ocupou o cargo de presidente do conselho fiscal do Benfica mas que é o sócio n.º 32 do Atlético.

Taça de Portugal: Farense já tem parceiro

Estrela brilha em Guimarães

A vitória (2-1), após prolongamento, do Estrela da Amadora, no Municipal de Guimarães, frente á equipa local constituiu um prémio justo para a formação da Reboleira, que teve em Duílio a grande figura do encontro. Além de marcar o primeiro golo da equipa do Estrela, Duílio demonstrou um grande poder de concentração, defendendo bem e, simultaneamente, protagonizando alguns lances de ataque do Estrela da Amadora.

Um alto poder de concentração e espírito de luta aliado a uma forte disciplina táctica implementada pelo técnico João Alves, esteve na base do êxito do Estrela, pela primeira vez, na final da Taça de Portugal.

O início do jogo caracterizou-se por um forte pendor atacante vimaranense, sempre contrariado pela defesa do Estrela, que se mostrou muito segura e coesa durante todo o encontro. O golo do Guimarães marcado por Chiquinho, aos 31 minutos, surgiu no melhor período de jogo da equipa minhota, que, a partir daí baixou de rendimento, envidenciando um futebol desarticulado e algo confuso. Neste contexto, a equipa do Estrela «agigantou-se», superando o futebol do adversário e empatando a partida aos 44 minutos, por intermédio de Duílio.

No prolongamento as características de jogo não se alteraram, com o Guimarães «irreconhecível» e o Estrela da Amadora a dominar as operações, em especial a meio campo, onde os seus jogadores se mostraram «exímios» na combatitividade e espírito de luta.

Futebolistas da Amadora erguem os braços após a caminhada para a «Grande Festa do Jamor»

O golo do triunfo (2-1) do Estrela surgiu a 10 minutos do fim do prolongamento, através de um rápido contra-ataque culminado da melhor forma por Basaúla.

Com excelente arbitragem do eborense José Pratas, as equipas alinharam.

Guimarães: Neno; William (Carvalho, 91), Jorge, Cerqueira (Caio Junior 67), e Germano; Roldão, João Batista, Soeiro e N'Dinga; Silvinho e Chiquinho.

Golo — Chiquinho (31).

Amadora: Melo; Rui Neves; Duílio; Barny e Caetano; Bobó, Paulo Bento, Paulo Jorge (Rebelo 55) e Baroti (Ricardo 106); Basaúla e Ricky.

Isaias no Benfica

Valentim Loureiro e os dirigentes do Benfica chegaram ontem a acordo (com o patrocínio do Primeiro-Ministro) com vista à transferência do brasileiro Isaías, do Bessa para a Luz. O contrato rubricado pelas partes é válido por duas temporadas.

Espinho: interdição

Em seguimento dos distúrbios ocorridos no encontro União de Leiria-Espinho, o clube da Costa Verde foi punido com dois jogos de suspensão e a multa de 165 mil escudos.

Eusébio: colar de honra ao mérito

O primeiro-ministro recebeu a delegação do Benfica que estará dia 23 em Viena a discutir com o AC Milão o título europeu, e condecorou Eusébio com o Colar de Honra ao Mérito Desportivo.

Cavaco Silva ao abrir as portas do Palácio de São Bento aos benfiquistas, quis desejar-lhes votos de êxito para a final do dia 23 e, em breves palavras, recordou que «O Benfica já nos habituou a trazer para Portugal honra e glória». *«Por favor tragam a Taça para Portugal»*, disse o primeiro- ministro que se encontrava acompanhado pelo ministro da Educação, Roberto Carneiro, pelo director-geral dos Desportos, Mirandela da Costa e ainda por Ribeiro de Magalhães (Federação Portuguesa de Futebol) e Valentim Lourenço (presidente da Liga dos Clubes).

A delegação benfiquista, chefiada pelo presidentge João Santos, era composta por todos os elementos da direcção e ainda pela totalidade do plantel futebolística, técnicos, médicos, massagistas e roupeiros.

Na oportunidade da recepção, Cavaco Silva entregou a Eusébio o Colar de Honra ao Mérito Desportivo, distinção propostas por Roberto Carneiro e recentemente aprovada em plenário do Conselho de Ministros.

«Eusébio da Silva Ferreira é um desportista notável pelo exemplo, comportamento ético e humano ao serviço do desporto e da alta competição», começou por dizer o primeiro-ministro, acrescentando depois» *«Eusébio é um desportista de eleição e um modelo para a Juventude, prestou e continua a prestar relevantíssimos serviços a Portugal, pois é um símbolo da comunidade portuguesa com o seu prestígio desportivo a ser unversal.»*

Ao vencer (2-1) a Irlanda do Norte

Nossos juvenis seguem a rota

Um golo apontado por Porfírio, a dois minutos do fim do encontro, ditou o triunfo de Portugal sobre a Irlanda do Norte, 2-1, em jogo inaugural do Campeonato da Europa de Futebol sub-16.

Em partida disputada no Estádio Frierich Ludwich, em Arnstadt, os jovens portugueses começaram a partida da melhor forma, chegando a dar a ideia de poderem chegar facilmente à goleada.

Após desperdiçarem várias ocasiões de golo, Portugal apontou o primeiro tento aos 17 minutos por intermédio de Kennedy que ao elevar-se de cabeça rematou sem hipótese de defesa para o guardião contrário.

Até ao intervalo, Portugal voltou a desaproveitar ocasiões soberanas para elevar o marcador, respondendo os irlandeses com a imposição de um tipo de jogo quezilento e a colocar em perigo a integridade física dos portugueses.

A segunda parte principiou, praticamente, com o empate obtido pelos irlandeses por intermédio de Wilkinson, em lance onde o guardião português, Pedro Jesus não ficou isento de culpas.

Este tento moralizou os irlandeses que acreditaram ser possível vencer o jogo, passando a partir de então a impor a sua capacidade atlética na disputa de lances na zona de meio-campo. Esta disposição obrigou a equipa a recuar no terreno e a acautelar a sua baliza, que por três vezes correu sérios perigos.

Quando se pensava que o empate seria o resultado final, eis que Porfírio de cabeça concretizou da melhor maneira uma jogada excelentemente conduzida por Nuno Santos no flanco direito.

No minuto seguinte, e em lance de todo desnecessário, Alexandre Monteiro agrediu Telford acabando por receber ordem de expulsão.

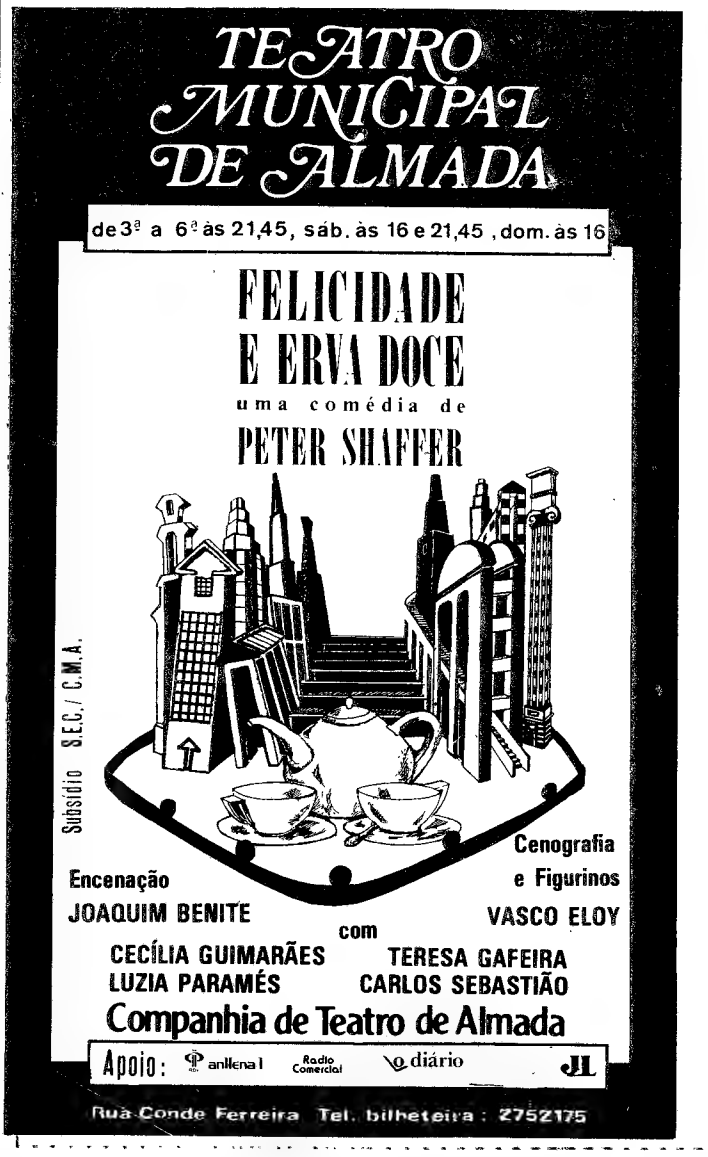
Sob a direcção do francês Leduc, as equipas alinharam:

Portugal: Pedro Jesus; Sérgio, Alexandre Ribeiro, Litos e Hugo; Kennedy, Costa (Alexandre Monteiro, 46), Poejo e Nuno Afonso (Edgar, 59); Porfírio e Nuno Santos.

Irlanda do Norte: David Collins; Robert Crowe, Finlay, Magill e Ferris; Livingstone, Bradley, Wilkinson e McDowell; Blair (Mooney, 31) e Telford.

Resultados dos encontros da jornada inaugural da prova:

Grupo «A«: Irlanda do Norte - Portugal, 1-2 e Dinamarca - Turquia, 3-0. **Grupo «B«**: Polónia - Chipre, 3-0 e Suécia - Hungria, 2-2. **Grupo «C«**: Checoslováquia - RFA, 0-0 e França - Escócia, 1-1. **Grupo «D«**: Espanha - RDA, 3-1 e Bélgica - Jugoslávia, 0-2.



Futuros advogados (equipa de Direito/Entresposto) são campeões nacionais

«Rugby»

Miúdos de Direito/Entreposto superam toda a concorrência

Terminada a época oficial de râguebi nos sectores formativos de benjamins (7-10 anos), infantis (11/12) e iniciados (nascidos em 1975/76), o Grupo Desportivo de Direito/Entreposto conseguiram a esperada hegemonia que o trabalho em profundidade que estão a fazer desde 1986, deixava antever.

Tendo vencido os Torneios de Abertura e de Lisboa, ganharam «exaequo» com o Benfica (outro clube que dedica muito esforço e capacidade técnica aos escalões mais jovens) o Torneio de Encerramento realizado no passado sábado, no Estádio Nacional. Na mesma ocasião e local, a equipa de infantis venceu, com alguma dificuldade, o Benfica, terminando a época imbatível, como sucedera na temporada anterior.

No domingo, no campo n.º 2 do Jamor e perante bastante assistência, a equipa «A» de inciados de Direito sagrou-se campeã regional ao bater, por 22-6, a sua congénere de Cascais, após terem ganho, na semana anterior, nas meias-finais, em Coimbra e na Lousã, às equipas daquela localidade e da selecção do Norte. Assim a equipa «A» de Direito/Entreposto terminou a temporada tendo vencido todos os jogos realizados.

«Data General Cup» em futebol de salão

Pioneiro e grande incentivador do futebol de salão (ou de cinco) no nosso país (foi o 1.º seleccionador e treinador nacional) o antigo futebolista José Eduardo (que desempenhou as funções de presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol) está agora na base da realização do «Data General Cup», torneio que vai decorrer até meados de Junho e foi apresentado à Comunicação Social pela Geartis, no Palácio dos Aciprestes, em Linda-a-Velha.

Com jogos nos pavilhões Carlos Lopes (Parque Eduardo VII) e Casa Pia (Rua dos Jerónimos, junto ao Estádio do Restelo) a competição tem como próximo cartaz os seguintes jogos para amanhã: Cérebro-RTP (9 horas); Vida Informática-Diário (10); Rádio Comercial-Gazeta dos Desportos (11); Expresso-Record (12), no pavilhão do Casa Pia. Na segunda-feira: A Capital-A Bola (22); e Exame-Semanário Económico (23), no pavilhão Carlos Lopes. Na 3.ª feira: Lusa-Rádio Comercial (22 e 30), no Carlos Lopes.

Formada nos finais dos anos 60, a Data General (multinacional norte-americana de computadores), deliberou que a realização da 1.ª edição da «Data General Cup» se destinasse a todos aqueles que trabalham nos «media» e que têm contribuído de forma decisiva para a imagem de marca Data General, que (no seu entender, contém todos os ingredientes necessários a uma competição que se preze: prémios colectivos e individuais, árbitros da A.F.L. e apoio médico, para além do acompanhamento de todos os jogos por elementos da organização.

Federação castiga

O técnico adjunto do FC Porto, Octávio, foi suspenso por 10 dias e multado em cinco mil escudos, pelo Conselho de Disciplina da FPF, na sequência do jogo da 33.º terceira jornada do campeonato português, frente ao Guimarães.

O mapa de castigos da Federação Portuguesa de Futebol inclui ainda os castigos aplicados nos jogos das meias-finais da Taça de Portugal, tendo sido admoestado com um jogo de suspensão Duílio e Barny, do Estrela da Amadora, enquanto o clube foi multado em oito mil escudos.

Com um encontro de castigo foram castigados Germano e João Baptista, ambos do Guimarães e o algarvios Sérgio Duarte e Rui Eugénio (Farense).

Destaque para os quatro jogos atribuídos a Secretário, do Penafiel, enquanto José António, do Belenenses, foi castigado com um jogo de suspensão. O jogador do Beira-Mar, Carvalhal, foi, tal como Secretário, castigado com quatro encontros de suspensão na sequência do jogo da 32.ª jornada do campeonato nacional em que os aveirenses defrontaram o Nacional da Madeira.

Com dois jogos de suspensão foram admoestados nesta jornada os jogadores do Tirsense José Maria e Eusébio, enquanto o castigo de um jogo de interdição foi atribuído a Santos (Braga) e Cristiano (Nacional).

Feirense-Boavista em Viana do Castelo

O encontro Feirense-Boavista a contar para a derradeira jornada do campeonato nacional vai disputar-se em Viana do Castelo em virtude do Conselho de Disciplina da FPF ter interditado o recinto do clube de Santa Maria da Feira, por um jogo, em consequência de incidentes ocorridos quando do encontro com o Vitória de Setúbal relativo à 21.ª jornada. O Feirense foi ainda multado em 50 mil escudos.

Violência por cá

Uma agressão a árbitros e duas invasões de campo, figuram entre as nove alterações à ordem registadas pela GNR em recintos desportivos no passado fim-de-semana, de acordo com um comunicado daquela corporação.

Inglaterra: Taça para o Manchester

O Manchester United conquistou a Taça de Inglaterra em futebol, ao vencer o Crystal Palace, por 1-0, na finalíssima da prova, disputada ontem em Wembley.

O golo vitorioso do Manchester United foi apontado por Lee Martin, aos 60 minutos, tendo a partida sido presenciada por cerca de 80 mil pessoas.

Informação

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO

LINHA DO NORTE

SUBSTITUIÇÃO DA PONTE DE ESGUEIRA (entre Aveiro e Cacia)

Procurando oferecer um melhor Serviço aos seus Clientes, a CP está a proceder à substituição da ponte de Esgueira.

Naturalmente, tentaremos reduzir ao mínimo os inconvenientes resultantes dos trabalhos de substituição.

De qualquer maneira, irão verificar-se algumas perturbações no Serviço, entre as 22.25 horas de 19/5/90 (sábado) e as 18 horas de 20/5/90 (domingo), para as quais chamamos a atenção dos nossos Clientes, designadamente:

C.º 4650/51 (00.34 horas de Aveiro) —Suspensa a sua circulação entre Aveiro e Ovar, sendo o Serviço de Passageiros assegurado por autocarro.

C.º 3400 (00.20 horas do Porto) —Suspensa a sua circulação entre Porto e Aveiro. Neste percurso, o Serviço de Passageiros é assegurado da seguinte forma:
Porto/Cacia
— C.º 15700/01 (00.30 horas do Porto)
— Cacia/Aveiro — Autocarro
Continuação do percurso até Lisboa assegurado pelo C.º 3400

C.º 3401 (00.20 horas de Lisboa) —Suspensa a sua circulação entre Aveiro e Cacia, sendo o Serviço de Passageiros assegurado da seguinte forma:
Aveiro/Cacia-Autocarro
Cacia/Porto-C.º 15703/02 (05.00 horas de Cacia)

C.º 15705 (05.52 horas de Aveiro) —Suspensa a sua circulação entre Aveiro e Cacia, sendo o Serviço de Passageiros assegurado por autocarro.

A CP solicita a melhor compreensão para os inconvenientes resultantes destes trabalhos.

Para mais informações, deverão os Senhores Passageiros contactar as respectivas estações.

Lisboa, 17 de Maio de 1990

Caminhos de Ferro Portugueses

«JOÃO DUARTE FERREIRA & COMPANHIA, LIMITADA»

Certifico para fins de publicação que por escritura de vinte e sete de Março de mil novecentos e noventa, lavrada de fls. 4, v.º a fls. 8, vº. do Livro de Notas para escrituras diversas número 120 - C, deste Cartório Notarial de Porto de Mós, a cargo do notário interino Vitorino José Marques Martins de Oliveira; o sócio João Duarte Ferreira divide a quota de cento e cinquenta mil escudos de que é titular na sociedade comercial por quotas, com a firma em epígrafe, sede na cidade de Lisboa, à Rua Tenente Espanca, número trinta e seis, quarto andar direito, com o capital social integralmente realizado em dinheiro de quatrocentos e cinquenta mil escudos, matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa sob o número cinquenta e quatro mil duzentos e quinze, a folhas cento e setenta e oito, verso do Livro C — cento e trinta e cinco, em duas novas quotas, uma no valor nominal de cem mil escudos, outra no valor de cinquenta mil escudos, com a finalidade da sua transmissão parcial, reservando para si a quota de cem mil escudos, cedendo conjuntamente com sua mulher a de cinquenta mil escudos, pelo seu valor nominal, a Carla Teresa Lourenço Henriques de Carvalho, com todos os direitos e obrigações inerentes à quota cedida.

O sócio Artur Henriques Rosa de Carvalho, divide a quota de cento e cinquenta mil escudos que é titular naquela sociedade, para a transmitir parceladamente, em duas novas quotas de setenta e cinco mil escudos, que conjuntamente com a mulher cedem pelo seu valor nominal, respectivamente a Maria Alice Henriques Rosa Ferreira e a Maria Fernanda Mendes de Carvalho, renunciando ele à gerência que tem vindo a exercer na dita sociedade, conforme previamente acordado, sendo as cessões efectuadas com todos os direitos e obrigações inerentes às quotas cedidas.

O sócio Alberto Henriques Rosa de Carvalho e esposa cedem a quota de cento e cinquenta mil escudos que o marido detém na aludida sociedade, pelo seu valor nominal, à dita Maria Alice Henriques Rosa Ferreira, renunciando o marido à gerência que tem exercido, também conforme havia previamente sido acordado, sendo também a cessão efectuada com todos os direitos e obrigações inerentes à quota cedida.

A citada Maria Alice após as cessões efectuadas passou a ser titular de duas quotas, uma de setenta e cinco mil escudos, outra de cento e cinquenta mil escudos, quotas estas a que não correspondem, segundo o contrato de sociedade, direitos e obrigações diversos e que se acham integralmente liberadas, pelo que as unifica numa só de duzentos e vinte e cinco mil escudos.

O referido João Duarte Ferreira, e mulher Maria Alice Henriques Rosa Ferreira, Carla Teresa Lourenço Henriques de Carvalho e Maria Fernanda Mendes de Carvalho, são agora os únicos sócios da sociedade em epígrafe e, também pela referida escritura, deliberam aumentar o capital social em um milhão quinhentos e cinquenta mil escudos, com a realização de novas entradas em dinheiro, subscrevendo a sócia Maria Alice Henriques Rosa de Carvalho (que também usa Maria Alice Henriques Rosa Ferreira, como atrás se indicou) a importância de quinhentos mil escudos que é adicionada à sua quota unificada de duzentos e vinte e cinco mil escudos, passando a ser titular de uma quota de setecentos e vinte e cinco mil escudos.

Subscrevendo a sócia Carla Teresa Lourenço Henriques de Carvalho a importância de cinquenta mil escudos, passando a ser titular de uma quota de cem mil escudos, em virtude do reforço operado na quota que já detinha com o montante agora subscrito.

Subscrevendo o sócio João Duarte Ferreira uma entrada em dinheiro de quinhentos mil escudos que adiciona à quota de cem mil escudos que para si reservou na cessão supra referida, passando a ser titular de uma quota de seiscentos mil escudos.

E, finalmente subscrevendo a sócia Maria Fernanda Mendes de Carvalho uma entrada de quinhentos mil escudos que adiciona à quota de setenta e cinco mil escudos que atrás adquiriu passando a dispor de uma quota no valor de quinhentos e setenta e cinco mil escudos.

Mais deliberam ainda nomear gerentes à sócia Maria Alice Henriques Rosa Ferreira, e alterar a sede da sociedade para a Avenida Santos Dumont, número sessenta, rés do chão, na cidade de Lisboa e o seu objecto, o qual passará a ser o comércio de armazenista de vinhos engarrafados, comissões e representações e ainda a exploração de agricultura, alterando em consequência do citado aumento de capital e das mencionadas outras alterações os artigos primeiro, segundo, terceiro e ainda o corpo do artigo sexto do contrato social, que passarão a ter a seguinte redacção:

PRIMEIRO

A sociedade girará sob a firma «JOÃO DUARTE FERREIRA & COMPANHIA, LIMITADA», tem a sua sede na Avenida Santos Dumont, número sessenta, rés do chão na cidade de Lisboa.

SEGUNDO

A sociedade tem por objecto o comércio de armazenista de vinhos engarrafados, comissões e representações e ainda exploração de agricultura.

TERCEIRO

O capital social é de dois milhões de escudos, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de quatro quotas: uma de setecentos e vinte e cinco mil escudos de Maria Alice Henriques Rosa Ferreira; outra de seiscentos mil escudos do sócio João Duarte Ferreira, outra de quinhentos e setenta e cinco mil escudos da sócia Maria Fernanda Mendes de Carvalho e outra de cem mil escudos da sócia Carla Teresa Lourenço Henriques de Carvalho.

SEXTO

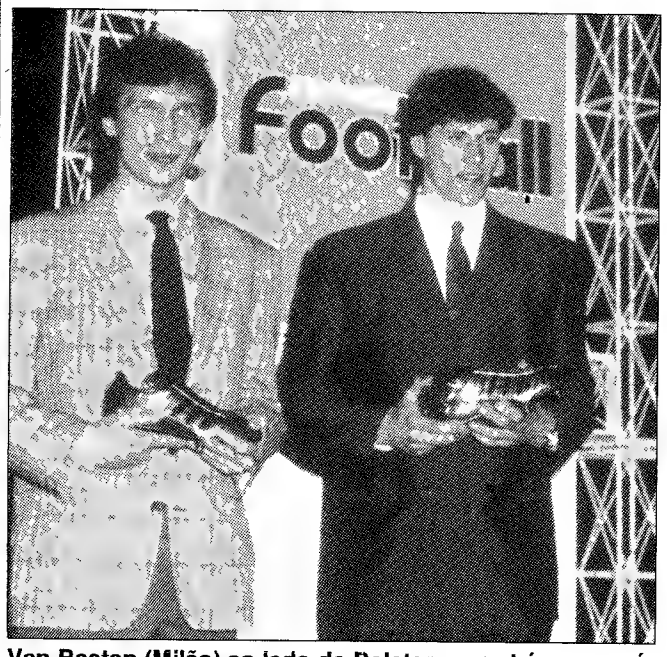
Todos os sócios são gerentes, com dispensa de caução e para que a sociedade fique obrigada são necessárias as assinaturas de dois gerentes ou a de um procurador da sociedade.

Conferida vai conforme.

Cartório Notarial de Porto de Mós, aos 6 de Abril de 1990.

A Ajudante,

Maria da Ascensão Lopes Pereira



Van Basten (Milão) ao lado de Polster, o austríaco que é vedeta em Sevilha

Milão prepara valsa vienense

Os holandeses Frank Rijkaard e Marco Van Basten, ambos com um golo marcado, foram as grandes figuras na vitória (3-1) do AC Milão, frente ao Lugano (Suíça), em jogo particular de futebol, de preparação para a final das «Taça dos Campeões Europeus. Detentor dos principais troféus europeus, o AC Milão adversário do Benfica, no embate de Viena, não teve de se empregar a fundo para se impor à equipa helvética, com Rijkaard a abrir o activo para a «squadra» milanesa,logo aos 6 minutos.

Apesar da ausência do «astro» holandês Rudd Gullit (que não jogou por se queixar de dores musculares na coxa) o AC Milão praticou um futebol prático e objectivo, criando várias ocasiões de marcar.

O «pressing» total, em todas as zonas do terreno, o futebol rápido e agressivo e o aproveitamento das características e qualidades dos seus jogadores, foram alguns aspectos evidenciados pelo AC Milão, num jogo que serviu para testar o conjunto italiano.

O médio Carlo Ancelotti (de 30 anos) já recuperado de uma lesão, jogou o tempo inteiro, deixando (contudo) sinais de não estar ainda a cem por cento fisicamente, denotando certa quebra anímina na 2.ª parte.

Adeptos do Lugano e alguns emigrantes portugueses fizeram uma pequena «festa» nas bancadas, gritando pelo «Benfica» e pela «Juventus» (do português Rui Barros), certamente na tentativa de «desestabilizar» a acção da turma milanesa. O jogo que serviu (também) para a troca de prendas entre os jogadores das duas formações, terminou um minuto mais cedo, em virtude de uma invasão pacífica de campo, com, muitas centenas de crianças a cercarem os «idolos» do AC Milão, na procura de autógrafos ou mesmo a camisola de um «craque» em questão. Equipa do AC Milão: Giovanni Galli; Mauro Tassoti, Franco Baresi, Filippo Galli (Costacurta) e Paolo Maldini; Carlo Ancelotti, Daniele Massaro, Frank Rijkaard e Alberigo Evani (Colombo), Marco Van Basten (Troppa) e Stefano Borgonovo (Marco Simone).

Futebol: fecho dos taipais

Depois de arrumada a questão do título e das despromoções, a derradeira jornada do Nacional da 1.ª Divisão tem como ponto de maior relevância conhecer a posição final do Belenenses, Setúbal e Chaves que ainda alimentam a esperança de uma presença na Taça UEFA.

Quanto à 2.ª Divisão, decorrerá a 32.ª jornada e são diversas as indefinições sobretudo nas Zonas Norte e Centro já que, no Sul, o Farense está a um ponto da 1.ª Divisão.

Sobre a 3.ª Divisão que no domingo terá a última ronda, resta conhecer quais serão os parceiros do Anadia, Lousada e União de Tomar no acesso à fase derradeira para discussão do título.

Vejamos o programa completo para o próximo domingo:

1.ª Divisão

Penafiel - Nacional; Porto - Beira Mar; Portimonense - Guimarães; Sporting - Setúbal; Benfica - Belenenses; Marítimo - Amadora; Braga - União; Feirense - Boavista e Chaves - Tirsense.

2.ª Divisão

Zona Norte: Marco - Aves (0-2 na 1.ª volta); Trofense - Gil Vicente (1-3); Leixões - Infesta (0-0); Varzim - Joane (0-1); Paços de Ferreira - Freamunde (0-3); Famalicão - Rio Ave (1-1); Felgueiras - Maia (0-2); Fafe - Vianense (0-1) e Vizela - Bragança (0-0).

Zona Centro: Oliveira do Bairro - Lamas (0-2 na 1.ª volta); Castelo Branco - Viseu (0-1); Oliveirense - Guarda (0-1); Peniche - Académica (0-3); Leiria - Mirense (0-1); Lousanense - Caldas (0-1); Marialvas - Salgueiros (0-5); Mangualde - Covilhã (1-0) e Espinho - Águeda (0-3)

Zona Sul: Torreense - Juventude (0-0 na 1.ª volta); Vila Real - Portalegrense (0-0); Farense - Sintrense (1-0); Alverca - Moscavide (4-3); Seixal - Estoril (0-1); Altético - Silves (1-3); Barreirense - Olhanense (0-2); Samora Correia - Louletano (1-1) e Évora - Elvas (1-2).

Indefinições na 2.ª

Enquanto que a Sul, será impensável que o Farense deixe de amealhar o pontinho que lhe falta para trepar à 1.ª Divisão, na Zona Norte existem diversos candidatos com probabilidades de subir e na Zona Centro, Espinho e Salgueiros (47 pontos) e União de Leiria (45), são os candidatos.

Para que o leitor possa confrontar as possibilidades de uns e outros, recordamos a posição na pauta e os jogos que restam aos candidatos ao trono:

Zona Norte

	J	V	E	D	G	P
1.º GIL VICENTE	31	19	5	7	46-25	43
2.º Famalicão	31	16	10	5	50-23	42
3.º Maia	31	15	10	6	46-28	40
4.º Aves	31	17	6	8	43-27	40
5.º P. Ferreira	31	17	5	9	52-32	39
6.º Freamunde	31	14	10	7	43-31	38

O que falta: Famalicão (Joane e Rio Ave — casa — e Freamunde — fora); Gil Vicente (Leixões — casa — e Trofense e Varzim — fora); Maia (Fafe — casa — e Felgueiras e Vizela — fora); Aves (Trofense — casa — e Marco e Leixões — fora); Paços de Ferreira (Freamunde e Vizela — casa — e Joane — fora) e Freamunde (Famalicão — casa — e Felgueiras e Paços de Ferreira — fora).

Zona Centro

	J	V	E	D	G	P
1.º ESPINHO	31	22	3	6	60-18	47
2.º Salgueiros	31	20	7	4	74-22	47
3.º Leiria	31	18	9	4	57-16	45

Falta: Espinho (Águeda e Salgueiros — casa — e Covilhã — fora); Salgueiros (Mangualde — casa — e Marialvas e Espinho — fora) e União de Leiria (Mirense — e Guarda — casa — e Académica — fora).

3.ª Divisão

Série A: Santa Marta-Vila Real; Ermesinde-Sanjoanense; Valadares-Rio Tinto; Paivense-Lixa; Lousada-Amarante; Lourosa-Cinfães; Valonguense-Sandinenses; Pedrouços-Leça e Régua-Paredes.

Série B: Valpaços-Vieira; Mecedo de Cavaleiros-Prado; Vila Pouca-Amares; Valdevez-Maria da Fonte; Delães-Ribeirão; Esposende-Ponte da Barca; Moreirense-Lanhenses; Santa Maria-Mirandela e Celoricense-Caminha.

Série C: Sertanense-Naval; Bombarralense-Alcobaça; Alfeizerense-Castelo de Vide; Fátima-Torres Novas; Alcanenense-Mirandense; Tomar-Marrazes; Portalegre-Ferrel; Nazarenos-Marinhense e Santarém-Alcalins.

Série D: Oliveira do Hospital-Valonguense; Ovarense-Argus; Seia-Santacombadense; Luso-Tabuense; Coimbra-Anadia; Sabugal-Mealhada; Mortágua-Gouveia; Oliverinha-Valecambrense e Estarreja-Alba.

Série E: Almeirim-Borbense; Campomaiorense-Oriental: Fronteirense-Lusitânia; Santa Clara-Cartaxo; Câmara de Lobos-Odivelas; Cacém-Futebol Benfica; Praiense-Vilafranquense; Portosantense-Sacavenense e Loures-Fanhões.

Série F: Almancilense-Trafaria; Quarteirense-Vasco da Gama; Sesimbra-Beja; Montijo-Quimigal; Montemor-Vendas Novas; Palmelense-Amora; Moura-Imortal; Santiago do Cacém-Lagos e Pescadores-Tavira.

BREVES

Atletismo: Benfica presente na Taça dos Campeões Europeus

Beneficiando da renúncia do Bayer Leverkusen, o Benfica foi convidado a participar na Taça dos Clubes Campeões Europeus de Atletismo que decorrerá em Jerez de la Frontera (Espanha) nos dias 2 e 3 de Junho. Além do Benfica estarão presentes: Estrela Vermelha (Jugoslávia), Amsterdamsche (Holanda), Fiamme Oro Pádua (Itália), Trade Union (URSS), Racing Club (França), Birchfield Hapiers (Inglaterra) e Larios (Espanha).

Ginástica: presença lusa nas Gimnasíadas

A selecção portuguesa de ginástica desportiva vai participar, de 21 a 26 do corrente nas Gimnasíadas que se disputarão na cidade belga de Bruges. Os quatro representantes lusos são: Gonçalo Macedo e Carla Furtado (Ginásio Clube Português) e Joana Carvalho e Carla Furtado (FC Porto).

Ténis de mesa: nossos miúdos em Espanha

Três clubes portugueses (Casa Pia, Juventude de Évora e Caça e Pesca) estiveram representados por diversos atletas em torneios internacionais de ténis de mesa realizados em Espanha, sendo de realçar as classificações averbadas por Cátea Pimenta, Sandra Soares, Pedro Silvestre, Hélder Cabana, Miguel Freire, Luís Sena, Pedro Neves (todos do Casa Pia) e Fernando Teixeira, Luís Ribeiro e Emanuel Fernandes (Caça e Pesca).

NA SUA AGENDA

Tiro com arco na Alameda

TIRO COM ARCO

Organizado pelo Lisboa Ginásio Clube, realiza-se, amanhã e no domingo, o V Torneio Neolux na modalidade de tiro com arco que ocorrerá na Alameda Afonso Henriques a partir das 13 horas (amanhã) e das 9 horas (domingo). A competição decorrerá por eliminatórias às distâncias de 30 e 50 metros.

TRESPASSA-SE

Loja, na Avenida Santos Dumont, com área de 700 m².

Contactar: Telefone — 775468
a partir das 17.00 horas.

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do artigo 22.º dos Estatutos do Sindicato Nacional dos Técnicos de Saúde, (SINTES), convoco todos os seus associados a comparecer à respectiva Assembleia Geral, a ter lugar no dia 1 de Junho de 1990, na Avenida Miguel Bombarda n.º 147, 2.º esq., em Lisboa, com início marcado para as 20 horas, sendo a seguinte a ordem de trabalhos:

I. Apresentação e votação do Relatório e Contas referente à gestão de 1988-89.
II. Apresentação e votação duma proposta de alteração aos Estatutos, no seu artigo 2.º (referente à localização geográfica da sede do Sintes).
III. Eleição e tomada de posse da nova Direcção, para o período de 1990-93.
IV. Outras questões de interesse para o SINTES.
V. Se à hora marcada não houver quorum suficiente a Assembleia funcionará 1 hora mais tarde no mesmo local, com qualquer número de Associados.

Considerando regularmente convocada a Assembleia Geral, assino

O Presidente da Direcção

(Assinatura ilegível)

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		MAI.JUN.OUT.	JUL.AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	**Entrada domingos Saída sábados**	**15 900$00**	**18 975$00**
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	**Entrada qualquer dia**	**19 950$00**	**22 925$00**

• Peq. Suplemento p/ocupação single:
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

I Série N.º 114
Dia 18 de Maio

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério das Finanças

Portaria n.º 379/90:
Aprova o Regulamento da Administração dos Transportes da Guarda Fiscal (RETAGF).

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 159/90:
Regula a composição de sumos e néctares de frutos.

Decreto-Lei n.º 160/90:
Estabelece os limites máximos de resíduos de produtos fitofarmacêuticos permitidos nos produtos agro-alimentares.

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 380/90:
Estabelece as normas a observar nas importações, de países terceiros, de animais das espécies bovina e suína e de carnes frescas de bovídeos, suínos, ovinos, caprinos, equídeos e ungulados e solípedes selvagens.

N.º 112
Dia 16 de Maio

SUPLEMENTO

Ministério da Educação

Decreto-Lei n.º 153-A/90:
Estabelece normas sobre requisição de infra-estruturas desportivas.

PESSOAS & FACTOS

Alterações na direcção da Dun & Bradstreet Lusitana

O dr. Carlos de Melo Heitor, que nos últimos cinco anos dirigiu a Dun & Bradstreet em Portugal como gerente-delegado e director-geral desta empresa especializada em informações de negócios, vai assumir responsabilidades no planeamento estratégico e marketing na região sul da Europa. Será substituído pelo dr. Carlos Vasconcelos Cruz que assume, assim, a plenitude das funções de director-geral da empresa no nosso país.

O dr Carlos Vasconcelos foi director comercial, integrando a equipa do dr. Melo Heitor, tendo nos últimos dois anos desempenhado funções similares na D&B França, onde realizou profundas transformações com assinalável êxito.

Na oportunidade o presidente da D&B Europa, sr. Richard Archer, declarou que a empresa em Portugal processou uma profunda reorganização durante a direcção de Carlos Heitor, informatizando integralmente o seu processo produtivo e gerando melhores produtos e serviços para os seus clientes, tendo alcançado, em consequência, sigificativos índices de crescimento em vendas e em lucros.

Semana gastronómica de Macau no Meridien-Lisboa

De 26 de Maio a 3 de Junho decorrerá na 'Brasserie des Amis' do Meridien-Lisboa uma «Semana Gastronómica Macaense», em colaboração com a Direcção dos Serviços de Turismo de Macau em Lisboa, Missão de Macau e a Lufthansa.

Durante aquele período serão servidos, ao jantar, várias especialidades culinárias chinesas e o 'buffet' diário, ao almoço, apresentará cozinha típica de Macau.

Para o efeito deslocam-se a Portugal os chefes de cozinha Ieong Kin Veng, Leicher Veng, José Amorim Costa, Carlos Almeida e ainda Lip Pak Song, escultor em gelo e manteiga, que decorará, com os seus extraordinários trabalhos artísticos, os requintados pratos.

AGENDA

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Em todo o território
Céu pouco nublado no Centro e Sul e muito nublado no Norte, onde poderão ocorrer aguaceiros fracos. Vento fraco de Oeste.

Mar encrespado com ondulação Oeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco por vezes moderado de Noroeste.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado durante a tarde no interior Norte e Centro, onde há possibilidade de aguaceiros. Vento fraco por vazes moderado de Noroeste.

MADEIRA

Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Norte. Aguaceiros fracos nas vertentes voltadas ao Norte.

Mar de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros na Coata Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã
Céu com períodos de muito nublado. Vento fraco a moderado de Norte.

Depois de amanhã Céu com períodos de muito nublado. Vento geralmente fraco

AÇORES

Grupo Ocidental
Céu muito nublado. Vento fraco tornando-se moderado de Sul a partir da manhã. Períodos de chuva também a partir da manhã. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros.

Grupo Central
Céu com períodos de muito nublado e vento moderado de Sul. Períodos de chuva para o fim do dia. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 1 a 2 metros.

Grupo Oriental
Céu com períodos de muito nublado e vento fraco. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação Noroeste de 2 metros.

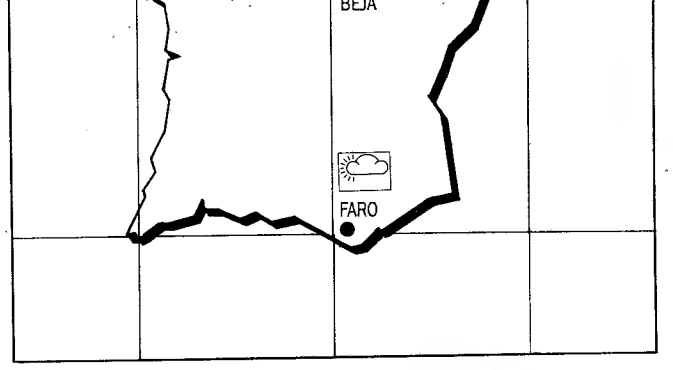
Amanhã

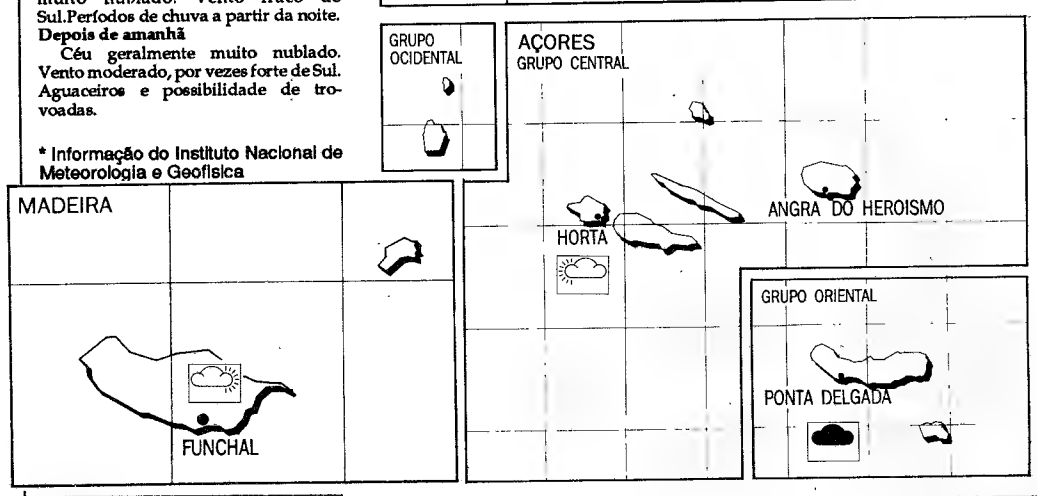
Grupos Ocidental e Central
Céu geralmente muito nublado e vento moderado por vezes forte de Sul. Períodos de chuva passando a aguaceiros.

Grupo Oriental
Céu pouco nublado, tornando-se muito nublado. Vento fraco de Sul.Períodos de chuva a partir da noite.

Depois de amanhã
Céu geralmente muito nublado. Vento moderado, por vezes forte de Sul. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica





Céu limpo
Céu pouco nublado
Céu muito nublado
Chuva
Trovoada
Neve
Vento
Mar calmo
Mar encrespado

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
10.16	2,6m	03.38	1,3m
22.37	3,1m	16.05	1,4m

Amanhã

11.25	3,0m	04.50	1,2m
23.46	3,2m	17.17	1,3m

PORTUGAL

	Min.	T. 6 h	Às 18 h.
Bragança	9	9	Neblina
V. Castelo	14	14	Chuva
Vila Real	10	10	M. nub.
Porto	14	14	Aguaceiros
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	14	14	M. nub.
C. Carvoeiro	16	16	P. nub.
C. Branco	13	13	M. nub.
Portalegre	12	12	Neblina
Lisboa	14	15	P. nub.
Évora	13	14	Encoberto
Beja	12	14	Neblina
Faro	13	13	P. nub.
Sagres	16	17	P. nub.
P. Delgada	13	13	M. nub.
Horta	12	13	M. nub.
Funchal	16	16	P. nub.

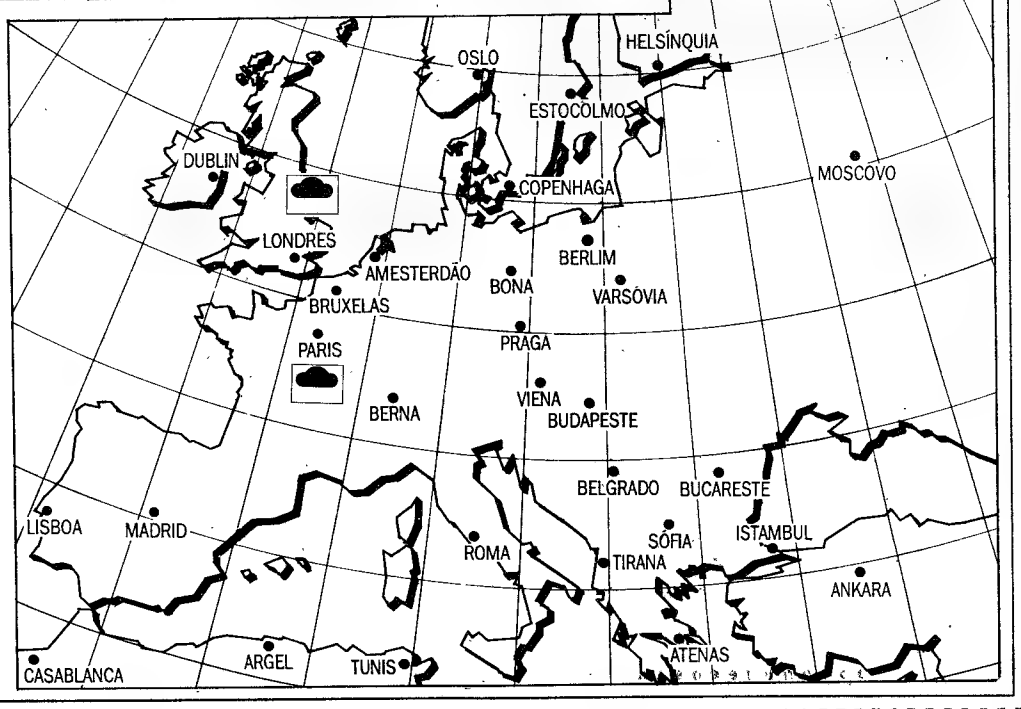
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 22; Porto, 20; Faro, 22; P. Delgada, 20; Funchal, 22.

EUROPA

	Min.	T. 6 h	Às 18 h
Madrid	11	11	Neblina
Londres	10	11	M. nub.
Paris	12	12	M. nub.
Bruxelas	8	10	P. nub.
Amesterdão	6	10	M. nub.
Genebra	14	16	M. nub.
Roma	13	14	Nevoeiro
Oslo	6	8	P. nub.
Copenhaga	8	14	P. nub.
Estocolmo	3	7	M. nub.
Berlim	7	9	P. nub.
Viena	12	14	M. nub.
Varsóvia	8	10	M. nub.
Atenas	16	20	P. nub.
Moscovo	11	13	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago	7	21	P. nub.
Houston	21	30	Trovoada
Los Angeles	13	20	P. nub.
Montreal	7	16	Aguaceiros
Nova Iorque	12	24	P. nub.
S. Francisco	10	17	Encoberto
Toronto	8	16	Limpo
Vancover	7	16	Neblina
Washington	15	25	Encoberto
Hong Kong	22	29	P. nub.
Melbourne	13	17	Chuva
Pequim	13	24	Chuva
Perth	11	23	Aguaceiros
Singapura	26	33	Neblina
Sydney	12	21	Aguaceiros
Tóquio	17	23	Chuva
Wellington	12	18	P. nub.



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Arco Cego - Estefânia: Palma, Av. Duque D'Ávila, 25-31, Tel. 547088; **Av. Roma:** Avis, Av. Roma, 56 B-C, Tel. 895370; **Campolide - Sete Rios:** Nova, Rua Campolide, 297-C, Tel. 687475; **Lumiar:** Central Lumiar, Alameda das Linhas de Torres, 254-B, Tel. 7588063; **Infante Santo:** Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B, Tel. 666971; **Luz - Fr. Meninos da Luz:** Geny, Rua Cons. José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da Estrada da Luz, Tel. 7140342; **Olivais Sul:** Fernandes Borges, Rua D. Aleixo Corte Real, Lote 388, Cruz. com a Rua Cidade Bolama, Tel. 311091; **Pedrouços:** Soc. Higilux, Rua Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; **Penha França - Bairro Colónias:** Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 8144361; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Santa Apolónia - Cam. Ferro:** Pereira Suc., Rua Paraíso, 98 - St.ª Clara - Hosp. Marinha, Tel. 863224; **Tivoli:** Morais Sarmento, Rua Santa Marta, 16 A-B, Tel. 546490; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Portela:** Paula de Campos, Centro Comercial Urb. da Portela, Tel. 9431423; **Odivelas:** Gonçalves, Rua Dr. Egas Moniz, 30-B, Tel. 9815662; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A,

REFORÇO

Alto Santo Amaro: Santo Amaro, Rua Filinto Elísio, 29 A-B, Tel. 3637070; **Alvalade:** Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66 - 66-A, Tel. 882368; **Avenidas Novas:** Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A, Tel. 763107; **Bairro Azul:** Sirius, Rua Fialho Almeida, 38-A, Tel. 544000; **Baixa:** Barral, Rua Augusto, 225, Tel. 3461534; **Benfica - Atrás do Califa:** Rebocho, Rua Tenente Coronel Ribeiro Reis, 12-B (Calhariz), Tel. 743871; **Campo de Ourique:** Pinheiro, Rua Campo Ourique, 135, Tel. 686640; **Chelas - Colégio Valsassina:** Serra, Rua Luís Cristino da Silca, Lote 221, Loja 133 - Zona 2 - Chelas, Tel. 8593720; **F. Luminosa - Al. Af. Henriques:** Paes, Rua Abade Faria, 22-A, Tel. 883965; **Rato:** São Mamede, Rua Escola Politécnica, 82-B, Tel. 660280; **Santos:** Fontoura Carvalho, Rua Santos-O-Velho, 12, Tel. 662075; **Brandoa - Amadora:** Correia, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Moderna, Av. 25 Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184, Tel. 2432034. Até às 22 h; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Brandão, Av. República, 77-C, Tel. 2471054. Permanente; **S. Pedro do Estoril:** S. Pedro, R. 9 de Abril, Tel. 2683052. Até às 22 h; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Monte Estoril:** Suíça, Cruzeiro, Tel. 260087. Até às 22 h; **Cascais:** Cascais, R. Conde Monte Real - B.º Caixas, Tel. 282407. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Dias & Brito, Av. Marquês Pombal, 45-A, Tel. 4940118. Permanente; Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28, Tel. 4933303. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** Zeller, R. República, 83, Tel. 4350045. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Guerra Rico, Av. Bombeiros Voluntários, Tel. 9244002. Permanente; **Mem Martins:** Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24, Tel. 9230058. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Silva Júnior, Av. 25 Abril, 9, Tel. 2768030. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Laranjeiro:** Oliveira Sérgio, R. Álamos, 2-A, Tel. 229664. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Barreiro:** Silva Inácio, P. Gomes Teixeira, 45, Tel. 2071862. Permanente; **Baixa da Banheira:** Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; **Correios:** Bento Lino, Est. Vale Milhaços, Tel. 253260. Até às 19 h; **Cruz de Pau:** Fonseca, R. Ribatejo, 2-A, Tel. 2211131.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Diário de Lisboa

ATENÇÃO À MOSCA

INVASÃO DO LAOS POR TROPAS DE SAIGÃO

INCERTO EM PAÍS AGRÍCOLA O OFÍCIO DE AGENTE RURAL

Invasão do Laos por tropas de Saigão

As tropas terrestres do Vietnam do Sul atravessaram a fronteira com o Laos, a fim de lançarem um ataque à pista Ho Chi Minh - revelou o ministro dos Negócios Estrangeiros sul-vietnamita, Iran Van Lam, numa entrevista que concedeu ontem em Djakarta ao "The Los Angeles Times". Os observadores diplomáticos ocidentais presentes naquela capital esperam que as notícias da escalada da guerra no Laos venham a ter sérias repercussões políticas nos EUA e aumentem a ameaça de uma intervenção chinesa.

Agentes rurais

Os agentes rurais diplomados pelas escolas agrícolas de Odivelas, Santo Tirso e Mirandela consideram-se há muitos anos gravemente prejudicados pelo facto de ao diploma que possuem não corresponder uma posição profissional definida, o que afecta e miniminiza a carreira e, consequentemente, as remunerações que lhe são atribuídas.

Carcereiros contra o Mundial de Futebol

A Associação Inglesa dos Guardas Prisionais (Inglaterra) protestou junto do Ministério do Interior contra a ordem dada para que os guardas se mantenham ao serviço como forma de permitir que os reclusos assistam pela Televisão dos jogos do Campeonato Mundial de Futebol. «A imposição de mais deveres para expandir as actividades dos reclusos devia ser evitada» - diz a Associação em carta ao Ministério.

EFEMÉRIDES

1920

• Nasce, em Wadowice, uma cidade do extremo sul da Polónia, perto de Cracóvia, Karol Wojtyla, hoje João Paulo II, Chefe Supremo da Igreja Católica.

1974

• A Índia torna-se na sexta potência nuclear ao levar a cabo, no Deserto do Rajastão, a primeira experiência nuclear.

1980

• Após um período de 123 anos de inactividade, o vulcão de Santa Helena, no estado de Washington, EUA, entra em erupção.

1981

• A presidente do Parlamento Europeu, Simone Veil, é recebida, em Lisboa, pelo presidente Ramalho Eanes.

1985

• O governo indiano introduz uma legislação antiterrorista, que prevê a pena de morte, para combater os extremistas Sikh.

1987

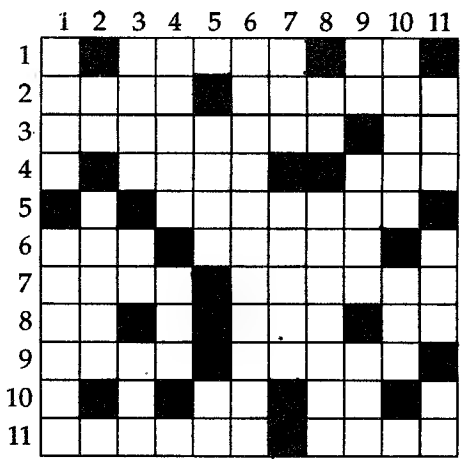
• No decurso da sua visita oficial aos EUA, o Presidente da República, Mário Soares, avista-se, em Washington, com o presidente Ronald Reagan.

1989

• A Venezuela vive hoje a primeira greve geral nos últimos 50 anos como protesto contra a política governamental e exigindo o não pagamento da dívida externa do país.

• No final de uma visita oficial de quatro dias à China, o presidente da URSS Mikhail Gorbachev anuncia a normalização das relações sino-soviéticas a nível de estado.

PALAVRAS CRUZADAS



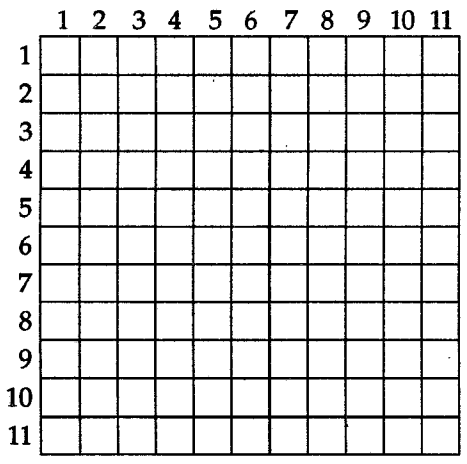
PROBLEMA N.º 17921

HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Participação. Concede.
2 - Deus supremo da religião fenícia. Falseada.
3 - Acariciarão. Prefixo de negação.
4 - Espécie de feijão de Moçambique. Calote.
5 - Axilas.
6 - Cabelos brancos. O mesmo que porcos (prov.).
7 - Rio dos Estados Unidos. Diz-se do cavalo cujo pelame é branco, vermelho e preto.
8 - Abreviatura de Santíssimo. Sua Senhoria. Carta de jogar.
9 - Copo. Gorgulhos tropicais.
10 - Caminhar. QUINHENTOS E UM EM ROMANO.
11 - Abane. Catafalco.

VERTICAIS:

1 - Nome do Nilo Azul na sua origem. Lombo.
2 - Antes do meio-dia. Rei de Israel.
3 - Germe (fig.). Nota musical. Trezentos em romano.
4 - Espíritos. Ovário dos peixes.
5 - Grande afeição. Idem.
6 - Cruzara.
7 - Agora. Sorte.
8 - Preposição e artigo. Medroso.
9 - Quinhentos e um em romano. Costurei. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
10 - Transferes para outro dia. Em as.
11 - Patrão. Pronome pessoal. Bário (s.q.).



PROBLEMA N.º 16731

HORIZONTAIS:

1 - Freguesia do concelho de Baião.
2 - Freguesia do concelho e distrito de Leiria. Cidade de Itália.
3 - Furna. Vi. Rio da Baviera afluente do Danúbio.
4 - Claridade. Abranger.
5 - Apre! Artigo definido. Apelido.
6 - Gálio (s.q.). Possuir. Carta de jogar.
7 - Espera resposta. Gelhas. O lado do vento.
8 - Assassinar. Tuberculose cutânea.
9 - Amoleceram.
10 - Batráquio. Cubram de nata.
11 - Luz da Lua. Solitário. Nome de mulher.

VERTICAIS:

1 - Freguesia do concelho de Lamego. Plural.
2 - O mesmo que amouriscaram.
3 - Arrendar. Falha.
4 - Arara. Travar luta com.
5 - Rio de França.
6 - Cidade e porto da Dinamarca. Chefe etíope.
7 - Caías com estrondo. Relativo aos Alanos.
8 - Artigo definido (ant.). Demónio.
9 - Cimalha convexa entre a parede e o tecto (pl.). Tirania.
10 - Rio da Suíça. O mesmo que lume (em anatomia).
11 - Sensuais. Miriare.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 920

HORIZONTAIS: 1 - PARA. OUVIR. 2 - Aliavam. Teu. 3 - Restes. Ruim. 4 - Ri. Azia. Na. 5 - Eta. Escola. 6 - Caros. Obi. 7 - Oras. Fr. Air. 8 - Em. Parasse. 9 - Ms. Calem. 10 - Sararemos. 11 - Amaram. Só. VERTICAIS: 1 - Parreco. MIL. 2 - Aleitares. 3 - Ris. Aram. Sa. 4 - Ãatá. Os. Cam. 5 - VEZES. PARA. 6 - Oásis. FALAR. 7 - Um. Acorrera. 8 - Ob. Amem. 9 - Itu. Lias. 10 - Reina. Iscos. 11 - UMA. Ore. SÓ.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 730

HORIZONTAIS: 1 - Gontinhães. 2 - Leira. Aviai. 3 - To. Álitos. 4 - Rabi. Riso. 5 - Anafa. Al. 6 - Abé. Ama. Uva. 7 - Al. Paxá. Id. 8 - ANI. Or. Solo. 9 - Charlas. Ut. 10 - Ras. Ema. Res. 11 - Ar. Os. Mioma. VERTICAIS: 1 - Glória. Acra. 2 - Oeta. Banhar. 3 - Ni. Elias. 4 - Tróia. 5 - Ia. Nápoles. 6 - Aramaram. 7 - Halifax. Sam. 8 - Avisa. As. 9 - Eito. Ouro. 10 - São. Aviltem. 11 - Isolado. Sa.

PROVÉRBIO: PARA OUVIR MIL VEZES; PARA FALAR UMA SÓ.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
PALPITAÇÕES
Filme de Ron Underwood
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
QUASE UMA FAMÍLIA
Filme de Johnathan Kaplan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
ADEUS AO REI
Filme de John Millus
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
PAPITAÇÕES
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
A VIDA E O AMOR
Filme de Amy Jones
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7
MISS DAISY
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

AMOREIRAS 10
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
O HARÉM DE ARQUIMEDES
Filme de Mehdi Charef
M/16 anos - Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
BOMBEIROS DO SEXO
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
OS SALTEADORES DO TEMPLO SAGRADO
Filme de Ferdinando Baldi
M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
TANGO E CASH
M/16 anos - Às 14.00, 16.30 19.00 e 21.30
O PELOTÃO DA MORTE
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
AMIGOS E DETECTIVES
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

O EXPRESSO DE CASABLANCA Com Jason Connery/Glen Ford
Brevemente, estreia em Lisboa

ESTÚDIO SHEZA
FLORES DE AÇO
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
CONCURSO SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
FELICIDADE DESTRUÍDA
Filme de Frank Borzage, às 18.30
AFTER TOMORROW
Filme de Frank Borzage, às 21.30

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
DIABO NO CORPO
Filme de Marco Bellocchio
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
POLÍCIAS AO ATAQUE
Filme de Richard Benjamin
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
UM AMOR INEVITÁVEL
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
JUVENTUDE EM FÚRIA
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
ALWAYS - SEMPRE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuytten
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

AUDITÓRIO 2

FILHA DA MÃE
Filme de João Canijo
M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
A SOMBRA DE EMA
Filme de Soeren Kragh - Jacobsen
M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
DEZ CONVITES PARA A MORTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
TANGO & CASH
M/16 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
BELA DE MAIS PARA TI
Filme de Bertrand Blier
M/12 anos - às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
ADEUS AO REI
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
LIGAÇÕES SUJAS
M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
QUASE UMA FAMÍLIA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
HONRA E VINGANÇA IV
Filme de Dickson Boon
M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30
O NINJA AMERICANO II
Sábado às 24.00

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
LINHA QUENTE
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2
POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
A LEGENDA DAS 3 ESTÁTUAS
Filme de Leo Fong
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
BELA DE MAIS PARA TI
M/12 anos - Às 15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3
CRIMES E ESCAPADELAS
M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4
O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2
PALPITAÇÕES
M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
O ENIGMA DA CAIXA DE MÚSICA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
A PAIXÃO DE CAMILLE CLAUDEL
Filme de Bruno Nuyten
M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

VIVA A ALEGRIA

Alegre Show Infantil que está a percorrer o País, não deve deixar de oferecer este espectáculo às crianças da sua localidade.

Preços especiais para Câmaras, Juntas de Freguesia, Escolas e Comissão de Festas; SHOW com Música — Canções, Ilusionismo, Palhaços, Ventriloquia, Grupo Tempo Útil, etc...

Solicite a nossa Cassete Vídeo com todo o Show Filmado ao Vivo.

Reservas pelos Telefones: 54 05 32 - 54 33 12 - 989 45 84 - 92 75 50 93, ou: — VIDEOPAX - ESPECTÁCULOS, Rua Pinheiro Chagas, 19-A, Sala 214 — 1000 Lisboa.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começara a contar da data da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Ordinária n.º 4730 1.ª Secção

Exequentes — Jacinto José de Brito

Executado — CVS — Laboratórios Farmacêuticos, SA, com sede na Av. Marquês de Tomar n.º 5 — 1.º — 1000 LISBOA

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1990

O Juiz de Direito
(Ilegível)

Pelo Escrivão de Direito
(Ilegível)

DL 2.ª Pub 18/5/90

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

1.º Juízo

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução ordinária n.º 4092 - 3.ª Secção

Exequentes — O Estado, representado pelo M.º Público

Executado — SITAGEL — Sociedade Industrial Técnica de Artefactos de Cimento Estrela, Ld.ª, com sede em GOUVEIA.

Lisboa, 19 de Abril de 1990.

O Juiz de Direito,
(Assinatura ilegível)

O Escrivão de Direito,
(Assinatura ilegível)

DL 2.ª Pub 18/5/90

CONFECÇÕES STAHL

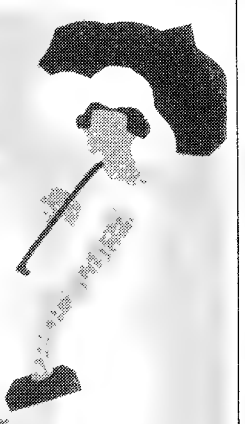
CONFECÇÕES EM CABEDAL E ANTÍLOPE

CONFECCIONAMOS E ARRANJAMOS

AV. MARQUÊS DE TOMAR, 68-1.º ESQ.º TELEFONE 77 11 58

1990

19.º Salão de velharias e objectos de colecção



18 a 27 maio
das 16 h as 24 h

ESTUFA FRIA

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

16.00 - MATINÉE: «O MEU MAIOR PECADO»
Um filme de Douglas Sirk (EUA, 1957), com Rock Hudson, Robert Stack, Dorothy Malone e Jack Carson. No pleno controlo dos seus meios, Sirk consegue com este filme uma obra de absoluta maturidade. Todas as evidências do quotidiano surgem transfiguradas, ou não fosse essa uma das motivações mais fortes do género melodramático. Assim como o carnaval no filme se transforma em ritual macabro, assim também a vida se descobre habitada pela morte, de acordo com um combate eterno entre o desejo e a aniquilação, a felicidade e o silêncio.
17.30 - JUNTOS E AO VIVO
18.35 - O SÍTIO DO PICA PAU AMARELO
10º episódio
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA
20.05 - O TEMPO
20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
20.15 - VALE TUDO
115º episódio
21.20 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
22.20 - O ROSTO DA NOTÍCIA
23.25 - CHEFE, MAS POUCO...
23.55 - 24 HORAS

O 8º episódio da série «Para Além da Guerra», domingo no 1º Canal às 21.10

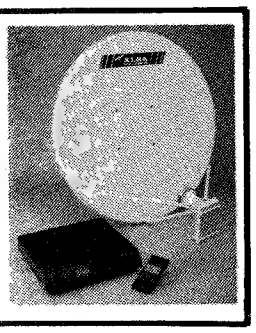
00.25 - UM DIA...
Com Artur Semedo
00.35 - REMATE
00.45 - CARTAS DE HUMOR
50º programa, com Amélia Videira
00.50 - PELA NOITE DENTRO
«Bad Boys», um filme de Rick Rosenthal (EUA, 1983), com Sean Penn, Reni Santoni, Jim Moody, Eric Gurry, Esai Morales, Ally Seedy, Clancy Brown e Robert Lee Rush.

No 2º Canal, domingo às 19.15, pode ver o telefirme «A Marcha»,

RTP-2

16.25 - OS HERÓIS
4º episódio
16.55- AS GRANDES VIAGENS DE COMBOIO
7º e último episódio
17.55 - MAGAZINE MUSICAL
18.20 - TELEMERCADO
18.45- O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
107º episódio
19.30 - ESPAÇO INFANTIL
19:55 - AS CIDADES E AS TERRAS
20.20 - BUCHA E ESTICA
20.45 - VIA RÁPIDA
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - DONA BEIJA
23.00 - ROTAÇÕES
00.00 - HAJA MÚSICA
A primeira parte deste programa é dedicada exclusivamente à «Queima das Fitas» de Coimbra, com destaque para as «Grandes Noites do Parque», por onde passaram artistas como Lena D'Água, Semen Up, Paralamas do Sucesso, Mano Negra e Xutos e Pontapés. A moda abre a 2ª parte, onde Anamar também estará presente com o clip "Afinal" produzido especialmente.
Em «Haja Música», oportunidade ainda para rever os Pink Floyd e, no que toca a filmes, será a vez de «Quase uma família, realizado por Jonathan Kaplan e as presenças de Glenn Close e James Woods.
A finalizar, os "UHF" e as notícias sobre o mundo do espectáculo com Manuel Jorge Pego.

ALBA
ANTENAS PARABÓLICAS ACESSÍVEIS A TODOS
INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



AMANHÃ

RTP-1

09.01 - TV RURAL
09.25 - MEU QUERIDO SÁBADO
12.30 - GRANDES TORMENTOS
13.00 - NOTÍCIAS
13.10 - SAGA DA CANÇÃO FRANCESA
14.05 - PARLAMENTO
14.35 - O BARCO DO AMOR
15.25 - VIVAMÚSICA
16.15 - SESSÃO DA TARDE
18.15 - VIAGEM INFINITA
19.10 - SETE FOLHAS
19.45 - TOTOLOTO EUROPEU
21.20 - JORNAL DE SÁBADO
22.20 - O TEMPO
22.25 - BOLETIM DAS PESCAS
22.30 - CENÁRIOS PERDIDOS
23.30 - CINEMA DA MEIA-NOITE
«A Companhia dos Lobos»

RTP-2

09.02 - UNIVERSIDADE ABERTA
10.10 - CAMINHOS
10.40 - MÚSICA N'AMÉRICA
11.35 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
12.25 - TELEMERCADO
12.50 - TAUROMAQUIA
13.20 - CINE-SÁBADO
15.15 - ESTÁDIO
19.00 - PRIMEIRO JORNAL
19.15 - ARCA DE NOÉ
19.55 - CONTOS POPULARES EUROPEUS
21.25 - ESTÁDIO
23.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
Compacto

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis
OLIVEIRA & LEAL, LDA
(Casa Fundada em 1945)

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de maples veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — sommiers (por medida).
Móveis - sala e quarto (por medida).
Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

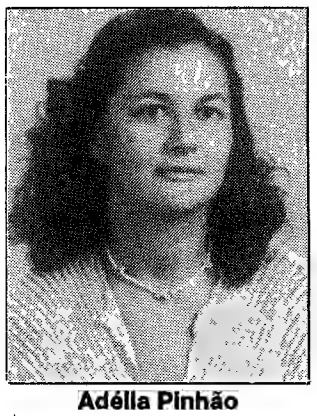
Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.

Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)

«O ministro do Ambiente, Fernando Real (...) mostrou mais uma vez a sua inaptidão, a sua extrema falta de sensibilidade para a causa do ambiente»

José Manuel Fernandes, «Público», 17.05.90

A PERGUNTA DO DIA



Adélia Pinhão
Sindicato dos Médicos da Zona Sul

Quais os principais assuntos que vão ser tratados no 2º Fórum de Clínica Geral?

«Neste encontro, que terá lugar amanhã no Hotel Lutécia, vão estar em debate três grandes temas: a formação em clínica geral, a prestação de cuidados de saúde primários e os aspectos jurídicos relativos à profissão. No que se refere ao primeiro assunto, vai estar em debate a formação não só ao nível da pré-graduação, mas também aquela que é ministrada nos institutos e a formação contínua cujo impacte, segundo os profissionais de clínica geral, deverá ser reforçado. Quanto aos cuidados primário de saúde, será analisado, com especial incidência, o financiamento e investimento nos centros de saúde, que são os locais onde estes cuidades são prestados. Finalmente, estará em análise a legislação relativa à clínica geral, especialmente as novas normas. Os documentos apresentados no Fórum e as conclusões a que se chegar no final dos trabalhos serão compilados e enviados a todos os médicos e instituições ligadas à saúde. O Fórum deverá contar com a participação de cerca de duas centenas de médicos, oriundos de todos os pontos do País.»

O DL SUGERE

a Rocha de Matos

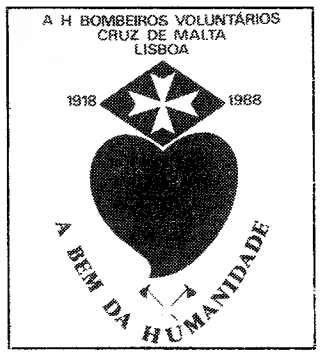
Não perca a mais recente edição da FILCATÁLOGO, o catálogo oficial da Filtécnica. Por ocasião de mais um certame internacional - uma excelente oportunidade de os empresários portugueses estabelecerem negócios com agentes económicos estrangeiros — a FIL edita uma revista de apresentação apta a concorrer com os mais bem conseguidos livros de anedotas (ver artigo sobre o mesmo assunto na secção de Economia). Uma leitura atenta talvez lhe permita entender a fraca posição que o nosso país ocupa na economia mundial.

a Álvaro Cunhal

Veja «CENAS DA LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS», uma produção norte-americana, realizada por Paul Bartel e protagonizada por Jacqueline Bisset. Claro que este fim-de-semana não vai ter tempo. Mas na segunda-feira, dia em que os bilhetes até são mais baratos, vá ver de que forma o cinema oriundo da pátria do capitalismo trata o «motor da história». Talvez consiga encontrar, na película, argumentos para convencer os comunistas mais cépticos de que a luta de classes ainda não passou de moda...

a Carlos Melancia

Vá ao 19º SALÃO DE VELHARIAS E OBJECTOS DE COLECÇÃO, que é hoje inaugurado na Estufa Fria. Conhecido que é o seu grande interesse por antiguidades, bem pode aproveitar a deslocação oficial a Lisboa para visitar este certame, onde é possível que encontre algum objecto de interesse para a sua colecção. Uma boa oportunidade para se dedicar ao seu *hobby* favorito e para afastar da sua mente as preocupações que o Governo de Macau certamente lhe traz.



a Arlindo de Carvalho

Leia o «MANUAL DE PRIMEIROS SOCORROS», que a Associação Humanitária Bombeiros Voluntários da Cruz de Malta acaba de editar. Trata-se de uma obra bastante completa, acessível a quem não tem conhecimentos médicos. Uma boa oportunidade para o responsável pela pasta da Saúde entrar em contacto com alguns rudimentos da ciência médica que lhe permitirão, quando estiver a dialogar com os profissionais de saúde, compreender melhor os seus problemas.

VAI ACONTECER

«Blimunda» estreia em Milão

A ópera «Blimunda», baseada no romance de José Saramago, «O Memorial do Convento», vai ser estreada na próxima segunda-feira, no teatro Scala de Milão. O texto foi adaptado pelo italiano Azzio Corghi, encenada pelo francês Jerôme Savary e a direcção de orquestra estará a cargo do maestro húngaro Zoltan Pesko. No mesmo dia, Saramago participa, em Turim, num debate sobre «A Identidade Cultural Europeia», organizado no âmbito do Salão do Livro daquela cidade.

SHIP faz 129 anos

A Sociedade Histórica da Independência de Portugal (SHIP) vai comemorar, na próxima semana, o seu 129º aniversário. Durante a cerimónia, serão entregues os prémios SHIP relativos a 1989, estando o encerramento a cargo do ministro da Defesa. Esta instituição foi fundada em 1861, por iniciativa popular, tendo como objectivos o culto do amor da Pátria e a cooperação com o Governo na defesa de Portugal.

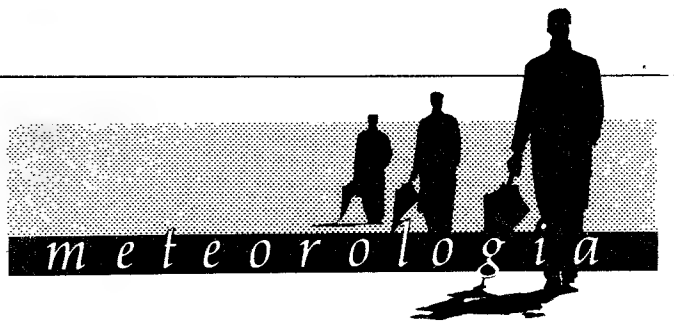
Ponta Delgada em festa

As conhecidas festas do Santíssimo Senhor do Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, vão ter início na próxima segunda-feira. Estas festas, que todos os anos atraem milhares de peregrinos e turistas vão ser este ano presididas por D.José Garcia, bispo de Porto Amélia (Moçambique), contando ainda com a presença dos prelados da Guarda e de Oakland, na Califórnia.

ADFA em congresso

A Associação dos Deficientes das Forças Armadas vai realizar, a partir de amanhã e até ao próximo dia 24, a Primeira Conferência de Antigos Combatentes de Portugal. No encontro, no qual participam membros de associações congéneres oriundas das antigas colónias portuguesas, vão ser discutidas formas de cooperação nas áreas da reabilitação e integração dos deficientes e veteranos de guerra.

Segunda-feira no
Diário de Lisboa
O Congresso do PCP em balanço
Roménia: as eleições mudaram o quê?
Artur Portela e Alfredo Margarido no Forum «DL»



Para sexta-feira

Sei que *Meteorologia*, publicada na sexta, não precisa de imagem, de «boneco». O espaço é mais escasso e apenas chega, quando chega, para encaixar o texto. Sacrificada é, então, a expressão visual. É natural.

Será assim tão natural? Escrever é mais importante do que mostrar, ler é mais importante do que ver? Escrever não é mostrar, dar a ver? E eu que gosto de me exprimir por todos os meios. Aliás, como o leitor sabe, nem sempre as imagens são coincidentes com o texto. Funcionam também pela oposição, pelo paradoxo, pelo choque sensorial, pelo curto-circuito entre várias estruturas, pelo alargamento do tema, fazem respirar os conceitos, dão olhos às teses, objectivam os axiomas. Alegram eventualmente as letras, sempre as mesmas, vinte e três ou agora um pouquinho mais.

Mesmo perfeitamente ciente disso, reservo o pouco espaço das fatídicas sextas-feiras exclusivamente para a escrita. Preconceito: o que está escrito, está escrito, e é mais importante. Vingança do tio Gutenberg? *Vendetta* da velha civilização enraízada em nós, em alguns de nós, contra as novas formas da comunicação cuja força está cada vez mais no não-escrito, não fixo, não repetitivo, não textual? O efémero define o nosso tempo.

Enquanto estou a escrever, o meu filho escolar desenha e ri. Não lerá o que escrevo, não lê o que escrevem os outros, lê só *in extremis* quando muito solicitado ou obrigado. Depois de cada página consumida, põe-se a dançar, descansar, diz ele. Talvez tenha razão. Tem os olhos e ouvidos já do século XXI.

Jorge Listopad

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO
2 930
70 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
7 497
12 000 CONTOS

3.º PRÉMIO
59 175
3 000 CONTOS

Dois prémios grandes
—73 000 contos—
Vendido hoje
aos BALCÕES da
CASA DA SORTE
LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

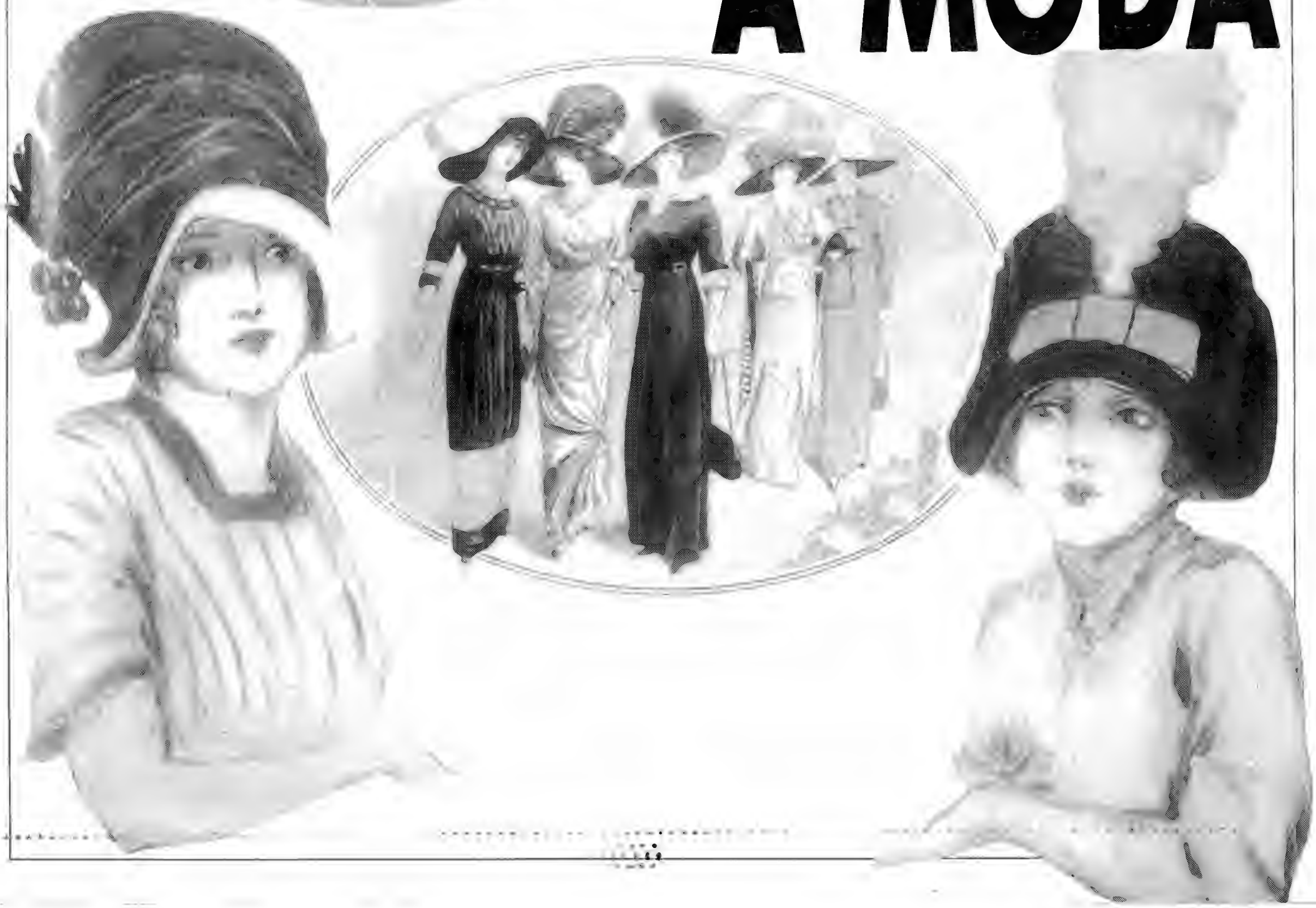
CASA VIOLA
Vendeu o 2.º prémio
7 497 — 12 000 contos
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»
LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL
Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
18 DE MAIO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA

DL

A MODA



Texto de
Ernesto Sampaio

A MODA ESTÁ NA MODA

A moda está na moda: desde os economistas que a apreciam porque o sector é «rendível» (horrorosa e asnática palavra que também está na moda, como o «atempadamente» dos políticos) aos analistas que a interpretam como organização fantasmagórica, gratificante lugar onde se superam as carências, passando pelos linguistas que a analisam estruturalmente, como um sistema, não há praticamente ninguém que não tenha meditado sobre o vestuário.

O falecido Roland Barthes, por exemplo, no «Sistema da Moda», descobriu o «bluff» que todos os anos, ou antes, todas as estações, a moda, com o seu mito e a sua retórica, volta pontualmente a propor. Para os sociólogos, a moda é um verdadeiro problema: enquanto na sociedade abundam tiros, sequestros, greves, desgraças e trabalhos, na moda é o luxo e a fantasia que predominam, quer dizer, entre moda e sociedade parece não haver correspondências, mas dissonâncias. Com efeito, se o clima cultural ideológico destila tristeza e austeridade, no vestuário reina a alegria desenfreada e a superficialidade.

Os sociólogos podem, portanto, prever que «inconscientemente» as pessoas já não suportam a situação que vivem, metamorfoseando, através da moda, a crise em frivolidade. Hoje, como sempre, perante os sacrifícios, a moda serve de pára-raios, propondo aos cidadãos um pequeno (mas caro) prazer.

Duvido que exista uma estreita relação analógica entre História e moda, entre os acontecimentos de uma e o conjunto de elementos que constituem a ideologia da outra. A moda comporta-se arbitrária, tirânica e utopicamente. Há, evidentemente, épocas e períodos em que essa analogia foi mais clara e constante, mas não conheço exemplo de modas que incitem o povo a chorar neste vale tão cheio de lágrimas. É verdade que Henrique III andava de luto por Margarida de Clèves envergando uma vistosa vestimenta confeccionada com pequenas cabeças de morto, mas o actual **fashion look** não é capaz de imaginar «prontos-a-vestir» para os trabalhadores com salários em atraso nem «manteaux» para as desempregadas.

Não inventiva, mas combinatória, capaz de institucionalizar fenómenos incongruentes, a moda exprime-se através de sinais sempre na iminência de se fazer e de se desfazer. O seu léxico hesita e oscila entre fantasia/sageza, luxo/modéstia, loucura/prudência, alegria/rigor, comodidade/refinamento. A moda é «privada de conteúdo, mas não de sentido», disse Barthes, e faz lembrar uma espécie de Dom Quixote cujo itinerário não evolui porque a sua lógica interna consiste num estímulo constante para adquirir tudo quanto seja possível consumir-se, ou um Dom Juan que rompe regularmente com o passado, obrigado a actualizar, sob pena de desaparecer, o objecto do seu amor.

Para além do senso comum, que identifica a moda com o ócio da superficialidade opulenta, aplica-se-lhe uma linguagem exaltante, optimista, «espumosa» e ao mesmo tempo extremamente séria, sem ponta de ironia: é preciso convencer as pessoas de que se trata de um assunto magno. Daqui deriva o recurso sistemático às metáforas («como uma deusa do Oriente», «um encontro breve como uma núvem de tule») que servem para manter as distâncias em relação à vida quotidiana. O estereótipo do que é novo, rico, supérfluo, molda e marca a indumentária, tornando-a apetecível, irrecusavelmente tentadora.

Sedas frescas, tafetás vaporosos, veludos quentes, damascos acariciantes, etc., são frases onde o adjectivo exorbita e exagera na ostentação da metáfora poética sobre o luxo. As situações: festas, encontros, **shoping**, recepções, **week-end**, aludindo embora a uma ditosa irrealidade, não deixam de recordar que é de bom gosto respeitar uma condição social onde ricos e pobres se encontram nitidamente separados. É esta outra das astúcias da moda: fingindo elevar todos, age contra o igualitarismo, já que é feita para distinguir e não para unificar.

Por outro lado, se o conceito de moda é uma paixão unitária para a princesa e para a operária, as distâncias acabam por ser imediatamente restabelecidas entre as duas consumidoras. «A moda, como a cultura de massas, dirige-se a todos, mas coloca cada um no seu lugar. É uma das instituições que melhor reconstrói e fundamenta, simulando aboli-las, a desigualdade cultural e a discriminação social» (Baudrillard, **Para Uma Crítica da Economia Política do Signo**). Em suma, não se conhece nenhum período da História recente em que a moda tenha renunciado a dividir.

Dramatizada, transformada em espectáculo nas **performances** que falam ao imaginário, a ambivalência sexual (bem descrita por Mallarmé em **La Derniére Mode**) marca as exigências de sedução expressas pela moda. Do unissexo passa-se ao casacão informe, amplo, masculino, debilitando aquele tabu social que contrariava todas as possíveis efeminações. A mania dos «acessórios» difundiu-se em grande escala, incitando a «criatividade» individual: é um delírio de calças mais túnica, mais camisa, mais colete, mais casaco, mais «écharpe». Estas andainas prometem a aventura despreocupada e soberanamente indiferente, mas são realmente o que há de mais «acabado», sistematizado, codificado, revelando talvez, no seu «a mais» delirante, uma inconfessável pulsão para afastar o corpo, escondê-lo, transformá-lo num continente submerso. O corpo, com efeito, passa a valer como «travesti», como cenografia.

Ao vestuário, ainda hoje muitas mulheres perguntam quem são, na moda delegando grande parte da sua busca de identidade, na medida em que, através dos seus sinais, promete a realização do desejo, o cumprimento do sonho. Não são apenas motivações de prestígio, ânsia de **status**, papel mimético, desejo de agradar, vontade de fugir às contrariedades quotidianas que explicam o interesse feminino pela moda: é também a convicção de nela encontrar a igualdade (oferecida pelo sistema da moda) e a diferença, sob a espécie de uma ilusão de singularidade que a moda inculca na mulher, garantindo-lhe ser diferente daquela que realmente é.

STAND
PEÇAS ORIGINAIS
OFICINAS

Fórmula 4
Concessionário Fiat

CREDITO FIAT
Sistema Usado Seguro

FIAT

Estrada Serra da Mira, Lotes 124 - 126
Telefax 492 13 73
Casal de S. Brás — 2700 AMADORA
Telefs.: 493 27 24 - 492 03 48 - 492 29 49

FIAT

Texto de
José Sesinando

A MODA E A SOCIEDADE

Seja como for — e é-o sem dúvida — Thoreau recomendava prudência perante «todos os empreendimentos que exijam o envergar de roupas novas». Não é porém menos exacto que, Sócrates, agonizante, lembrava: «Críton, devemos oferecer um galo a Asclépio; não te esqueças de tratar disso», o filósofo grego se ocupava dum assunto que não vem a propósito[1].

Oferecerá dúvidas o interesse da questão?

Almeida Garrett, sempre *dandy*, vestia calções à inglesa — e a inglesa ria-se muito enquanto ele lhos vestia. Os Doze Pares de França usavam doze pares de meias[2]. Ninon, provavelmente, foi de Lenços, e só uma corruptela a crismou. As onze mil virgens trajavam vestidos até ao chão e sem decote[3]. Os bordados da Madeira estão sujeitos simultaneamente à traça e ao caruncho. Tentar evitar a hipofilia duma senhora de redingote é inútil: do *riding-coat* à redingote veio um passo. Ao declararmos que reprovaríamos uma mulher escassamente vestida, queremos subconscientemente confessar que a reprovaríamos — que a provaríamos duas vezes.

Verifica-se, assim, que a elegância está inextricavelmente associada aos sucessos históricos, artísticos, económicos, políticos, éticos[4]. A moda faz o homem da sua época. Como se depreende do apelido alemão e do *sobriquet* francês, Beau Brummel foi o mais célebre janota da Inglaterra. Mas foi-o apenas porque usava água-de-colónia marca «Beau Brummell». E uma mulher é mais mulher se usar o perfume «Femme»[5]. Carlos IX de França terá realmente mandado chacinar os huguenotes? Ou terá apenas resmungado, entre dentes — e daí esse comentário ter sido mal interpretado — que queria abolir os capotes? Se Richelieu era tão pouco espirituoso, por que razão se falará tanto no «ponto» Richelieu? Sabê-lo-iam os três mosqueteiros[6]?

Terá certamente o leitor notado que grande parte da exemplificação expendida se reporta a figuras da história francesa. Não foi por acaso. A afirmação de que a França é a pátria da moda não pode ser rebatida[7].

Atente-se em que são de origem francesa os vocabulários *toilette, bâton, bathyscape, rouge, madame, banlieue, décapotable, dior, rigolo, camembert.* Tomando estas dez palavras como uma amostragem típica da língua francesa, verifica-se que quatro dizem respeito à *coquetterie*. O rigor da análise estatística revela-nos, pois, que 40% dos vocábulos do idioma de Madame de Sévigné se relacionam com os atavios e o embelezamento.

Em contraste, este exame mostra-nos que nenhuma destas palavras é dinamarquesa: na Dinamarca é portanto de 0% — ou seja, inferior àquela em 40% — a percentagem que investigamos. Noutros países europeus, a percentagem não chega a atingir uma média.

Resultados diferentes se obtiveram, é certo, na Austrália, mas isso é levar as coisas longe de mais: a estatística não pode abstrair da Estadística ou ciência do Estado, como já entre nós preconizava Sebastião José de Carvalho[8]. Isto para não aludirmos ao nível atingido por este índice no País de Gales, demasiadamente significativo para ter qualquer significado. E, se remontássemos à antiguidade clássica, aperceber-nos-íamos de que na Frécia, ao contrário do que sucedia em Roma, se empregava correntemente a expressão *«em Roma, sê Romano»* — observação esta que nos leva a abandonar prontamente a antiguidade clássica a que havíamos rementado[9]. Esta pesquisa, aliás, bempoderia recuar até à Lei das 12 Tábuas[10].

A celebrada batalha entre os sexos atinge particular violência no domínio do vestuário.

Disputas e questões constantes não lograram, até hoje, apurar se é a mulher ou o homem quem mais se arranja, mais se trata, mais se lava[11]. O problema coevamente tornou-se extensivo às próprias crianças[12]. Os anúncios de pasta dentrífica representam um sorridente casal com filhos, donde decorre por um lado a perfeita inocuidade do produto e por outro lado a sua ineficácia contraceptiva; os bazares de brinquedos vendem resmas de «Harper's Bazaar» à sua específica clientela; nos casamentos elegantes, a *toilette* da noiva é tão rigorosa quanto a de seus filhos que lhe pegam na cauda[13].

Os resultados deste precedente repercutir-se-iam validamente na circunstância determinante da causalidade condicional, com incidências colaterais no ambiente em que se processava, do mesmo passo, o estádio ecológico a que poria termo — ilusório, aliás — o alternado sobrelevar dos carácteres mágico-sociais que Schlimmell teorizou pertinentemente num esforço porreiríssimo[14].

Cabe, neste ponto, fazer um indispensável parênteses: Ei-lo:

( ). E prosseguimos.

O axioma teutónico «Ubung macht den Meister», se não significa «pelo andar da carruagem se vê quem lá vai dentro», significará pelo menos qualquer outra coisa[15]. Na verdade, não desapareceu ainda a crença de que a cada grupo ou classe social corresponde necessariamente um tipo definido de vestuário, espécie de índice exterior de casta[16]. Pelo traje se distinguira um banqueiro de um contínuo, um cantor de ópera de um camponês, um oficial do exército de uma freira.

Mas esta teoria não só tem vindo gradualmente a ser abalada pela evolução social como o seu emprego concreto é frequentemente falível: como diferençar, com base nela, a estirpe de duas mulheres em *bikini*? E quem se lembra de querer diferençar a estirpe de duas mulheres em *bikini*[17]?

Resumindo: este critério, sobre ser regressivo, poderia quando muito ser aplicável com bom senso, com imparcialidade, com autocrítica[18]. Ao leitor se recomenda o maior cuidado[19].

Afirmar o contrário não é mais do que patentear que se desconhece inteiramente o problema das relações entre a moda e sociedade. O que é quase tão vexatório como confundir Henry James com James Joyce com Joyce Cary com Cary Grant com Grant Wood, ou «O 93» com «Os 45» de Victor Hugo von Hoffmannstahl ou Denys de La Valière com Louise de la Pâtelière ou Scheller com Max Schmelling com Max Weber ou Jean Maurois com Maurice Barois com André Barrès com Charles Malraux com André Maurras com André Siegfried de Wagner ou Pierre Emmanuel do Nascimento ou John Dos Paços d'Arcos.

---

[1] É esta, pelo menos, a opinião de Kraft-Groppell. Em sentido contrário, consulte-se a tese de Groppell-Hraft.

[2] Tudo leva a crer que os Doze Pares de França, quando visitaram Portugal, pernoitaram na Casa dos Vinte e Quatro.

[3] A cada Par de França competiam 916,6 virgens, ou seja, 458,3 a cada meio-par. Pode o leitor verificar:

$$\frac{P \times 11\,000}{2} = 12\,P \times V$$

[4] Não chegou a pronunciar-se concretamente sobre este assunto o italiano Luigino Marocutto (1903-1905).

[5] Algumas têm a «Femme» e o proveito.

[6] A cada virgem correspondia 0,000 27 de mosqueteiro. Reconheça-se que não era muito. Em compensação, segundo Júlio Verne, cada um tinha 1,8 léguas submarinas. Mas, cada componente de uma equipa de futebol dispõe de 1000 virgens.

[7] A não ser com a afirmação de que a França *não é* a pátria da moda. Mas, argumentando desse modo, nunca mais daqui sairíamos.

[8] Mais tarde Sebastião José de Carvalho e Melo.

[9] Cf. Heródoto, *A Retirada dos 10 000* — em relação aos quais sobejavam 1000 virgens. Os tempos eram outros.

[10] Cada um de França tinha meia tábua.

[11] Eruditamente, Ana Plácido dizia a Camilo: «O *homo* lava mais, Branco.»

[12] Simone de Beauvoir, em *Le Troisième Sexe*, não versou este problema. Teve toda a razão.

[13] Poder-se-á talvez dizer que este argumento é *a posteriore*.

[14] Sobre Schlimmell poderão os interessados reler, com proveito, esta frase.

[15] «Por que é que vais com quem, quando, para onde?» — costumava perguntar Wagner ao grão-duque do Shleswig-Holstein. Nunca obteve resposta.

[16] Sobre *Casta*, consulte-se Susana.

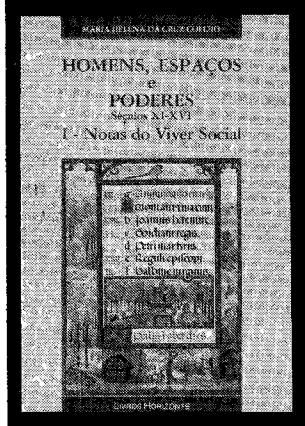
[17] A designação do próprio tecido *pied de poule* não pode ser tomada *au pied de la lettre*.

[18] Exemplo de autocrítica: «O teu automóvel está pintado duma cor muito feia.»

[19] Ou, como sustentam os penhoristas: todas as cautelas são poucas.

HOMENS, ESPAÇOS E PODERES - SÉC. XI/XVI

As épocas medievais continuam a apaixonar-nos. Desta vez e neste 1.º de 2 volumes, Maria Helena da Cruz Coelho percorre o centro e norte do país: Coimbra, Seia, Nóbrega, Guimarães, Caminha; para nos contar o trabalho das mulheres, a comida e a bebida, as revoltas, os combates à pobreza, os testamentos, as acções régias.



edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVILIVRO

A HERESIA POLÍTICA DE ESPINOSA

A filosofia de Espinosa não foi elaborada na solidão do filosofar metafísico, como algumas interpretações defendem.

O "Filósofo maldito" viveu envolvido na intervenção política, apostado no combate ao regime feudal.

Mas, ao mesmo tempo, a sua filosofia não vestia a burguesia ascendente.

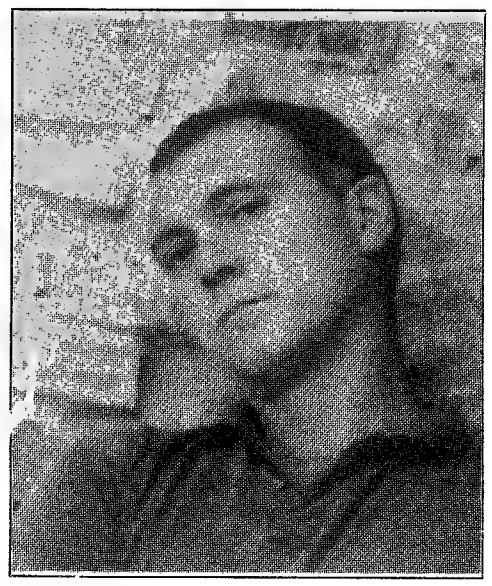
F. Cabral Pinto conta-nos "A Heresia Política de Espinosa"

edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVILIVRO

Texto de
Lourdes Féria

O BAÚ DA HISTÓRIA

Gae Aulenti



Sandro Chia

Em 1910, num dia quente de Agosto, a Gioconda desapareceu do Louvre, facto que coincide com o nascimento de Henry Vuitton, o autor do livro «La malle aux souvenirs», onde este episódio vem narrado. Um mês depois, perante o pasmo geral, anuncia-se a prisão de um tal Guillaume de Kastrowitzki, aliás Apollinaire, que ainda chegou a dormir duas noites na cadeia. Segundo Lepine, o prefeito da Polícia de Paris, no roubo estaria também envolvido um sujeito chamado Pablo Picasso. Suspeito de cumplicidade, o pintor foi intimado a comparecer no gabinete do juiz de instrução. Desvendou-se o mistério, afinal o quadro estava, em Itália, escondido debaixo da cama de Vicenzo Perugia, um pintor de edifícios. Durante o curso das investigações, todas as malas Vuitton, enviadas para o exterior, foram submetidas a um rigoroso controlo, pois admitia-se a hipótese de transportarem a Gioconda. Quanto a Lepine que não levara a melhor com os empregados de café, que reclamavam o direito de usar bigode, e nem seguer conseguira conter a revolta dos vindimadores de Roussillon, região onde se reconstituiram as vinhas, atacadas pela filoxera, com plantas californianas, vinga-se dos sucessivos sofridos, declarando guerra aos anarquistas. Em Abril de 1911, prende Bonnot, dias antes do navio "Titania"se afundar com 1390 passageiros a bordo.

Nada disto afecta Louis Vuitton que continua a progredir no continente americano. Num rasgo de visão, o maleiro compra um terreno de 500 metros quadrados nos Campos Elíseos, avenida onde se concentravam os hoteis de luxo, incluindo o de La Paiva, mandado construir no II Império por Thérese Lechman, para o segundo dos seus três maridos, o português Francisco de Paiva. Já instalado, Louis Vuitton convence os costureiros da rua de La Paix a tornarem-se seus vizinhos. Guerlain, o primeiro a render-se ao apelo, fixa-se no imóvel do lado, e muitos outros lhe seguem o exemplo. Paul Poiret, que banira do corpo das senhoras o corset, consagra-se como o rei da Alta Costura. No papel de um homenzinho saltitante e patético, o actor inglês Charlie Chaplin eternece os americanos que o colocam no pedesdal de vedeta, enquanto a Bela Otero destroça corações e dissipa fortunas na roleta do Casino de Monte Carlo. Marcel Proust publica, numa edição de autor, "A la recherche do temp perdu", precisamente no ano em que uma certa elite intelectual descobriu "Alcools" de Apollinaire.

Para esse Inverno de 1913, o costureiro Worth propõe casacos amplos com godets, gorros e regalos inspirados na indumentária russa. Com o advir da guerra de 1914 fecha-se o ciclo da belle-époque, período a que se sucece, após a assinatura do armistício, os "anos loucos", marcados por figuras como Mistinguette e Coco Chanel. Sob o signo da aviação comercial em desenvolvimento, Georges e Gaston Vuitton concebem um modelo de mala baptizada com o nome de "Aviette". A lei seca que, em teoria, faz evaporar o álcool do mercado americano, converte Al Capone num dos chefes mais temíveis da Mafia. No cinema, impõe-se um heroi positivo: o Zorro. Aos franceses a história reservalhes, nessa época, um capítulo hilariante. Elegem para presidente Paul Deschanel, um homem com problemas graves de

Sol Le Witt

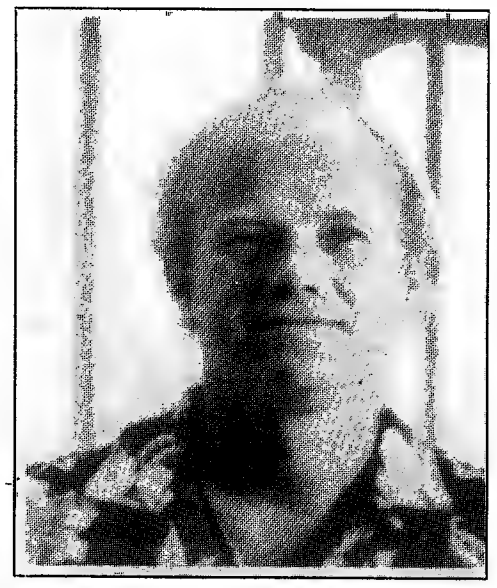
equilíbrio, que caíu da janela do combóio presidencial, acidente ridículo que se volta a repetir, desta vez na Normandia, onde se precipitou numa poça de água. Aconselharam-lhe a demitir-se, as quedas eram incompatíveis com a compostura exigida pelo cargo que desempenhava. Estas peripécias trágico-cómicas contribuiem para esquecer o caso Landru e as suas dez noivas reduzidas a cinzas. Empenhado em acções menos perigosas, Georges Vuitton dá uma conferência de imprensa sobre «a viagem iconográfica à volta da mala". No mundo do espectáculo, Pirandello lança seis personagens na pista do autor, e o músico negro Louis Armstrong junta-se ao Criole Jazz Band.

Atrevidas, as parisienses aderem ao soutien-gorge e ao corte de cabelo à "garconne". Georges Vuitton, que acabara de inventar uma mala adaptável ao porta-bagagem da linha de automóveis Citroën, cruza-se, no bar do expresso do Mediterrâneo, com Coco Chanel, Sacha Guitry e Ernest Hemingway. Ainda na ressaca de uma crise financeira, os franceses endeusam Joséphine Baker, a capitosa negra que imprimiu um novo ritmo às noites brancas de Paris. No rol de encomendas da casa Vuitton, figura um conjunto de 68 malas destinadas ao milionário Gulbenkian. Em 1926, Eisenstein converte, numa obra-prima da cinematografia mundial, o motim dos marinheiros do navio Potemkin.

Anos 30. O paquete francês "Normandia", partindo de Cherbourg, demora quatro dias e três horas a atingir Nova Iorque, façanha ocorrida na altura em que correm rumores de que Eduardo VII vai renunciar ao trono por amor da americana Mrs. Simpsom. Na União Soviética, o jornal "Pravda" critica a música "neurótica e desmoralizante" de Chostakovitch, «composta para agradar aos gostos perversos das audiências burguesas», mas omite as purgas, os processos e as execuções decretadas por Estaline.

O rapaz dos cabelos rebeldes

Em França vence a Frente Popular, liderada por Léom Blum. Noutro registo ideológico, 120 mil alemães aclamam o seu führer na cerimónia de abertura dos



James Rosenquist

Jogos Olímpicos. Hitler, coerente com as suas teses sobre o racismo, abandona furtivamente o estádio para não apertar a mão ao negro americano Jesse Owens que ganhou várias medalhas de oiro. Em Granada, 19 de Agosto, a Guarda Civil fusila Frederico Garcia Lorca.

Testemunha dos primeiros voos aéreos, amigo dos pioneiros do automóvel, infatigável passageiro dos combóios internacionais, Georges Vuitton despede-se, aos 79 anos, de um mundo que piora. Já não viu a povoação de Guernica ser apagada do mapa, barbaridade que Picasso registou na tela como símbolo do horror de uma guerra que lançou espanhois contra espanhois. André Malraux, o rapaz dos cabelos rebeldes, publica "L'Espoir", um livro que empolgou a esquerda romântica. Paris aplaude "A Grande Ilusão" de Renoir, a revelação do ano, e, em Boston, esgotam-se os bilhetes para a ópera negra "Porgy and Bess", composta por Gershwin.

Bombardeiros japoneses semeiam o pânico na base americana de Pear Harbor, vive-se o pesadelo da Segunda Guerra que termina em 1945, com a capitulação da Alemanha e o lançamento da bomba "Litle Boy" sobre Hiroshima. Assim, o mundo é atirado brutalmente para a era atómica. Com a cerimónia da coroação da rainha Isabel II de Inglaterra, transmitida em directo pela televisão, na aurora da década de 50, entramos na civilização da imagem. A Vuitton muda-se dos Campos Elíseos para as imediações da Etoile, instalando-se na Avenida Marceau, lugar mais adequado ao gosto da sua selecta clientela constituida por celebridades da política e do "show business". Os herdeiros de Gaston Vuitton, entretanto falecido, perpetuam a tradição da empresa, dentro do maior brio e dignidade.

As malas do nosso imaginário

Com enorme projecção universal, actualmente a Vuitton comanda um império. Associada às empresas, que comercializam o champanhe Möet Chandon, Don Perignon e Mercier, e aos perfumes Dior; detém ainda uma parte do capital das fragâncias Guerlain. Porque a tela do seu logotipo, inventado em 1896, se confunde com as diversas imitações que inundam o mercado, desde o falso de plástico às cópias escrupulosas, os artigos Vuitton não podem ser vendidos fora dos próprios estabecimentos, implantados em vários países. Todas as lojas são idênticas, todas se sujeitam ao mesmo critério estético: madeiras claras, igual disposição de prateleiras, mesas e montras, com uma ou outra peça clássica dos anos 30... e o retrato do fundador da dinastia, Louis Vuitton. Uma marca de luxo marca que remete para o nosso imaginário de viagem, universo fabuloso onde se perfilam marajás indianos, csares russos, Aga Khan, Nerval, Blaise Cendrars, Coco Chanel e Hergé. Como seriam as bagagens de "Tintin no Congo"? Atenta ao evoluir dos transportes (da diligência ao Caminho-de-Ferro, do automóvel ao avião), a Vuitton dedica-se à pesquisa de materiais para a feitura das suas malas. Ao verificar que os couros eram demasiado porosos e pesados, têve o mérito de ser o primeiro fabricante a cobri-los com uma lona

Arata Isozaki

especial e impermeabilizada. Até 1890 utilizou a madeira de álamo, seca e envelhecida, bastante mais leve do que o cartão revestido de couro das "suitcases", tendo posteriormente concebido os baús que se acondicionavam, de uma maneira perfeita, debaixo das camas dos transatlânticos, sem esquecer os "necessaires", a calhar para os "week-ends" de Bugatti.

Não obstante a criação de novos modelos, as regras de fabrico permaneceram invariáveis. Uma cuidadosa selecção de madeiras, o curtido vegetal das peles que adquirem patine com o tempo, um engenhoso trabalho de serralharia reflectido, em particular, na fechadura inviolável de cinco cadeados. Oferecendo uma gama de mil artigos, a Louis Vuitton continua a reproduzir o "steamer-bag" (1901), o "Speedy" e o "keepall", estes últimos modelos datados de 1924.

Para além da qualidade indiscutível dos materiais, a marca aposta na originalidade do desenho, o que se deve a Françoise Jollant, a sua directora criativa. Com ela colaboram alguns nomes sonantes das artes plásticas, entre os quais sobressai o da Gae Aulenti, a arquitecta responsável pelo visual do Museu Museu d'Orsay, em Paris. Foi ela que desenhou a caneta e a esferográfica, conjunto em ouro de 18 carates, com o monograma da Vuitton, e ainda o relógio de viagem, cujo preço ultrapassa os 1500 contos. Nos lenços de seda natural da marca, surge a assinatura do arquitecto japonês Arata Isozaki, com várias obras feitas nos Estados Unidos, nomeadamente o museu de Arte Contemporânea de Los Angeles, e que está encarregado da construção do Palácio dos Desportos, onde se irão desenrolar os Jogos Olímpicos de Barcelona. Na área do design de lenços colabora também o pintor Sandro Chia, um dos protagonistas do movimento figurativo italiano, denominado transvanguarda, que fez a escultura «L'Europe e la mer» com que deparamos no jardim das Tulherias, em Paris. Outras estrelas da constelação das artes plásticas se empenharam no desenho de lenços. Refiro-me, em especial, aos americanos James Rosenquist, um dos protagonistas da Pop Art que pratica um estilo caracterizado pela introdução de imagens publicitárias nas paisagens, e a Sol LeWitt, artista minimanista e conceptual. Atendendo aos elevados preços dos artigos Vuitton, seria interessante averiguar que tipo de clientela frequenta a loja de Lisboa. Ao que afirma Alda Salaviza, a directora da Louis Vuitton, em Portugal, trata-se de «uma gente com hábitos de marca, sem dúvida da classe alta... nada de novos ricos».

Lourdes Féria

Texto de
Ramalho Ortigão

DO TAMANCO AOS ARMINHOS

Horário de João Fernandes.

8 horas da manhã: Banhe-se, lave a cabeça e tire a caspa. Escove os dentes e as unhas. Barbeie-se ou faça-se barbear pelo seu criado de quarto. Vista-se do alfaiate Poole.

(Poole é o Goupil da *toilette* assim como Goupil é o Poole das Belas-Artes. Que nem em arte nem em *toilette* João Fernandes se regule jamais pelas suas ideias! Poole e Goupil são os seus pólos).

10 horas. — Audiência ao *maître d'hôtel.* Monte a cavalo, jogue as armas, visite a cavalariça e a estufa, ou guie a quatro.

12 horas. — Almoce. Receba o seu secretário, veja a correspondência, dite as suas cartas e leia a *Revista dos Dois Mundos,* repetindo a leitura de cada fascículo seguinte. Decore a *Revista dos Dois Mundos.*

4 horas. — Saia de carruagem, faça visitas ou compras, estude o bricabraque, abstenha-se de namorar na rua.

6 horas. — No seu quarto. Dispa-se. Lave a cara e os dentes. Faça-se friccionar pelo seu criado de quarto com uma luva turca embebida em água de *toilette.* Polvilhe o corpo com *veloutine.* Ate uma gravata branca e enfie uma casaca preta.

7 horas — Jante. Beba champanhe.

Das 9 horas até recolher. — Passe a noite como quiser contando que não entre nunca nos cafés e só depois da meia-noite apareça no seu clube.

Ideias de João Fernandes. Desde que saia barão até que chegue a par do reino e a marquês — inclusive — João Fernandes precisa de três ideias.

1.º Ideia sobre os destinos das sociedades modernas. Procure na *Revista dos Dois Mundos* até achar neste ponto uma ideia que lhe agrade. Mande formular pelo seu secretário essa ideia em termos resumidos e claros, e decore essa fórmula.

2.º Ideia sobre as formas do Governo. Procure *Revista.* Faça formular secretário. Decore fórmula.

3.º Ideia sobre o movimento económico, literário e artístico, Vid. *Revista.* Secretário. Fórmula de cor.

De dois em dois anos reformem-se estas três ideias com alguma modificação ou com o apêndice de alguma particularidade nova.

Ditos de João Fernandes. Para criar e manter a sua reputação do homem mais espirituoso do país, tenha João Fernandes dois ditos por mês: Um sobre o acontecimento mais notável, outro sobre a personagem mais célebre. Para obter este ditos procure no *Fígaro,* na *Vie Parisienne,* no *Punch* e nas comédias de Alexandre Dumas. Faça pelo seu secretário modificar, inverter ou imitar esse dito em uma frase nova. Decore essa frase e diga em sociedade.

As maneiras de João Fernandes. Não podendo ter o grande ar desafectado que dá a educação e a raça, procure João Fernandes adquirir o ar correcto.

Seja o mais que possa perpendicular, reservado e frio.

Fale baixo e sem gestos.

Nas casas para que for convidado, jante com atenção, saboreando, com uma voluptuosidade discreta e delicada, com o seu corpo em dois ângulos rectos, o guardanapo nos joelhos, o peito da camisa em grande evidência, uma rosa fresca na casaca.

Ao passar do salão para a sala de jantar nunca, nas casas dos outros, se meta a oferecer o braço a quem lho não pedir. Afaste-se um pouco, reservadamente, nesse momento, meta a sua claque debaixo do braço ou encrave no olho o monóculo, deixe desfilar os pares e, se não sobrar uma senhora que o solicite com um olhar, siga atrás do cortejo, pausadamente, cingindo os passos com o tapete para não pisar a cauda do vestido que o preceder.

Na casa de jantar é de urbanidade e de rigor uma rápida vista de olhos, entendida e apreciadora, ao lustre, ao aspecto geral da mesa, à baixela. Em seguida procure o prato em que se achar o seu bilhete e passe a jantar sem outra distracção que o perturbe.

Aceite benevolamente a conversação no pé em que os outros a puseram e coloque, se a oportunidade se oferecer, uma das suas três ideias ao assado, e um dos seus dois ditos à sobremesa (vid. caps. III e IV). Depois do jantar, no bilhar ou na sala em que se fume, ficar-lhe-á bem um ligeiro movimento desleixado a fim de pôr em contraste a sua linha habitualmente correcta. Convirá, por exemplo, que encruze os pés sobre o braço de um *feuteuil* deixando ver as solas dos seus sapatos de balle lustradas de novo.

Nos bailes procure durante as contradanças os lugares devolutos das senhoras velhas mais bem-educadas, faça-lhes respeitosamente a sua corte e abasteça-as nessas sábias práticas incomparavelmente proveitosas, das ideias, dos princípios, dos pontos de vista críticos sobre que deve julgar as mulheres e os homens que constituem o elemento elegante.

Fuja sempre da abundância provinciana dos cumprimentos. Diante de uma senhora incline-se profundamente. Para os homens um movimento de ombros é bastante. Tornar difícil a familiaridade é o melhor meio de a fazer valiosa.

O hábito da esgrima dar-lhe-á distinção e a firmeza indispensáveis na maneira de andar.

No teatro aplauda pouco e a tempo. Não se arrebate, não dê bravos.

A cavalo adquira no selim a posição determinada pelos grandes mestres da cavalaria moderna. Baucher e o general Daumas. Tenha em mão as duas rédeas e enfie todo o pé nos estribos. Não monte senão cavalos de raça inteiramente adestrados e monte-os despretensiosamente, sem o mínimo aparato equestre, sem presilhas e sem esporas, tendo por único equipamento umas luvas, de pele de cão ou de castor, e uma bengala.

A mulher de João Fernandes.

Tenha-se em vista neste capítulo que a mulher de João Fernandes é uma criatura muito mais inteligente do que ele. A estupidez é como um peso que se não sustenta sem uma certa força de músculos. A mulher é um ente extremamente débil para poder ser extremamente boçal.

Três simples qualidades bastam para tornar qualquer senhora perfeitamente delicada e distinta: a simplicidade, a bondade, a modéstia.

A razão por que a mulher da burguesia é geralmente mais malcriada do que a mulher aristocrata é que a burguesa pelas lutas da

Continuação na pág. 7

O Guia do Bom Garfo

RESTAURANTE E CERVEJARIA

DUAS AMAZONAS

SALÃO PARA BANQUETES

ESPECIALIDADES:

• ARROZ DE MARISCO • AÇORDA DE LAGOSTA
• FONDUE • BROCHET DE FILÉ MIGNHOM

ENCERRAMOS À 1 DA MANHÃ E AOS SÁBADOS PARA DESCANSO DO PESSOAL

AVENIDA DUQUE D'ÁVILA, 47-A — 1000 LISBOA — TELEFS. 52 18 92 - 52 19 58

O PAVÃO

RESTAURANTE, CERVEJARIA
E MARISCOS

VENHA EXPERIMENTAR AS NOSSAS ESPECIALIDADES

ENCERRAMOS ÀS 2 DA MANHÃ E AO DOMINGO

RUA DONA ESTEFÂNIA, 108-110 — 1000 LISBOA — TEL. 53 14 91

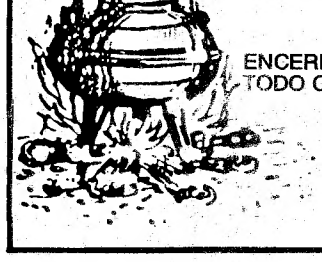
O PAÇO DO PRÍNCIPE

RESTAURANTE
PASTELARIA
ESPLANADA

ALMOCE OU JANTE
NO
JARDIM DO PRÍNCIPE REAL
O PRATO DO DIA
UMA
ESPECIALIDADE DIÁRIA DIFERENTE

Praça do Príncipe Real Jardim - T.346 60 76

CASA TRANSMONTANA



ESPECIALIDADES

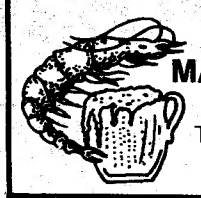
DE TRÁS-OS-MONTES

• DIARIAMENTE, O PRATO DO DIA É UMA ESPECIALIDADE DIFERENTE

ENCERRADO SÁBADOS E FERIADOS
TODO O DIA E DOMINGOS AO ALMOÇO

CALÇADA DO DUQUE, 39
TEL. 320300 — LISBOA

A TENDINHA



MARISQUEIRA RESTAURANTE

Estr. de Mem Martins, 211 a 215
Telef. 921 7863 • 2725 MEM MARTINS
(Junto às Finanças de Mem Martins)

O SERAFIM

RESTAURANTE * CAFÉ * CERVEJARIA

PEIXE SEMPRE FRESCO

PARA COMER BEM ATÉ AO FIM
SÓ VISITANDO O SERAFIM

R. Dr. Peixoto Correia, 69 - Tel. 2230 179 - SESIMBRA

Tia Ermelinda

RESTAURANTE-SNACK-CAFETARIA

COZINHA REGIONAL PORTUGUESA

PRATO DO DIA É DIARIAMENTE
UMA
ESPECIALIDADE DIFERENTE

RESERVE A SUA MESA

RUA LUZ SORIANO, 36 1200 LISBOA Tel. 346 46 17

GRANDE CHURRASQUEIRA CAMPO GRANDE

ESPECIALIDADES:

Bacalhau c/ Batata a Murro
Açorda de Marisco
Espetada de Lombo na Brasa
Cabrito Assado à Padeiro
Costeleta de Vitelão na Brasa
Tornedó à Casa

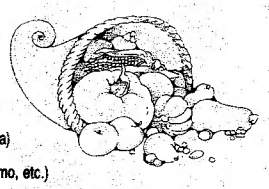
Encerra domingos ao jantar
e 2.ª-feiras todo o dia

Campo Grande, 402
Telefs. 759 01 31 - 759 14 77
LISBOA

---

espiral

CENTRO PARA A DIVULGAÇÃO DE ALTERNATIVAS



* Restaurante
Pratos: vegetarianos, macrobióticos, chinês, peixe, doces e salgados, bebidas e sumos
* Salão de chá
* Música ao vivo (todos os sábados)
* Artesanato
* Galeria (exposições de pintura, fotografia)
* Produtos dietéticos
* Livraria (ecologia, esoterismo, orientalismo, etc.)
* Conferências (todas as terças às 21h)
* Cursos astrologia, tarot, meditação, cozinha vegetarianas, macrobiótica e pintura
* **Consultas (medicina, fisioterapia, shiatsu, astrologia, tarot).**

Aberto todos os dias das 12 às 22h, incluindo fins-de-semana e feriados.

Praça Ilha do Faial, 14-A (à Estefânia) — Lisboa — Telef. 573585

RESTAURANTE VERDE MINHO

Gerência de: JORGE RODRIGUES
Especialidades:
• CARNE PORCO ALENTEJANA
• ARROZ DE MARISCO
• ARROZ ANGOLANA
• DOMINGO E 5.ª FEIRA
• COZIDO À PORTUGUESA
• ARROZ DE LAMPREIA

MÚSICA AMBIENTE

Sala Própria para Casamentos e Baptizados
Encerrado à 2.ª Feira

Urbanização da Mealhada, Lt. 2-Lj.-E Mealhada — LOURES
Tel. 983 51 80

Restaurante

O FORNO IDANHENSE

Comida regional da Beira Baixa

Especialidades
• Peixe sempre fresco
• Bacalhau c/batatas a murro
• Espadarte no churrasco
• Arroz de tamboril
• Costeleta de novilho
• Cabrito recheado no forno
• Assados em forno de lenha
• Grelhados (à vista do cliente)

O Famoso Bife na Pedra

Sala para banquetes *Aberto todos os dias*

Reabriu totalmente remodelada a casa típica da Beira Baixa

Largo Famões, 1 - FAMÕES 2675 ODIVELAS - Tel. 932 96 09

ABRIU

MAIONZINHO

RESTAURANTE - TÍPICO

COZINHA REGIONAL África - Portugal - Brazil

EM PLENO ♥ DE LISBOA

ABERTO TODOS OS DIAS DAS 10 às 22 H.

ESPECIALIDADES:
Kalulú de Peixe (África)
Cozido à Portuguesa (Portugal)
Moamba de Galinha (África)
Bacalhau à Lagareiro (Portugal)
Mufete (África)
Feijoada à Brasileira (Brasil)
Kalulú de Carne Seca (África)
Xanfana à Beira Alta (Portugal)
Caxupa Cabo-Verdiana (África)
Feijoada à Transmontana (Portugal)
Funge de Cabidela (África)
Açorda (Portugal)
Moamba de Jinguba (África)
Kibeba (África)
Musonguê (África)

CENTRO COMERCIAL MOURARIA — LOJA 138-139 — PISO: (–2) • 1000 LISBOA • METRO (ESTAÇÃO DO SOCORRO)

DO TAMANCO AOS ARMINHOS

Cintinuação da pág. 5

vida em que se achou empenhada com seu pai ou com seu marido pela sua intervenção nos negócios, pela sua constante aspiração ao êxito, à fortuna, à riqueza, ao ingresso nas classes superiores, sendo muitas vezes humilhada, repelida, derrotada, criou naturalmente na sua alma o despeito, a amargura, a inveja.

Ainda depois de vencedora, de enriquecida, de nobilitada, no meio feliz da opulência e da dignidade, a pontinha de fel da antiga lutadora transparece na sua nova pele e alastra-se na sua personalidade com uma nódoa grosseira.

As fidalgas têm geralmente as maneiras, e têm o fino critério porque não endureceram nas experiências da sua vida a sua sensibilidade nativa. Viveram sempre no mesmo meio sereno e pacífico, na plena naturalidade do seu ser, sem aspiração a outra coisa, e por isso mesmo sem inveja à outra gente. O *sangue azul* é uma doce expressão, finalmente achada, que dá bem o tom dessa bondade inocente — *o azul do carácter,* qualidade que, de resto — consolem-se as burguesas — é mais um prestígio de salão do que um préstimo na humanidade. Quando os maridos sucumbem, quando se arruínam, quando empobrecem, as fidalgas caem na apatia, na prostração, no desleixo desconsolado e estéril. A burguesia em iguais circunstâncias reage, luta, moureja, economiza, lança-se ao trabalho no encalço da fortuna perdida, espanca com o cabo da vassoura a desolação e a miséria, e é para seu marido a digna companheira benéfica e valorosa, culpada talvez de o haver um dia metido no declive da ruína, mas igualmente capaz de o fazer entrar e de entrar corajosamente com ele no áspero dever.

A falta da simplicidade e a falta da modéstia constituem pois o principal dos defeitos que esta carta de guia deve corrigir na mulher de João Fernandes para o fim de lhe dar a alta aparência aristocrática de uma viscondessa preparada à pressa, artificialmente, como um fruto de estufa. Isto enquanto à expressão das maneiras.

Perca a senhora João Fernandes o hábito execrável de percorrer todos os dias as ruas, as lojas e as confeitarias.

Evite igualmente estar em todas as primeiras representações, em todos os benefícios, em todas as festas.

Fuja como da peste da triste distinção de ver figurar o seu nome, sob qualquer pretexto que seja, nos noticiários dos jornais.

À notoriedade mancha um pouco o primor senhoril. Aparecer em toda a parte é para uma senhora cair em celebridade de rua, é confundir-se com as coisas vulgares, com as tabuletas, com os cartazes, com as litografias, com os letreiros das esquinas, é demitir-se, é abdicar para as graves coisas austeras e respeitáveis, para a dignidade da sua casa, para a estima de seu marido, para o respeito de seus filhos. Os moços de fretes postados às esquinas das ruas conhecem-a, e dizem: *Lá vem ela!* Os cocheiros da praça sorriem-lhe do alto dos seus *coupés.* Os caixeiros das lojas de modas oferecem-lhe a mão, ou tocam-lhe com o dedo no ombro, e murmuram uns para os outros: *A nossa elegante...*

Os grupos da casa Havanesa e do Baltresqui falam dela como dos gaiatos da esquina do Baldanza, dizem *À Fulana* como dizem o *Rei Bamba* ou o *Meio Arrátel.* Põem-lhe uma alcunha. Chamam-lhe o *Fósforo de escada,* se ela é alta. Chamam-lhe *A Pílula,* se ela é pequena. E quando ela falta uma tarde, pergunta-se: *Que diremos que lhe sucedesse?* — E responde alguém que se informou: — *Agravou-se-lhe um calo no pé direito.* E às duas horas da noite o tipógrafo, que compõe o nome dela na lista das pessoas presentes no último baile, exclama enfastiado com um bocejo de tédio: — *Cá está o diabo!*

E é desta criatura, assim enxovalhada pelos encontrões do público, com o seu nome ensebado como uma carta de taberna, cheia das dedadas e das nódoas que imprimem os contactos da publicidade, que um homem sério há-de dizer: — *É minha mulher!* e que um rapaz digno será obrigado a confessar: — *É minha mãe!*

Que a mulher de João Fernandes procure portanto entreter-se em sua casa, com sua família, com o estreito círculo dos seus amigos. Dirija a cultura do seu jardim. Tenha uma estufa e um aquário. Borde ou desenhe, pinte ou faça música.

Nunca nas suas *soirées* íntimas deixe de se ocupar em algum trabalho. Nada mais ordinário que o aspecto de uma senhora passando uma noite inteira espreguiçada num *fauteuil,* de braços cruzados. Um jornalista, contando há dias no *Diário da Manhã* como passara uma *soirée* em casa de Lord Lytton, embaixador inglês em Lisboa e neste momento governador da Índia, refere que enquanto Lord Lytton lia uma tragédia inédita de seu pai, o célebre escritor, Lady Lytton, com duas ou três das suas amigas em volta da mesa, cosia na sua costura.

Lady João Fernandes não é Lady Lytton, e, não obstante, talvez se ofendesse se nós a aconselhássemos a que fie na roca!

Adquira a senhora João Fernandes o hábito de ler todos os dias antes de sair de casa oito páginas de um bom livro. Depois, dentro da sua carruagem, passeando, nos intervalos da ópera no camarote de S. Carlos, no baile quando não tiver com quem conversar, pense na leitura, procure coordená-la de memória com a leitura do dia anterior, faça mentalmente o inventário dos seus conhecimentos sobre o ponto sugerido ou sobre os diferentes factos relacionados com ele. Advertindo que nada contribui para dar à fisionomia o ar insignificante e o ar imbecil do que não pensa em coisa alguma. Um condiscípulo de Goethe perguntou-lhe como ele, com feições grossas e vulgares, tinha conseguido tornar-se belo. Goethe respondeu: «Pensando em coisas justas.» Uma inteligência ocupada em pensamentos elevados transparece nos olhos e espiritualiza a fisionomia. O amor-próprio, a preocupação de nós mesmos, bestifica o semblante e dá, além disso, às mulheres nervosas uma inquietação especial conhecida de todos os observadores, à qual poderíamos chamar a *Dança de S. Tolinho.* Sentindo-se observada, a menina de temperamento vaidoso começa por olhar para si, nota que a sua mão tem as veias injectadas e agita-a no ar para a tornar mais pálida. Para disfarçar essa intenção abre e fecha o leque, move-o convulsamente... Logo depois pensa no penteado e compõe a madeixa que traz caída na testa... Lembra-lhe em seguida o nariz e precisa de se assoar... Imediatamente lhe come a ponta da orelha e sente a urgência de ir tocar com o dedo e de bulir no brinco... Parece-lhe então que se está mostrando perturbada, e cora... Quer cair em si e torna a abanar-se com o leque... Diz palavras sem nexo e sem sentido à pessoa que estiver ao pé dela... Mas — coitadinha! — não sabe como há-de pôr as mãos!... Abre e fecha a luneta, aplica-a, olha vagamente para um ponto no espaço... Lembra-lhe de repente que lhe convirá essa atitude, que poderá descansar assim um momento... Finge-se interessadíssima em considerar no espaço o ponto indefinido... Mas não: seria já pegar no leque de mais... É melhor bulir nas pulseiras para ganhar tempo... Uma ideia: — Calçar as luvas!... Bom!, que bela ideia!, como isto vai levar tempo! Calçá-las, retesá-las, apertar-lhe todos os botões... Oh! mas nota que tinha a pérola do anel voltada para dentro, que se lhe veja pelo menos a sua pérola!... E volta para fora o engaste do anel... E torna a pegar na madeixa, para tirar o relógio, para fingir que vê as horas... Até que tem uma rsolução extrema: olha para o homem que a observa, olha-o, com humildade, com ternura. «Tu és feio e vulgar, pensa ela, mas tens um olho fino: tens um sorriso cheio de sagacidade e ironia! Percebeste tudo. Descobriste a minha vaidade. Perdoa-me. Prefiro a esta reputação de idiota deixar-te crer que foi a tua presença que me perturbou. Rendo-me. Adoro-te: aqui está o que é!»

E a pobre mártir deixa-se namorar como uma doida. Para quê? Oh! desgraçado contra-senso! para fingir que tem juízo.

Ter sempre o espírito ocupado, eis o contraveneno soberano dos falsos gestos, das falsas atitudes e dos desconcertos nervosos originados na vaidade.

A vaidade tem a sua higiene, tem a sua educação. A vaidade é um bom elemento da sociedade, é — a emulação no estado de inocência. Governada por um justo critério é a vaidade que leva a mulher à posse dos principais recursos que a tornam estimada e querida. É pela vaidade que a mulher adquire o talento da conversação, a arte da *toilette,* os discernimentos artísticos, a delicada escolha dos hábitos e das maneiras, as curiosidades de erudição, os mil meios de ser agradável e beneficente, todos os pequenos dotes finalmente que constituem o mimo de uma personalidade e o encanto da sua convivência.

Não diremos outro tanto do orgulho. Que a senhora João Fernandes eduque a sua vaidade, mas que extinga até o último vestígio a tendência do seu carácter para o orgulho! Ele é no meio dos sentimentos delicados o grande bicho indomesticável. A vaidade é sempre inofensiva; o orgulho morde, arranha, dá couces, e produz uma prole intratável: a insolência, a grosseria, a cegueira, o mau modo e o mau génio teimoso, cabeçudo, danado.

BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ___/___/___ Pelo período de

☐ 1 ANO — 18 000$00
☐ 6 MESES — 9 000$00
☐ 3 MESES — 4 500$00
☐ 1 MÊS — 1 500$00

Nome _____

Morada _____

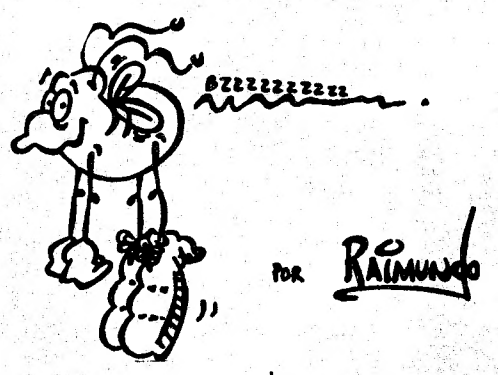
Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70$00 cada • Mudança de endereço: 150$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850$00. • **Informação ao assinante:** os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacinal até 100 gramas, pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

A MOSCA


Bzzzzzzzzz
POR RAIMUNDO

HOJE, O GRANDE ESTILISTA YVES LEMERDIER VAI APRESENTAR A SUA COLECÇÃO PRIMAVERA/VERÃO "LE CHARME DE LA CREME".
Bzzzzz
MERCI, MON GARÇON. VAMÔS COMÊÇARR...
Bzzzzzzz

"PELO CHAPEAU DE PAPEL HIGIENIQUE, ENROLADÔ E COM DECORAÇÃO SUBTIL, MAS QUE PELA SUA NATURREZA NON DEVE SERR USADÔ EM DIAS DE SOL..."
Bzzzzz

Bzzz
"E ESTE FATÔ, TAMBÉM EM PAPEL HIGIENIQUE, MAS COM A DIFERRÊNÇA DE A SAIA SER DE PAPEL USADÔ... MAIS UMA VEZ, SIRRVO-ME DE ÚMA DÉCORATION, DESTA VEZ PARRA O OMBRRO..."

TAMBÉM TENHO UMA COLECTION DE JOIAS, COMO ESTE BRINCÔ, TÃO ORRIGINAL ...

"NA LINHA-NOIVA, CRRIEI ESTE EXCELENTE VESTIDO, ONDE SE DESTACA A GRRINALDA, FEITA DE FRRALDA DE BÉBÉ, USADA. O VESTIDO, COMO É CLARRO, É DE PAPEL HIGIÉNIQUE. OS SAPATÔS IRRÃO SERR A GRRANDE MODA DO ANO..."
Bzzzzz
"AH!... O BOUQUET, COMO PODEM VERR, É AO GOSTO..."

MAS PARRA CONHECERREM TODA A MINHA COLECTION, LEIAM A REVISTA "POUTREFACTION"...
JE SUIS UN POETE!
Poutrefaction la revue de la mouche moderne
Bzzzz
RAIMUNDO 90